

**HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA**

**26  
poetas  
hoje**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

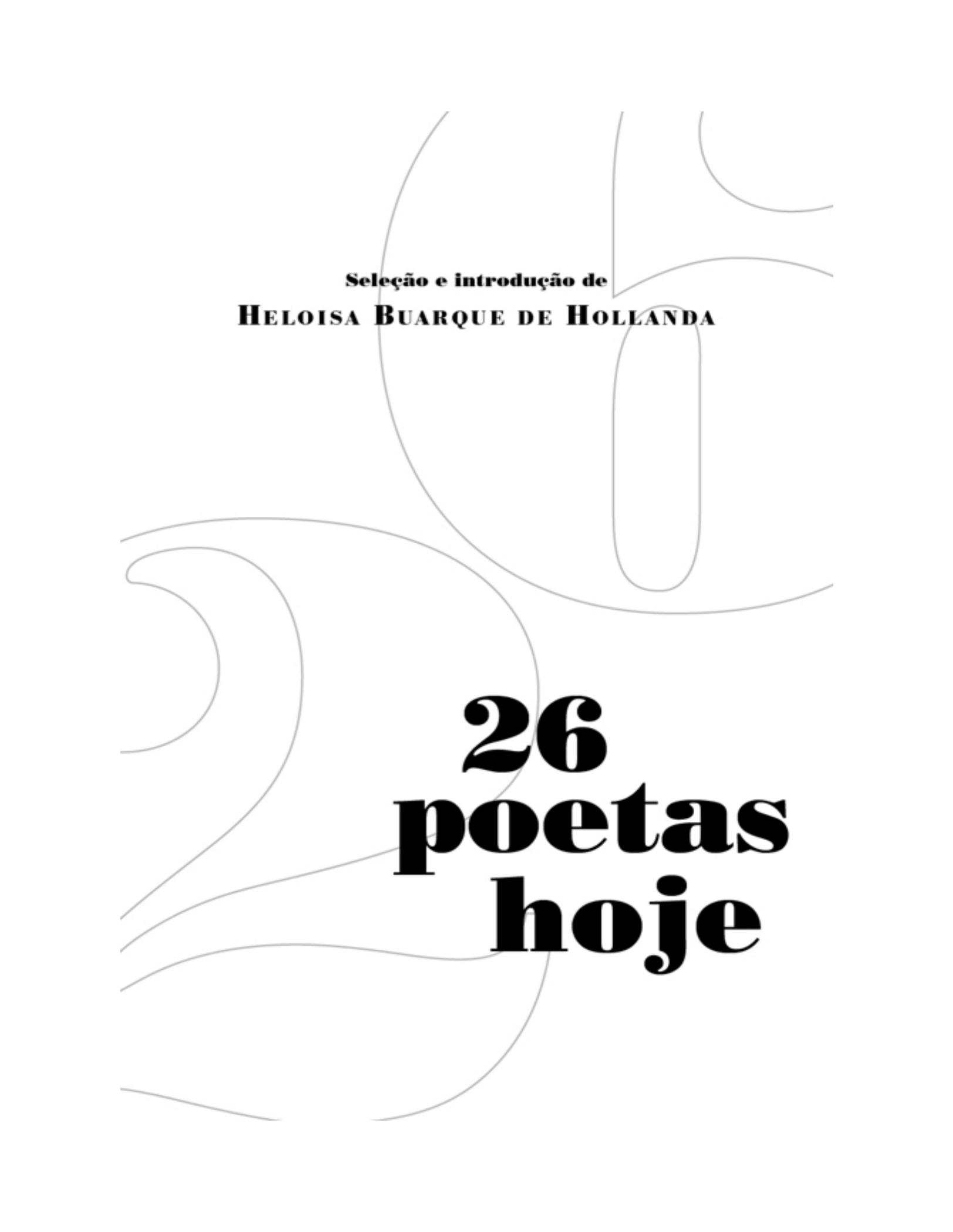
## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Você pode encontrar mais obras em nosso site: [Epubr.club](https://epubr.club) e baixar livros exclusivos [neste link](#).





**Seleção e introdução de**  
**HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA**

**26**  
**poetas**  
**hoje**

# Sumário

[Capa](#)

[Apresentação a esta edição – Tiago Ferro](#)

[Introdução – Heloisa Buarque de Hollanda](#)

[Francisco Alvim](#)

[Carlos Saldanha](#)

[Antonio Carlos de Brito](#)

[Roberto Piva](#)

[Torquato Neto](#)

[José Carlos Capinan](#)

[Roberto Schwarz](#)

[Zulmira Ribeiro Tavares](#)

[Afonso Henriques Neto](#)

[Vera Pedrosa](#)

[Antonio Carlos Secchin](#)

[Flávio Aguiar](#)

[Ana Cristina Cesar](#)

[Geraldo Eduardo Carneiro](#)

[João Carlos Pádua](#)

[Luiz Olavo Fontes](#)

[Eudoro Augusto](#)

[Waly Sailormoon](#)

[Ricardo G. Ramos](#)

[Leomar Fróes](#)

[Isabel Câmara](#)

[Chacal](#)

[Charles](#)

[Bernardo Vilhena](#)

[Leila Miccolis](#)

[Adauto](#)

[Posfácio](#)

[Sobre os autores](#)



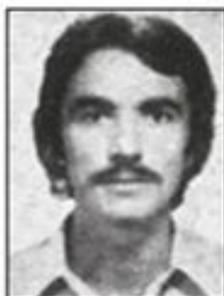
ROBERTO PIVA



TORQUATO NETO



JOSÉ CARLOS CAPINAM



ANTONIO CARLOS SECCHIN



FLÁVIO AGUIAR



ANA CRISTINA CÉSAR



GERALDO EDUARDO CARNEIRO



RICARDO G. RAMOS



LEOMAR FRÓES



ISABEL CÂMARA



CHACAL



LEILA MICCOLES



ADAUTO



FRANCISCO ALVIM



CARLOS SALDANIA



ANTONIO CARLOS DE BRITO



ROBERTO SCHWARZ



ZELMIRA RIBEIRO TAVARES



AFONSO HENRIQUES NETO



VERA PEDROSA



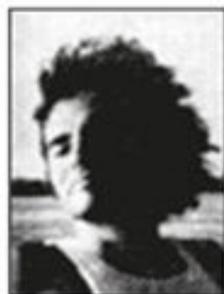
JOÃO CARLOS PÁDUA



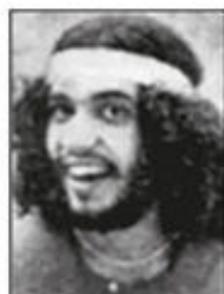
LUIZ OLAVO FONTES



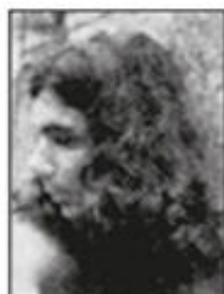
ELDORAUGUSTO



WALT SAILORMOON



CHARLES



BERNARDO VILHENA

*26 poetas hoje*, publicado em 1976 como resposta dos poetas jovens aos anos de chumbo, volta agora às prateleiras virtuais, exclusivamente em formato digital e definitivamente publicado.

Vários dos poetas que despontavam com vigor durante a década de 1970 foram lançados aqui. Hoje são nomes consagrados da literatura brasileira moderna.

De lá pra cá, o Brasil mudou, mas não muito. E os artistas que se arriscavam ontem continuam nos ajudando a pensar este novo-velho país.

*26 poetas hoje* percorreu o caminho de livro visionário a livro mítico, sem perder sua energia contestadora, presente tanto na forma quanto no conteúdo dos poemas.

Encerro esta breve nota repetindo o que a organizadora escreveu na introdução da primeira edição desta obra: “Curiosamente, hoje, o artigo do dia é a poesia”. Verdade em 1976, verdade neste início de século XXI.

*Tiago Ferro*  
São Paulo, junho de 2016

Curiosamente, hoje, o artigo do dia é poesia. Nos bares da moda, nas portas de teatro, nos lançamentos, livrinhos circulam e se esgotam com rapidez. Alguns são mimeografados, outros, em offset, mostram um trabalho gráfico sabido e diferenciado do que se vê no design industrializado das editoras comerciais. Mesas-redondas e artigos de imprensa discutem o acontecimento. O assunto começa – ainda que com alguma resistência – a ser ventilado nas universidades. Trata-se de um movimento literário ou de mais uma moda? E se for moda, foi a poesia que entrou na moda ou foram os poetas? O fato é que a poesia circula, o número de poetas aumenta dia a dia e as segundas edições já não são raras.

Frente ao bloqueio sistemático das editoras, um circuito paralelo de produção e distribuição independente vai se formando e conquistando um público jovem que não se confunde com o antigo leitor de poesia. Planejadas ou realizadas em colaboração direta com o autor, as edições apresentam uma face charmosa, afetiva e, portanto, particularmente funcional. Por outro lado, a participação do autor nas diversas etapas da produção e distribuição do livro determina, sem dúvida, um produto gráfico integrado, de imagem pessoalizada, o que sugere e ativa uma situação mais próxima do diálogo do que a oferecida comumente na relação de compra e venda, tal como se realiza no âmbito editorial. A esse propósito, convém lembrar a tão frequente presença do autor no ato da venda o que de certa forma recupera para a literatura o sentido de relação humana. A presença de uma linguagem informal, à primeira vista fácil, leve e engraçada e que fala da experiência vivida contribui ainda para encurtar a distância que separa o poeta e o leitor. Este, por sua vez, não se sente mais oprimido pela obrigação de ser um entendido para se aproximar da poesia.

A desierarquização do espaço nobre da poesia – tanto em seus aspectos materiais gráficos quanto no plano do discurso – faz lembrar a entrada em

cena, nos idos de 60, de um gênero de música que, fazendo apelo tanto ao gosto culto quanto ao popular, conquistou a juventude universitária e ganhou seu lugar no quadro cultural. Foi a época dos Festivais da Canção e do Tropicalismo, do aparecimento de Caetano, Gil e Chico. Assim também, há uma poesia que desce agora da torre do prestígio literário e aparece com uma atuação que, restabelecendo o elo entre poesia e vida, restabelece o nexos entre poesia e público. Dentro da precariedade de seu alcance, esta poesia chega na rua, opondo-se à política cultural que sempre dificultou o acesso do público ao livro de literatura e ao sistema editorial que barra a veiculação de manifestações não legitimadas pela crítica oficial.

No plano específico da linguagem, a subversão dos padrões literários atualmente dominantes é evidente: faz-se clara a recusa tanto da literatura classicizante quanto das correntes experimentais de vanguarda que, ortodoxamente, se impuseram de forma controladora e repressiva no nosso panorama literário.

Num recuo estratégico, os novos poetas voltam-se agora para o modernismo de 22, cujo desdobramento efetivo ainda não fora suficientemente perseguido. Nesse sentido, merece atenção a retomada da contribuição mais rica do modernismo brasileiro, ou seja, a incorporação poética do coloquial como fator de inovação e ruptura com o discurso nobre acadêmico.

Se em 22 o coloquial foi radicalizado na forma do poema-piada de efeito satírico, hoje se mostra irônico, ambíguo e com um sentido crítico alegórico mais circunstancial e independente de comprometimentos com um programa preestabelecido. O flash cotidiano e o corriqueiro muitas vezes irrompem no poema quase em estado bruto e parecem predominar sobre a elaboração literária da matéria vivenciada. O sentido da mescla trazida pela assimilação lírica da experiência direta ou da transcrição de sentimentos comuns frequentemente traduz um dramático sentimento do mundo. Do mesmo modo, a poetização do relato, das técnicas cinematográficas e jornalísticas resulta em expressiva singularização crítica do real. Se agora a poesia se confunde com a vida, as possibilidades de sua linguagem naturalmente se desdobram e se diversificam na psicografia do absurdo

cotidiano, na fragmentação de instantes aparentemente banais, passando pela anotação do momento político. Nesse último caso, é interessante observar como a atualização poética de circunstâncias políticas, experimentadas como fator de interferência e limitação da vivência cotidiana, se faz contundente e eficaz, diferenciando-se do exercício da poesia social de tipo missionário e esquemático. A frequência de metáforas de grande abstração convive com a agressão verbal e moral do palavrão e da pornografia. Nesta poesia, observe-se que o uso do baixo calão nem sempre resulta num efeito de choque, mas que, na maior parte das vezes, aparece como dialeto cotidiano naturalizado e, não raro, como desfecho lírico.

A aproximação entre poesia e vida já observada no modo de produção das edições é, pois, tematizada liricamente. O lucro decorrente se representa pelo seu desdobramento em dividendos como a volta da alegria, da força crítica do humor, da informalidade. Ao assumir, mesmo, um teor altamente afetivo, esta poesia se coloca em competição com o que permaneceu aprisionada pela linguagem rígida da tradição clássica.

Como bem observou José Guilherme Merquior, no ensaio Capinan e a nova lírica, a presença de João Cabral e do classicismo modernista, ainda que sem dúvida constituam o apogeu do modernismo, estimula e sufoca ao mesmo tempo a nova poesia brasileira.

Não que a influência de Cabral, Drummond ou Murilo nela não se faça sentir muitas vezes. Mas a sua feição vivencial determina uma postura que privilegia o pessoal, o afetivo, o que implica, conseqüentemente, o abandono da expressão intelectualizada. Não é por acaso que podemos perceber que ela é episodicamente frequentada por traços bandeirianos e até mesmo românticos. Fundamentalmente, a nova poesia se caracteriza pela renovação dos impulsos desclassicizantes do modernismo e pela atualização da recusa ao convencional.

Entretanto, a aparente facilidade de se fazer poesia hoje pode levar a sérios equívocos. Parte significativa da chamada produção marginal já mostra aspectos de diluição e de modismo, onde a problematização séria do cotidiano ou a mescla de estilos perde sua força de elemento transformador

e formativo, constituindo-se em mero registro subjetivo sem maior valor simbólico e, portanto, poético.

Esta mostra de poemas não foi feita sem arbitrariedade. Como a circulação da maior parte das edições é geograficamente limitada e se confina às suas áreas de produção, não escolhi senão entre os trabalhos que estavam ao alcance de meu conhecimento. Assim, a grande maioria dos poetas apresentados são residentes ou publicados no Rio de Janeiro.

Além dos limites naturais e geográficos, outras restrições foram feitas. Como princípio, não quis que esta antologia fosse o panorama da produção poética atual, mas a reunião de alguns dos resultados reais significativos de uma poesia que se anuncia já com grande força e que, assim registrada, melhor se oferece a uma reflexão crítica. Portanto, as correntes experimentais, as tendências formalistas e as obras já reconhecidas não encontrariam aqui seu lugar. O que orientou a escolha e identifica o conjunto selecionado foi a já referida recuperação do coloquial numa determinada dicção poética. Entretanto, como o fato é novo e polêmico e a discussão apenas se inicia, achei mais justo não me restringir apenas à chamada poesia marginal, que integra parte substancial da seleção, mas estendê-la a outros poetas que, de forma diferenciada e independente, percorrem o mesmo caminho.

É o caso da inclusão de trabalhos como os de Capinan, Zulmira, Secchin e outros, que respondem de modo pessoal e curioso à filiação cabralina ou a fases significativas da evolução modernista.

Nomes como Torquato, e Waly, que, em 72, publicou *Me Segura Q'Eu Vou Dar Um Troço*, mesmo não estando presentes, no momento, foram indispensáveis nesta antologia, na medida em que marcam a virada do formalismo experimental para a nova produção poética de caráter informal.

A seleção realizada não registra apenas uma tendência de renovação na poesia de hoje mas, também, procura sugerir alguns confrontos entre as várias saídas que ela adotou.

*Heloisa Buarque de Hollanda*  
Rio de Janeiro, novembro de 1975

Francisco Alvim

*Muito obrigado*

Ao entrar na sala  
cumprimentei-o com três palavras  
boa tarde senhor  
Sentei-me defronte dele  
(como me pediu que fizesse)  
Bonita vista  
pena que nunca a aviste  
Colhendo meu sangue:  
a agulha enfiada na ponta do dedo  
vai procurar a veia quase no sovaco  
Discutir o assunto  
fume do meu cigarro  
deixa experimentar o seu  
(Quanto ganhará este sujeito)  
Blazer, roseta, o país voltando-lhe  
no hábito do anel profissional  
Afinal, meu velho, são trinta anos  
hoje como ontem ao meio-dia  
Uma cópia deste documento  
que lhe confio em amizade  
Sua experiência nos pode ser muito útil  
não é incômodo algum  
volte quando quiser

\* \* \* \*

## *O riso amarelo do medo*

Brandindo um espadim  
do melhor aço de Toledo  
ele irrompeu pela Academia  
Cabeças rolam por toda parte  
é preciso defender o pão de nossos filhos  
respeitar a autoridade  
O atualíssimo evangelho dos discursos  
diz que um deus nos fez desiguais

\* \* \* \*

## *Greta*

Estou vivendo meus grandes dias  
O Império terá sido mesmo  
uma fazenda modesta e ordenada mas sem povo  
Aqui, penteando este caroço de manga  
sobre o mármore da pia da cozinha,  
me lembro daquela mangueira ao lado do curral  
e de suas mangas-rosa  
Para chegar até lá  
a gente atravessava antes um pátio de pedras –  
entre o curral e a casa  
em cujas gretas um dia  
alguém viu desaparecer uma urutu cruzeiro

\* \* \* \*

## *Postulando*

A primeira providência  
é ver se há um cargo  
Se tiver, ele há de querer entrevistá-lo  
Ao meio-dia o candidato estará aqui  
o senhor querendo  
ficarei também para recebê-lo  
O telegrama dizia porque meu nome não fora aprovado  
razões de segurança, denúncia de um amigo  
que virou meu inimigo  
Foram corretos comigo  
deixaram-me ver o telegrama  
Não entendi  
Dois meses antes me haviam chamado de volta  
para responder a inquérito  
Saí limpo  
Ainda comentaram  
passou no exame, meu velho  
É bom que você saiba  
que tenho de fazer a consulta  
Um dia desses por que não saímos?

\* \* \* \*

## *Revolução*

Antes da revolução eu era professor  
Com ela veio a demissão da Universidade  
Passei a cobrar posições, de mim e dos outros (meus pais eram marxistas)  
Melhorei nisso –  
hoje já não me maltrato nem a ninguém

\* \* \* \*

## *Almoço*

Sim senhor doutor, o que vai ser?

Um filé-mignon, um filezinho, com salada de batatas

Não: salada de tomates

E o que vai beber o meu patrão?

Uma Caxambu

\* \* \* \*

## *Quem fala*

Está de malas prontas?

Aproveite bastante

Leia jornais; não ouça rádio de jeito nenhum

Tudo de bom

Não volte nunca

\* \* \* \*

## *Aquela tarde*

Disseram-me que ele morrera na véspera.  
Foi preso, torturado. Morreu no Hospital do Exército.  
O enterro seria naquela tarde.  
(Um padre escolheu um lugar de tribuna.  
Parecia que ia falar. Não falou.  
A mãe e a irmã choravam.)

\* \* \* \*

## *Eu toco pratos*

À minha esquerda  
violas ondulam um areal imenso  
À minha direita  
ossos de baleia cavucam as cáries do ar  
Maestro e pianista desfecham o último ofício:  
vai terminar o expediente  
Na plateia um fole arqueja

\* \* \* \*

## *Ordenha*

Os dedos flácidos  
acompanham trôpegos  
o embate da testa  
Ordenham esta ideia  
e mais aquela outra  
espremem bem a teta  
Longe o telefone  
acorda um latido –  
o bastante afinal  
para que a córnea escorra  
sobre a fronha

\* \* \* \*

## *Leopoldo*

Minha namorada cocainômana  
me procura nas madrugadas  
para dizer que me ama  
Fico olhando as olheiras dela  
(tão escuras quanto a noite lá fora)  
onde escondo minha paixão  
Quando nos amamos  
peço que me bata me maltrate fundo  
pois amo demais meu amor  
e as manhãs empalidecem rápido

\* \* \* \*

## *Uma cidade*

Com gula autofágica devoro a tarde  
em que gestos antigos me modelaram  
Há muito, extinto o olhar por descaso da retina,  
vejo-me no que sou:  
Arquitetura desolada –  
restos de estômago e maxilar  
com que devoro o tempo  
e me devoro

\* \* \* \*

## *Com ansiedade*

Os dias passam ao lado  
o sol passa ao lado  
de quem desceu as escadas

Nas varandas tremula  
o azul de um céu redondo, distante

Quem tem janelas  
que fique a espiar o mundo

\* \* \* \*

## *Pássaros que são pedras*

O outono cobre de folhas  
a relva úmida e as poças no diminuto anfiteatro  
Na lembrança descobre  
revoada de pássaros numa tarde estival  
a meio caminho de Assisi  
Asas discêntricas abrindo o ar  
como pedras um lago

\* \* \* \*

## *Luz*

Em cima da cômoda  
uma lata, dois jarros, alguns objetos  
entre eles três antigas estampas  
Na mesa duas toalhas dobradas  
uma verde, outra azul  
um lençol também dobrado livros chaveiro  
Sob o braço esquerdo  
um caderno de capa preta  
Em frente uma cama  
cujas cabeceira, abriu-se numa grande fenda  
Na parede alguns quadros  
Um relógio, um copo.

\* \* \* \*

## *Hora*

Ar azul  
ave em voo  
árvore verde do tempo.  
No açude  
onde mergulham sombras  
dois rostos (do pai, da filha)  
tremulam

\* \* \* \*

Encostei meu ombro naquele céu curvo e terno  
No lago as estrelas molhavam-se  
Sussurravam que meu abraço  
contivera a terra inteira e os ares

\* \* \* \*

Minha voz escuta tua voz  
dentro de meu corpo teu corpo  
árvores  
molhando meu sangue  
me abre

\* \* \* \*

## *Um homem*

De regresso ao mundo e a meu corpo  
As estradas já não anoitecem à sombra de meus gestos  
nem meu rastro lhes imprime qualquer destino  
Sou a água em cuja pele os astros se detêm  
A pedra que conforma o bojo das montanhas  
O voo dos ares

\* \* \* \*

# Carlos Saldanha

Coessarte tradicional!...  
Mas qual...

\* \* \* \*

## *O poeta pras cadeiras*

O poeta cumprimenta o seu público,  
As cadeiras que não podem  
sequer dar-lhe uma salva de palmas:  
que têm braços, têm pés,  
mas não têm mãos a medir  
Na admiração contumaz

Pra dar ânimo, enfim  
Que ânimo infusa, ninguém  
por certo João Limão  
se está querendo ser;  
Mas afinal algum interesse  
Mínimo que se desperte



\* \* \* \*

## *XIII*

### *Pesquisa utilitária*

De cem favoritos reais  
noventa e seis foram guilhotinados.  
É preciso conversar atentamente  
com os quatro que sobraram...

\* \* \* \*

## *Paisagem com movimentação*

Um pato deslizando  
em lago oval e roxo

Ao crepúsculo  
onde meninas  
dançam Chopin

Ou era só um carimbo?

\* \* \* \*

## *De binóculo*

Abaixando o copázio  
Empunhando o espadim  
Levantando o corpanzil  
Indiferente ao poviléu  
O homenzarrão abriu a bocarra  
fitando admirado  
a naviarra do capitorra



\* \* \* \*

## *Sonatina italiana*

A donzela órfã  
Seduzida e abandonada  
Soluça na neve.

O velho sabujo  
De cartola de veludo  
Olha de longe...  
E gargalha.

Foi ele que a desgraçou.

Mas bêbado e cético  
Pouco se importa.  
E gargalha: Ah Ah Ah...

\* \* \* \*

## *Sapiencial Saturno*

O Supercilioso Valete de Copas  
achou refrutável  
o solipsismo de Saturno  
“Pois se só houvesse o vosso eu  
Como ireis comer  
os de vossos filhos?”

O sapiencial velho  
coçando-se as barbas  
fazendo nogangas  
obliterar procurava  
o obnócio sorriso:  
“Justamente... Justamente...”



\* \* \* \*

## *Os filósofos*

Ante o empolgação  
que foi galvanizando  
sucessivamente  
os frades copistas,  
os geômetras,  
os astrônomos,  
os pálidos almirantes core suas lunetas,  
os monarcas augustos com suas esferas armilares,  
e os tabeliões

Ante as maravilhas da Ciência  
e do Progresso Tecnológico,  
Aconteceu que  
os filósofos, pouco a pouco,  
com suas ideias vagas,  
suas caraminholas na cabeça,  
um após outro,  
entre chacotas mal disfarçadas,  
foram sendo jogados ao mar,  
tichipum, tichipum,  
por cima do parapeito do convés  
do Barco do Conhecimento  
que navega por mares ignotos,  
levando à proa  
a orgulhosa máscara  
de Francis Bacon...

Cuidado, Capitão,  
Cuidado...

\* \* \* \*

## *Invocação*

Prestai-me vossas oiças,  
Oh Grandes Monarcas,  
Presidentes da República,  
e outros Chefes Supremos  
Que ditais os destinos da Humanidade  
da magnificência de vossos palácios  
e de vossos austeros gabinetes...  
Napoleão, quando tinha  
que saldar diferenças,  
algum tira-teima mais brabo,  
alguma pinimba com o Rei da Prússia,  
ou com o Tsar das Rússias, por exemplo,  
Napoleão  
vestia o chapéu de três bicos  
montava no cavaleiro branco  
E lá ia ele  
pacacá, pacacá,  
À frente da turma,  
pra dentro da fumaceira,  
pra dentro do rolo,  
do fura-bucho,  
do arranca-toco,  
e do pega-para-capar...



\* \* \* \*

## *O Soberano e o Astrólogo*

O Soberano deve suspeitar de tudo.  
E nem só o Soberano.  
De um Astrólogo não se pode fazer nada.  
De um Soberano tampouco.

Em todo o caso,  
ao de coroa sempre se oferece  
a botija de azeitonas.

O Soberano pode bancar a vítima.  
O Astrólogo deve bancar o louco.

\* \* \* \*

## *Zum e Metafisica*

“Porque ó Venerável, existe o mal?”

Indaga o ressentido Bacamarte.

“Eu é que sei?”, brada Malaquias,

“Porque não é o mundo

em forma de livro,

com ilustrações sem sépia,

ou hachurado grosso,

ou escrito em papel de arroz?

Enfim, vamos parar

com perguntas tolas

e vá me buscar uma cerveja”.



\* \* \* \*

## *O milionário e o Zum*

“Eu vim buscar a verdade do Zum”

Fala o milionário  
de dentro do Impalla  
para o monge sentado  
de pernas cruzadas.

“Porque procuras tal coisa aqui?”

Sermoneia o sábio Malaquias

“Porque ficas a mandriar

de automóvel

do mosteiro à volta”

(o monge ri à socapa)

“e esqueces o tesouro

na tua própria casa?”

Malaquias levanta-se, cada mão  
escondida

na manga oposta do quimono secular;

e segue falando:

“Nada tenho a te oferecer”.



\* \* \* \*

*Shen Hsiu*

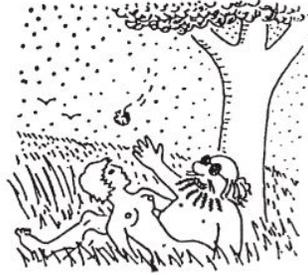
Havia um monge  
Que lustrava a careca  
Para que sua cabeça  
Fosse como se um espelho:  
Refletisse tudo  
E não guardasse nada.



\* \* \* \*

## *Malaquias Moritake*

Uma florzinha ébria  
Escorregando do ramo?  
Era uma florzinha caindo.



\* \* \* \*

## *A sabedoria do venerável*

Um dia, indo à cidade,  
Bacamarte encontra o Doutor Malaquias  
Dormindo numa cabine telefônica.

“Que fazes aí, ó Sábio, dormindo  
num lugar público e inadequado!”

Malaquias acorda furioso e brada:

“Cala-te, basbaque!

Em qualquer lugar  
me sinto confortável

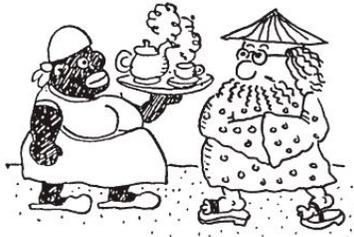
e com todas as pessoas também

Porque por mais que ande de Lisboa

pra Meca, de Cardiff pra Niterói,

nunca consigo sair de casa”.

E voltou a risonhar.



\* \* \* \*

## *A escolha do sucessor*

Uma tarde, Doutor Malaquias  
chamou os discípulos:  
“Vou fazer um teste para escolher  
qual de vós será meu sucessor.  
Vêde aquilo que coloquei no chão:  
Não o chameis moringa,  
mas dizei-me o que é”.

Badu veio e disse:  
“Bem, não é só um naco de barro  
Porque pode ir água dentro”.

Bacamarte veio e suspirou  
“Que pena que eu não posso chamá-la  
de moringa mesmo!...”

Mas Doutor Kopius, o erudito,  
que estava escondido atrás  
da cortina, surgiu correndo e  
lascou o chute:  
A moringa saiu voando,  
Quebrou o vidro da janela, sumiu.  
Malaquias olhou pro teutão  
E disse:  
“Se pensas que tua resposta  
foi brilhante,  
Estás redondamente enganado.  
Vais é pagar o prejuízo.



\* \* \* \*

## *Duhkha e a interpretação Zum*

Malaquias estava sentado,  
de pernas cruzadas,  
embaixo da árvore do quintal.  
Bacamarte aproximou-se reverente  
Acompanhado de  
Doutor Kopius, o erudito.  
Malaquias, como se em transe hipnótico  
segue falando: “nascimento”  
é duca, velhice é duca, morte  
é duca, assim também tristeza e alegria;  
até mesmo tédio  
é duca; estar ligado  
ao que não se quer, ser separado  
do que se quer, tudo o que se ama  
é duca, é duca.  
“Que quer dizer duka?”, indaga Baca,  
“Não é duka, é duhkha  
a palavra”, observa o Doutor Kopius,  
“algumas vezes identificada  
a Sofrimento  
e outras a frustração  
nas traduções ocidentais  
dos textos budistas originais  
qual esse que Malaquias  
assaz imperfeitamente  
está tentando repetir”.  
Doutor Malaquias,  
irritado com a interpretação  
do conceituado  
e impertinente sábio teutão  
Interrompeu um pouco o êxtase

e disse:

“Não é nada disso. Ademais você  
está pronunciando a palavra com  
uma ortografia que não é Zum.  
Duca quer dizer Ótimo”.



\* \* \* \*

## *Capitão Grogójó*

O tempo enfulijava  
No céu impenitente  
É de manhã no hemisfério...

Da ilha no esguelhão  
Amarrado com cipó  
O navio esgarabulhão  
Do Capitão Grogójó  
Jaz, todo cimério.

O capitão, vestido de malhó  
borrifa as hortaliças  
debaixo do japá,  
Ao seu ombro, encarangado,  
Um depenado jaó  
Que só sabe dizer: Gó... Gó... Gó...

E assim vamos sempre encontrar  
o bravo Capitão Grogójó  
fumando narguilé,  
enquanto pras nariculas  
de sua nariganga  
Vai empurrando rapé.

Olé!...



\* \* \* \*

# Antonio Carlos de Brito

## *Grupo escolar*

Sonhei com um general de ombros largos  
que fedia  
e que no sonho me apontava a poesia  
enquanto um pássaro pensava suas penas  
e já sem resistência resistia.  
O general acordou e eu que sonhava  
face a face deslizei à dura via  
vi seus olhos que tremiam, ombros largos,  
vi seu queixo modelado a esquadria  
vi que o tempo galopando evaporava  
(deu pra ver qual a sua dinastia)  
mas em tempo fixei no firmamento  
esta imagem que rebenta em ponta fria:  
poesia, esta química perversa,  
este arco que desvela e me repõe  
nestes tempos de alquimia.

\* \* \* \*

## *Aquarela*

O corpo no cavalete  
é um pássaro que agoniza  
exausto do próprio grito.  
As vísceras vasculhadas  
principiam a contagem  
regressiva.

No assoalho o sangue  
se decompõe em matizes  
que a brisa beija e balança:  
o verde – de nossas matas  
o amarelo – de nosso ouro o azul – de nosso céu  
o branco o negro o negro

\* \* \* \*

*Há uma gota de sangue no cartão-postal*

eu sou manhoso eu sou brasileiro  
finjo que vou mas não vou minha janela é  
a moldura do luar do sertão  
a verde mata nos olhos verdes da mulata  
sou brasileiro e manhoso por isso dentro  
da noite e de meu quarto fico cismando na beira de um rio  
na imensa solidão de latidos e araras  
                    lívido  
de medo e de amor

\* \* \* \*

## *Jogos florais*

### *I*

Minha terra tem palmeiras  
onde canta o tico-tico.  
Enquanto isso o sabiá  
vive comendo o meu fubá.

Ficou moderno o Brasil  
ficou moderno o milagre:  
a água já não vira vinho,  
vira direto vinagre.

\* \* \* \*

## *Jogos florais*

### *II*

Minha terra tem Palmares  
memória cala-te já.  
Peço licença poética  
Belém capital Pará.

Bem, meus prezados senhores  
dado o avançado da hora  
errata e efeitos do vinho  
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com dois esses  
que se escreve paçarinho?)

\* \* \* \*

## *Reflexo condicionado*

pense rápido:

Produto Interno Bruto

ou

brutal produto interno

?

\* \* \* \*

## *Vida e obra*

you know what Kant said?  
that if everything went right in the middle it would also  
end depending on the idea that it  
started with  
and then – to illustrate – he went dancing a  
foxtrot

\* \* \* \*

*E com vocês a modernidade*

Meu verso é profundamente romântico.

Choram cavaquinhos luares se derramam e vai  
por aí a longa sombra de rumores e ciganos.

Ai que saudade que tenho de meus negros verdes  
anos!

\* \* \* \*

## *A verdadeira versão*

O medo maior que tenho é de faltar  
    minha imagem  
em teus projetos futuros.  
Por isso só te conjugo no pretérito passado.

\* \* \* \*

## *Epopéia*

O poeta mostra o pinto para a namorada  
e proclama: eis o reino animal!

Pupilas fascinadas fazem jejum.

\* \* \* \*

## *Fatalidade*

A mulher madura viceja  
nos seios de treze anos de certa menina morena.  
Amantes fidelíssimos se matarão em duelo  
crepúsculos desfilarão em posição de sentido  
o sol será destronado e durante séculos violas  
                  plangentes  
farão assembleias de emergência.  
Tudo isso já vejo nuns seios arrebitados  
de primeira comunhão.

\* \* \* \*

## *Busto renascentista*

quem vê minha namorada vestida  
nem de longe imagina o corpo que ela tem  
sua barriga é a praça onde guerreiros se reconciliam  
delicadamente seus seios narram façanhas inenarráveis  
em versos como estes e quem  
diria ser possuidora de tão belas omoplatas?  
feliz de mim que frequento amiúde e quando posso  
a boceta dela

\* \* \* \*

Jamais esquecerei as maneiras  
de minha ex-namorada  
remava rio acima com a leveza de quem  
descia a favor da correnteza  
seu sorriso confundia a direção dos cachorros  
que viajam com as cabeças para o abismo  
seu corpo jamais soube distinguir entre  
a primavera e o outono  
quando penso no futuro me transformo  
no passado de minha ex-namorada

\* \* \* \*

## *Caminho da gávea*

O taxi para na esquina e meu  
coração está calcinado.  
A paisagem é impecável no seu  
espetáculo simétrico e lento. O sol cochila.  
Do outro lado da rua e de mim  
o mar deságua em si mesmo.

\* \* \* \*

## *Cinema mudo*

### I

Um telegrama urgente  
anuncia a bem-amada  
para o século vindouro.  
Arfando diante do espelho  
principio  
a pentear os cabelos.

O oceano se banha nas próprias águas.

\* \* \* \*

## *Cinema mudo*

### IV

Neste retrato de noivado divulgamos  
os nossos corpos solteiros.  
Na hierarquia dos sexos, transparente,  
                  escorrego  
para o passado.  
Na falta de quem nos olhe  
vamos ficando perfeitos e belos  
                  tão belos e tão perfeitos  
como a tarde quando pressente  
as glândulas aéreas da noite.

\* \* \* \*

## *Diário de bordo*

Os planos todos dispersos  
os primeiros estranhamentos com o filho,  
mecânico e pesado o coração destila  
uma coleção de remorsos.

Fecho os olhos de horror e eis que

das obscuras raízes

do centro de minha fronte

das rendas negras da carne

esplêndida e cintilante

desponta

a aurora boreal

\* \* \* \*

## *Praça da luz*

O inverno escreve em maiúscula  
sua barriga circense.

Namorados sem ritmo povoam o espaço  
onde gengivas conspiram e chefes de família  
promovem abafadas transações.

Um marreco aproveita a audiência  
e se candidata a senador. Anjinhos  
cacheados esvoaçam flâmulas  
e hemorróidas, corpos horrendos se tocam.

Uma gargalhada despenca do cabide:

marcial

um cortejo de estátuas inaugura  
o espantoso baile dos seres.

\* \* \* \*

## Roberto Piva

### *Praça da república dos meus sonhos*

A estátua de Álvares de Azevedo é devorada com paciência pela paisagem  
de morfina

a praça leva pontes aplicadas no centro de seu corpo e crianças brincando  
na Tarde de esterco

Praça da República dos meus Sonhos

onde tudo se fez febre e pombas crucificadas onde beatificados vêm  
agitar as massas

onde García Lorca espera seu dentista

onde conquistamos a imensa desolação dos dias mais doces

os meninos tiveram seus testículos espetados pela multidão

lábios coagulam sem estardalhaço

os mictórios tomam um lugar na luz

e os coqueiros se fixam onde o vento desarruma os cabelos

Delirium Tremens diante do Paraíso bundas glabras sexos de papel

anjos deitados nos canteiros cobertos de cal água fumegante nas

privadas cérebros sulcados de acenos

os veterinários passam lentos lendo Dom Casmurro

há jovens pederastas embebidos em lilás

e putas com a noite passeando em torno de suas unhas

há uma gota de chuva na cabeleira abandonada

enquanto o sangue faz naufragar as corolas

Oh minhas visões lembranças de Rimbaud praça da República dos meus

Sonhos última sabedoria debruçada numa porta santa

\* \* \* \*

## *A piedade*

Eu urrava nos poliedros da justiça meu momento abatido na extrema  
paliçada  
os professores falavam da vontade de dominar e da luta pela vida  
as senhoras católicas são piedosas  
os comunistas são piedosos  
os comerciantes são piedosos  
só eu não sou piedoso  
se eu fosse piedoso meu sexo seria dócil e só se ergueria  
aos sábados à noite  
eu seria um bom filho meus colegas me chamariam cu-de-ferro e me  
fariam perguntas por que navio boia? por  
que prego afunda?  
eu deixaria proliferar uma úlcera e admiraria as estátuas de  
fortes dentaduras  
iria a bailes onde eu não poderia levar meus amigos pederastas ou  
barbudos  
eu me universalizaria no senso comum e eles diriam que tenho  
todas as virtudes  
eu não sou piedoso  
eu nunca poderei ser piedoso  
meus olhos retinem e tingem-se de verde  
Os arranha- céus de carniça se decompõem nos pavimentos  
os adolescentes nas escolas bufam como cadelas asfixiadas  
arcanjos de enxofre bombardeiam o horizonte através dos meus sonhos

\* \* \* \*

## *Poema de ninar para mim e Bruegel*

“Ninguém ampara o cavaleiro  
do mundo delirante”

Murilo Mendes

Eu te ouço rugir para os documentos e as multidões  
denunciando tua agonia as enfermeiras desarticuladas  
A noite vibrava o rosto sobrenatural nos telhados manchados  
Tua boca engolia o azul  
Teu equilíbrio se desprendia nas vozes das alucinantes  
madrugadas  
Nas boites onde comias picles e lias Santo Anselmo  
nas desertas ferrovias  
nas fotografias inacessíveis  
nos topos umedecidos dos edifícios  
nas bebedeiras de xerez sobre os túmulos  
As leguminosas lamentavam-se chocando-se contra o vento  
drogas davam movimento demais aos olhos  
Saltimbancos de Picasso conhecendo-se numa viela maldita  
e os ruídos agachavam-se nos meus olhos turbulentos  
resta dizer uma, palavra sobre os roubos  
enquanto os cardeais nos saturam de conselhos bem-aventurados  
e a Virgem lava sua bunda imaculada na pia batismal  
Rangem os dentes da memória  
segredos públicos pulverizam-se em algum ponto da América  
peixes entravados se sentam contra a noite  
O parque Xangai é conquistado pela lua  
adolescentes beijam-se no trem fantasma  
sargentos se arredondam no palácio dos espelhos  
Eu percorro todas as barracas  
atropelando anjos da morte chupando sorvete  
os fios telegráficos simplificam as enchentes e as secas

os telefones anunciam a dissolução de todas as coisas  
a paisagem racha-se de encontro com as almas  
o vento sul sopra contra a solidão das janelas e as  
gaiolas de carne crua  
Eu abro os braços para as cinzentas alamedas de São Paulo  
e como um escravo vou medindo a vacilante música das flâmulas

\* \* \* \*

*Visão de São Paulo à noite*  
*Poema Antropófago sob Narcótico*

Na esquina da rua São Luíz uma procissão de mil pessoas  
acende velas no meu crânio  
há místicos falando bobagens ao coração das viúvas  
e um silêncio de estrela partindo em vagão de luxo  
fogo azul de gin e tapete colorindo a noite, amantes  
chupando-se como raízes

Maldoror em taças de maré alta  
na rua São Luíz o meu coração mastiga um trecho da minha vida  
a cidade com chaminés crescendo, anjos engraxates com sua gíria  
feroz na plena alegria das praças, meninas esfarrapadas  
definitivamente fantásticas  
há uma floresta de cobras verdes nos olhos do meu amigo  
a lua não se apoia em nada  
eu não me apoio em nada  
sou ponte de granito sobre rodas de garagens subalternas teorias simples  
fervem minha mente enlouquecida  
há bancos verdes aplicados no corpo das praças há um sino que não toca  
há anjos de Rilke dando o cu nos mictórios reino-vertigem glorificado  
espectros vibrando espasmos

beijos ecoando numa abóbada de reflexos  
torneiras tossindo, locomotivas uivando, adolescentes roucos  
enlouquecidos na primeira infância  
os malandros jogam ioiô na porta do Abismo  
eu vejo Brama sentado em flor de lotus  
Cristo roubando a caixa dos milagres  
Chet Baker ganindo na vitrola

eu sinto o choque de todos os fios saindo pelas portas  
partidas do meu cérebro  
eu vejo putos putas patacos torres chumbo chapas chopps

vitruas homens mulheres pederastas e crianças cruzam-se e  
abrem-se em mim como lua gás rua árvores lua medrosos repuxos  
colisão na ponte cego dormindo na vitrua do horror  
disparo-me como uma t6mbola  
a cabeça afundando-se na garganta  
chove sobre mim a minha vida inteira, sufoco ardo flutuo-me  
nas tripas, meu amor, eu carrego teu grito como um tesouro afundado  
quisera derramar sobre ti todo meu epiciclo de centopeias libertas  
ânsia fúria de janelas olhos bocas abertas, torvelins de vergonha,  
correrias de maconha em pique-niques flutuantes  
vespas passeando em volta das minhas ânsias  
meninos abandonados nus nas esquinas  
angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os templos  
entre a solidão e o sangue, entre as colisões, o parto  
e o Estrondo

\* \* \* \*

## *Visão 1961*

as mentes ficaram sonhando penduradas nos esqueletos de fósforo  
invocando as coxas do primeiro amor brilhando como uma  
flor de saliva

o frio dos lábios verdes deixou uma marca azul-clara debaixo do pálido  
maxilar ainda desesperadamente fechado sobre o seu mágico vazio  
marchas nômades através da vida noturna fazendo desaparecer o perfume  
das velas e dos violinos que brota dos túmulos sob as nuvens de  
chuva

fagulha de lua partida precipitava nos becos frenéticos onde  
caftinas magras ajoelhadas no tapete tocando o trombone de vidro  
da Loucura repartiam lascas de hóstias invisíveis

a náusea circulava nas galerias entre borboletas adiposas e  
lábios de menina febril colados na vitrina onde almas coloridas  
tinham 10% de desconto enquanto costureiros  
arrancavam os ovários  
dos manequins

minhas alucinações pendiam fora da alma protegidas por caixas de matéria  
plástica eriçando o pelo através das ruas iluminadas e nos arrebaldes  
de lábios apodrecidos

na solidão de um comboio de maconha Mário de Andrade surge como um  
Lótus colando sua boca no meu ouvido fitando as estrelas e o céu  
que renascem nas caminhadas

noite profunda de cinemas iluminados e lâmpada azul da alma  
desarticulando  
aos trambolhões pelas esquinas onde conheci os estranhos  
visionários da Beleza

já é quinta-feira na avenida Rio Branco onde um enxame de harpias  
vacilava com cabelos presos nos luminosos e minha imaginação  
gritava no perpétuo impulso dos corpos encerrados pela

Noite

os banqueiros mandam aos comissários lindas caixas azuis de excrementos  
secos enquanto um milhão de anjos em cólera gritam nas assembleias  
de cinza OH cidade de lábios tristes e trêmulos onde encontrar  
asilo na tua face?

no espaço de uma Tarde os moluscos engoliram suas mãos  
em sua vida de Camomila nas vielas onde meninos dão o cu  
e jogam malha e os papagaios morrem de Tédio nas cozinhas  
engorduradas

a Bolsa de Valores e os Fonógrafos pintaram seus lábios com urtigas  
sob o chapéu de prata do ditador Tacanho e o ferro e a borracha  
verteram monstros inconcebíveis

ao sudoeste do teu sonho uma dúzia de anjos de pijama urinam com  
transporte e em silêncio nos telefones nas portas nos capachos  
das Catedrais sem Deus

imensos telegramas moribundos trocam entre si abraços e condolências  
pendurando nos cabides de vento das maternidades um batalhão  
de novos idiotas

os professores são máquinas de fezes conquistadas pelo Tempo invocando  
em jejum de Vida as trombetas de  
fogo de Apocalipse

afã irrisório de ossadas inchadas pela chuva e bomba H árvore  
branca coberta de anjos e loucos adiando seus frutos  
até o século futuro

meus êxtases não admitindo mais o calor das mãos e o brilho  
platônico dos postes da rua Aurora comichando nos omoplatas  
irreais do meu Delírio

arte culinária ensinada nos apopléticos vagões da Seriedade por  
quinze mil perdidas almas sem rosto destrinchando barrigas  
adolescentes numa Apoteose de intestinos

porres acabando lentamente nas alamedas de mendigos perdidos esperando  
a sangria diurna de olhos fundos e neblina enrolada na voz  
exaurida na distância

cus de granito destruídos com estardalhaço nos subúrbios demoníacos pelo  
cometa sem fé meditando beatamente nos púlpitos agonizantes

minhas tristezas quilometradas pela sensível persiana semi-aberta da  
Pureza Estagnada e gargarejo de amêndoas emocionante nas palavras  
cruzadas no olhar

as névoas enganadoras das maravilhas consumidas sobre o arco-íris  
de Orfeu amortalhado despejavam um milhão de crianças atrás das  
portas sofrendo

nos espelhos meninas desarticuladas pelos mitos recém-nascidos  
vagabundeavam  
acompanhadas pelas pombas a serem fuziladas pelo veneno  
da noite no coração seco do amor solar

meu pequeno Dostoievsky no último corrimão do ciclone de almofadas  
furadas derrama sua cabeça e sua barba como um enxoval noturno  
estende até o Mar

no exílio onde padeço angústia os muros invadem minha memória  
atirada no Abismo e meus olhos meus manuscritos meus amores  
pulam no Caos

# Torquato Neto

## *Ver*

e deu-se que um dia eu o matei, por merecimento.  
sou um homem desesperado andando à margem do rio parnaíba.

\* \* \* \*

## *Vir*

correndo sol a pino pela avenida

\* \* \* \*

Agora não se fala mais  
toda palavra guarda uma cidade  
e qualquer gesto é o fim  
do seu início;

Agora não se fala nada  
e tudo é transparente em cada forma  
qualquer palavra é um gesto  
e em sua orla  
os pássaros de sempre cantam  
nos hospícios.

Você não tem que me dizer  
o número de mundo deste mundo  
não tem que me mostrar  
a outra face  
face ao fim de tudo:

só tem que me dizer  
o nome da república do fundo  
o sim do fim  
do fim de tudo  
e o tem do tempo vindo;

não tem que me mostrar  
a outra mesma face ao outro mundo  
não se fala, não é permitido:  
mudar de ideia. é proibido.  
não se permite nunca mais olhares  
tensões de cismas crises e outros tempos.

está vetado qualquer movimento.

\* \* \* \*

era um pacato cidadão de roupa clara  
seu terno, sua gravata lhe caíam bem  
seu nome, que eu me lembre, era ezequias  
casado, vacinado e sem ninguém.

brasileiro e eleitor, seu ezequias  
reservista de terceira e com família  
três filhos, prestações e alguns livros  
(enciclopédias e biografias).

era um pacato cidadão de roupa clara  
era um homem de bem que eu conhecia  
cumpria seus deveres, trabalhava  
chegava cedo, em casa de madrugada  
lutando pelo pão de cada dia.

era um pacato cidadão de roupa clara  
e todo dia passava e me dizia  
que o mundo estava andando muito mal  
eu perguntava por que, eu perguntava  
seu ezequias nunca me explicava  
apenas repetia  
lá dentro do seu puro tropical  
este mundo vai seguindo muito mal  
este mundo, meu filho, vai seguindo muito mal.  
ah, seu ezequias!

que pena, que desastre, que tragédia  
que coisa aconteceu naquele dia  
seu ezequias, ah, seu ezequias  
saiu do emprego e foi tomar cachaça  
e apenas de manhã voltou pra casa  
batendo na mulher, xingando os filhos  
seu ezequias, ah, seu ezequias

era um pacato cidadão de roupa clara  
era um homem de bem que eu conhecia  
e agora é a vergonha da família.

\* \* \* \*

## *Make love, not beds ou é isso mesmo*

FILHO de Kennedy não quer ser Kennedy

Deus os faz e os junta.

Amanhã em Tara eu pensarei nisso.

Pra o bom entendedor: meia palavra basta?

É disco que eu gosto?

Quem vem lá faça o favor de dizer por que é que vem.

Tem gente dando bandeira a meio pau.

Ninguém me ama, ninguém me chama, são coisas do passado (W.S.)

Quem sabe, sabe, conhece bem: gostoso gostar de alguém?

Vai começar a era de Aquarius. Prepare seu coração.

Ou não: dê um pulo do lado de fora.

Compre: Olhe. Vire. Mexa.

Você sempre me aparece com a mesma conversa mole.

Com o mesmo papo furado – só filmo planos gerais.

Sou feiticeiro de nascença/Trago o meu peito cruzado

A morte não é vingança/Orgulho não vale nada.

E atrás dessa reticência

Nada, ri-go-ro-sa-men-te nada

Boca calada, moscas voando, e tudo somente enquanto

Eu deixar. Enquanto eu estiver atento nada me acontecerá.

Um painel depois do outro e um sorriso de vampiro;

Eu me viro/como/posso me virar.

E agora corta essa – só quero saber do que pode dar certo

Mas hoje tenho muita pressa. Pressa! A gente se vê,

Na certa.

\* \* \* \*

## *Mais desfrute, curta*

- a) A virtude é a mãe do vício  
conforme se sabe;  
acabe logo comigo  
ou se acabe.
- b) A virtude é o próprio vício  
– conforme se sabe –  
estão no fim, no início  
da escada, Chave.
- c) Chuva da virtude, o vício,  
é conforme se sabe;  
e propriamente nela é que eu me ligo,  
nem disco nem filme:  
nada, amizade. Chuvas de  
virtude:  
chaves.
- d) amar-te/a morte/morrer.  
há urubus no telhado e a carne seca  
é servida: um escorpião  
encravado  
na sua própria ferida, não  
escapa;  
só escapo pela porta da saída.
- e) A virtude, a mãe do vício  
como eu tenho vinte dedos,  
ainda,  
e ainda é cedo:  
você olha nos meus olhos  
mas não vê, se lembra?
- f) A virtude

mais o vício: início da  
MINHA  
transa. Início fácil, termino:  
Deus é precipício,  
durma,  
e nem com Deus no hospício  
(durma), o hospício é refúgio.  
Fuja.

\* \* \* \*

## *Cogito*

eu sou como eu sou  
pronome  
pessoal intransferível  
do homem que iniciei  
na medida do impossível

eu sou como eu sou  
agora  
sem grandes segredos dentes  
sem novos secretos dentes  
nesta hora

eu sou como eu sou  
presente  
desferrolhado indecente  
feito um pedaço de mim

eu sou como eu sou  
vidente  
e vivo tranquilamente  
todas as horas do fim.

\* \* \* \*

## *D'Engenho de Dentro*

(excertos)

12/10

eu queria escrever sobre ana, mas ainda é cedo, eu não sei, não sei se posso e, finalmente, vejo que não quero. sobre a vinda de mamãe e papai até aqui, também não: falta qualquer novidade a esse respeito – a não ser que valha a pena anotar que reencontrar papai depois de três anos é como reencontrar um velho amigo que não via há três dias; e reencontrar mamãe depois de dois anos é como ser apresentado a alguém cujo nome, fama e aventuras eu já conhecia de sobra e que, portanto, me pareceu estranha, distante, mítica. mais ou menos assim. mas prefiro escrever sobre este lugar e minha vida dentro dele. a melhor sensação é a de reconquistar inteiramente o anonimato no contato diário com meus pares de hospício. posso gritar: “meu nome é torquato neto, etc., etc.”; do outro lado uma voz sem dentes dirá: meu nome é vitalino; e outra: o meu é atagahy! aqui dentro só eu mesmo posso ter algum interesse: minhas aventuras, nem um pinga. meu nome podia ser, josé da silva – e de preferência, mas somente no que se refere a mim. a eles não interessa. O dr. Osvaldo não pode fugir. nem fingir: mas isso eu comecei a ver, de fato, logo mais quando teremos nossa primeira entrevista. o anonimato me assegura uma segurança incrível: já não preciso mais (pelo menos enquanto estiver aqui) liquidar meu nome e formar nova reputação como vinha fazendo sistematicamente como parte do processo autodestrutivo em que embarquei – e do qual, certamente, jamais me safarei por completo. mas sobre isso, prefiro dar mais tempo ao tempo: eu sou obrigado a acreditar no meu destino. (isso é outra conversa que só rogerio entenderia). tem um livro chamado: o hospício é deus. eu queria ler esse livro. foi escrito, penso, neste mesmo sanatório. vou pedir a alguém para me conseguir esse livro.

13/10

eu: pronome pessoal e intransferível. viver: verbo transitório e transitivo, transável, conforme for. a prisão é um refúgio: é perigoso acostumar-se a ela. e o dr. Osvaldo? Não exclui a responsabilidade de optar, ou seja:?

20/10

É preciso não beber mais. Não é preciso sentir vontade de beber e não beber: é preciso não sentir vontade de beber. É preciso não dar de comer aos urubus. É preciso fechar para balanço e reabrir. É preciso não dar de comer aos urubus. Nem esperanças aos urubus. É preciso sacudir a poeira. É preciso poder beber sem se oferecer em holocausto. É preciso. É preciso não morrer por enquanto. É preciso sobreviver para verificar. Não pensar mais na solidão de Rogério, e deixá-lo. É preciso não dar de comer aos urubus. É preciso enquanto é tempo não morrer na via pública.

4/4/71

Debaixo da tempestade  
sou feiticeiro de nascença  
atrás desta reticência  
tenho o meu corpo cruzado  
a morte não é vingança

7/4/71

– Foi um caminhão que passou. bateu na minha cabeça. aqui. isso aqui é péssimo, não me lembro de nada.

– Eles não deixam ninguém ficar em paz aqui dentro. são bestas. Não deixam a gente cortar a carne com faca mas dão gilete pra se fazer a barba.

– Pode me dar um cigarro? eu só tenho um maço, eu tenho que pedir porque senão acaba. Pode me dar as vinte.

\* \* \* \*

# José Carlos Capinan

## *Anima*

Existe uma menina onde meu coração é doce.  
Voz marítima selvagem eu guardo  
o hálito da vítima o branco vestido e o traço do rosto  
dramático, dela  
do outro  
e do meu um pedaço.

São colinas os cavalos  
e todas as lagoas envenenadas de lua e sangue.  
Eu quero morrer, como tenho medo  
quero morrer me conhecendo como um touro indomável  
Entre espadas e toureiro.

O meu destino partiu no expresso do meio-dia  
e o meu consolo é amante da poesia.  
Solitária atrás do muro a menina me acena e foge.  
Seu nome escrito ninguém sabe  
porque mente com o sentimento e a verdade.  
Quando ela me deitar entre auroras  
E começar o martírio da ausência eu  
Serei apenas o sábio que chora eu  
Serei apenas o resto da madrugada eu  
Serei infecundo e o sapo que salta entre o inverno  
e a demora de nada.

Aqui estão os arcanjos:  
o nome dele, sacrifício; o meu, clemência.  
Na multidão a demência se anuncia  
E eu grito entre meu gesto e o precipício.

Por que não digo  
E não exalto a vertigem?  
Por que não digo  
que a minha juventude se fecha atrás do refúgio  
de um poema?

O verso não me faz chorar nem me leva  
entre os parentes e o morto que me aguarda  
com seus dentes perfilados entre as cadeiras da sala

Silenciosa.

Só longe um pássaro.  
Só perto a boca da deusa morta.  
E no quarto as ambições do sexo  
e a demora.

Há alguém na varanda que passeia.  
Alguém que me ama e incendeia  
no passado.  
Não posso viajar e obtê-la.  
Tenho que esperar a colheita da memória  
E a safra da miséria.  
E quando possível encontrá-la.

Não quero me dizer que sofro  
dormir doente a madrugada.  
Meu nome ela escreve sem doçura.  
E na sua letra se percebe exata  
a imagem amarga de meu corpo.

Rios de carne me afogaram.  
Escaparam do naufrágio a namorada muda,  
o pássaro incendiado e torto.

Ah minha namorada que me esquece com a minha própria alma.  
Se eu soubesse, me manteria simples  
como a folha, como a seiva, nada mais que a natureza.

Entretanto, penso – contra mim exerço e compreendo  
que só por pensar sei o meu fim.

Ai de mim que era terno. Ai de mim, que era o vento.  
Agora sou quem me espera.  
Agora sou quem me atormenta.

Agora que me ausento e ando lento pra bem mais longe de mim  
flores, vejo bem claro, molhadas ao vento.  
Daqui a um tempo rebentarão e tudo será novo  
menos para mim, que me despeço.

As flores não aguentam a presença da terra e arrebentam.  
E eu não aguento morrer e me arrependo  
(Ah ser apenas como as flores que só sabem nascer e morrer  
e nada de sentimentos).

Há alguém na varanda que passeia  
e não se detém.  
É alguém para quem não sou.  
É a noiva que passou no trem  
Para quem a morte não vem.

Eu queria ser demente na varanda de meu pai  
mijar nas flores, sorrir da lua como um louco  
ou um cavalo.  
E não saber a quem ponho fogo a quem recebo a quem falo  
E não saber que adormeço  
E não ter entre acordado e dormido os intervalos do sonho  
sonhar sempre sem intervalo.  
(Ah e não saber a quem esqueço)  
E andar demente entre as visitas,  
E andar dementes entre os acidentes  
E andar demente entre as meninas que nos amaram.  
Anda no passado o meu presente.  
Do leito do acaso quero colher um amor amargo  
ou obtê-lo no passado.

A menina que me conhece não me reclama.

Minha alma era mais vasta que a cama em que se deita  
mas meu corpo era mais largo que a alma que rejeita.

Assim nossa dimensão é absurda  
se mede na proporção da perda.

Espero que alguém entenda tudo  
E quando eu passar não me esqueça.  
Nem esqueça que um sentimento mudo é absurdo  
E muito mais absurdo um ato que não se entenda  
E que alguém pereça mudo porque fez como linguagem  
a própria natureza.

Atrás de Deus está o espaço em que suas mãos tateiam.  
Lá passeiam meus vícios.

No escuro da eternidade escrevemos, nos exercemos  
Esperando que a mão pesada nos encontre e precipite  
Nos tire do equilíbrio clandestino, atrás Dele.

Sobre a ponte três vultos me acompanham:  
um reclama, um me chama, outro me ama.  
Ameaçam os campos, lastimam a chuva  
um se curva  
e aponta o horizonte.

O que me ama  
apenas ele me precipita da ponte  
E nas capas de seu martírio se faz forte e se esconde.

Na queda só perco o nome dos vultos e o meu nome  
E sou levado do suplício para novas fontes

\* \* \* \*

Corre pelas ruas um vago rumor de asas  
segue o poeta nas brumas  
no seu hábito

calado

Colado no seu coração  
um vagido um vago ai  
ai de onça  
um gemido (ai da moça  
que dê ouvido)

Nas ferozes sombras do muro  
distingue formas o acaso  
da chuva  
do lápis infantil  
do terror  
sangue  
e escarro

(não foi deus nem o poeta  
nem acaso quem pôs a pedra)  
– a cal a sombra o sarcasmo –  
é tudo pintura moderna

\* \* \* \*

Como me espanta o espanto  
do homem que senta ao meu lado  
Veste terno de engenheiro  
E pânico funcionário  
– E eu não leio O Marinheiro  
poema quase dramático

\* \* \* \*

Como se derrama um vaso  
animo as salas mortas  
que eu simplesmente trago  
dentro de minha vida

Como se levanta um Lázaro  
passo as noites que me passam  
exercitando os pássaros  
a circular sobre os mortos  
– sussurros no assoalho  
nem redivivos mortais nem seus fantasmas  
ratos  
são apenas os ratos devorando as ilusões  
a madeira podre  
e o vazio da sala

\* \* \* \*

## *Compreensão de santo*

Todos os santos têm o sexo amputado.

E cansados de sustar a própria boca

maldizem a fome, enquanto comem.

(De gula, assaz e sempre, estarão salvos). Sabem ótimo o benefício de dar-se

mas em ânsias de céu, erram as doações pelo ar.

(Em dar assim, mais se exercem, mais se guardam.)

O santo é só um ângulo do homem.

Como só vê de um lado, enviesado anda em círculos, se perseguindo, doida figura que nas costas procurasse o seu sentido. todo.

(Buscando o ausente, em Deus, faz-se íntegro e pouco.)

\* \* \* \*

## *O rebanho e o homem*

O rebanho trafega com tranquilidade o caminho:  
é sempre uma surpresa ao rebanho que ele chegue  
ao campo ou ao matadouro.

Nenhuma raiva  
nenhuma esperança o rebanho leva,  
pouco importa que a flor sucumba aos cascos  
ou ainda que sobreviva.

Nenhuma pergunta o rebanho não diz:  
até na sede ele é tranquilo  
até na guerra ele é mudo –  
o rebanho não pronuncia,  
usa a luz mas nunca explica a sua falta  
usa o alimento sem nunca se perguntar.

Sobre o rebanho o sexo  
que ele nunca explicava  
e as fêmeas cobertas  
recebem a fecundidade sem admiração.

A morte ele desconhece e a sua vida,  
no rebanho não há companheiros  
há cada corpo em si sem lucidez alguma.

O rebanho não vê a cara dos homens  
aceita o caminho e vai escorrendo  
num andar pesado sobre os campos.

\* \* \* \*

*Formação de um reino  
(e a composição do rei)*

Cidadãos, eis o rei.

Cidadãos, eis a coroa.

Contaram a mim que um libertino  
por azares e voltas do destino  
encontrara às soltas  
pelo caminho  
numa nobre roupa.

Como estava cheio de tempo, resolveu  
de troça  
vestir a roupa.

Ao primeiro pastor tirou uma ovelha,  
ao segundo pastor tirou uma orelha  
e condenou ao terceiro

Com tais mostras de governo conseguiu  
por em volta em poucas horas  
numerosos servos.

Quando lhe parecera secar as obediências  
se fez mais duro, maduro e agudo  
como quem reina.

– Trazei vossas filhas, trouxeram.

Com gosto próprio e dedo hábil,  
separou as virgens e as despiu, tranquilamente sábio.

Ao pressentimento de que tremeria,  
as vestiu de novo. E o povo ficou bobo com desprezo tão soberano.  
O rei sorriu para si. Dentro, denso medo, mas por fora, era poder.

Com apenas um gesto desfez a multidão.  
aos atropêlos correu as virgens ao canto mais fundo do escuro castelo

e lá pode ser usurário e fraco.

Acostumou-se e de novo as trouxe à multidão,  
refeita com outro gesto.

Esta vez, seguro as despiu e possuiu.  
corri um olho no gozo e outro no povo.

– Cidadãos, sou o rei.

– Cidadãos, sou o anjo.

Sim, só um santo tocaria as mulheres pondo tais distâncias,  
com sua metade de homem em vigilância.

Depois desta prova, ele, separando a multidão com o dedo  
foi até um menino e colheu seu pranto  
alisou sua face e os seus cabelos.

Mas muito mais amado se tornou quando olhou o pai do menino  
e lhe cobrou os quintos  
e muito mais querido quando lhe arrancou os órgãos por castigo.

E sempre com seu dedo foi abrindo a multidão até uma jovem que o  
encarava

Sabia que a conhecia, mas fez-se de pouca memória,  
lhe perguntou quem era e o que sofria.

– Sou Madalena, choro porque me desconheceu aquele  
por quem me dupliquei e multipliquei para aquecer  
e não me prefere quem outrora discursara loucuras  
irrompendo despido entre minhas coxas sem qualquer astúcia.

O rei fez sinal de perdão e passou a mão pela cabeça da acusadora  
A multidão entendeu que ele encontrara alguém que lhe pedia misericórdia.  
e disseram: – Como é magnânimo o soberano.

O rei foi adiante.

Outra mulher rompia a multidão e gritava:

– Senhor, tende piedade de mim, que ainda não foi tocada.

– Senhor, meu marido não me basta.

– Senhor, apenas meu pai me teve.

O rei se continha para não sorrir ou se atirar a elas.

Dentro, sabia ter que matar o outro tempo.

Foi- se esforçando para cortar as pernas e cabeça do libertino  
com a espada fazendo os cortes  
até estar completamente operado.

Pedi trono e palácio,

ordenou os ventos, as navegações e quis literatura sobre ele.

E com astúcia foi voltando ao palácio

onde cada súplica se perdia num clamor indistinto a que era mais fácil  
resistir.

Daí a pouco foi tido distinto, distante, divino.

\* \* \* \*

## II

### *Poeta e Realidade (Didática)*

A poesia é a lógica mais simples.  
Isso surpreende  
aos que esperam ser um gato  
drama maior que o meu sapato  
aos que esperam ser o meu sapato  
drama tanto mais duro que andar descalço  
e ainda aos que pensam não ser meu andar descalço  
um modo calmo.

(Maior surpresa terão passado  
os que julgam que me engano:  
ah não sabem quanto quero o sapato  
não sabem quanto trago de humano  
nesse desespero escasso.

Não sabem mesmo o que falo  
em teorema tão claro.

Como não se cansariam ao me buscar os passos  
pois tenho os pés soltos e ando aos saltos  
e, se me alcançassem, como se chocariam ao saber que faço  
a lógica da verdade pelos pontos falsos.)

\* \* \* \*

## IV

### *Poeta e Realidade (O Poeta de si)*

Vezes me surpreendo  
com os olhos no céu,  
admirado de hábitos  
que julgava não ter.

Alguma estrela procuro  
ou procuro a mim mesmo  
com quem convivo  
e desconheço?

(E faz o troco consigo  
no jogo de seu enigma  
entre ser e não ser que fosse  
senão forma de elegia

por si, já desconhecido  
pelos sentidos:  
ser estranho, além de si,  
como indivíduo.

E vezes pode se açoitair,  
chorar-se e querer  
com o mesmo gozo e desejo  
com qual se açoita, chora e se quer

o diverso amante  
Sendo o nenhum e o dobro de si ao mesmo instante).

\* \* \* \*

## V

### *Poeta e Realidade (O Desistente)*

Vou tentar a desistência  
vou sentar aqui  
ficar sem ir  
e esperar por mim que vem atrás  
  
os frutos caem  
o carro corre  
o poeta morre  
o mundo marcha para sua manhã  
e a sinfonia não para  
  
– sendo fatalidade, fico aqui –  
se em tudo existe a própria máquina  
pouco acrescenta ir ou não ir  
  
gritam pulam  
ficam eufóricos  
    nunca práticos  
    todos teóricos  
abrem camisa arrancam gravata  
dizem senões  
perdem botões  
e permanecem homens  
    . . . . . filhos da hora  
    irmãos do momento  
  
eu vou parar  
que venha a noite  
  
se vier com luz  
    amém  
  
se vier escura

amém

se vier mulher  
bem, aí muito bem.

\* \* \* \*

Roberto Schwarz

*Ulisses*

A esperança posta num bonito salário  
corações veteranos

Este vale de lágrimas. Estes píncaros de merda.

\* \* \* \*

O cidadão que vejo no espelho  
é mais moço que eu  
mais eriçado que eu  
mais infeliz que eu

\* \* \* \*

## *Já já*

Luís Inácio Trella, é verdade. Não sei bem se quer escrever o ensaio que planejo escrever, ou se quer seduzir Alice. Se fico aqui ronronando, é certo que escreverá antes de mim. Se saio, entretanto, ocupará o meu lugar. Alice, como você atrapalha. Luís Inácio, conte lá o que anda fazendo. Ouvi dizer que tem projetos? Não? Modéstia sua, tenho certeza. Sente-se. Não quer nos fazer companhia? Aqui embaixo da mesa, é mais confortável. Não se incomode comigo; primeiro as visitas. Preciso sair um instantinho. Alice há de entretê-lo.

Não, não, não se incomode.

Vou à venda comprar cigarros. Não fumo, de modo que não vou também à venda. Acho que não volto mais para casa.

Fique lá o Luís Inácio, grudado.

\* \* \* \*

*Sr.*

Estripou a mulher querida  
deixou a amada a ver navios.  
Querida e amada então não  
são a mesma? A que se quer e  
a que se ama são duas. Nem  
a querida e a que se quer são  
a mesma, a primeira ninguém  
sabe mais se quer, a segunda  
também não. Mas por que, por que  
não estripa a amada e deixa a  
mulher querida a ver navios?  
Fica vendo navios, que fe-  
licidade, melhor deixá-  
la à mulher querida, que já  
sossegou, e merece ter  
o que ver até que chegue a  
velhice. E além do mais, como, como  
deixar a amada viva?  
Mas se amada e querida são  
uma só, estripar é mostrar navios  
melhor que mostrar navios só  
que era cruel demais.

\* \* \* \*

## *Jura*

Vou me apegar muito a você  
vou ser infeliz  
vou lhe chatear

\* \* \* \*

## *Primavera*

Lá fora a boquirrota, a fraudulenta e festiva  
Paris troca de pele pela enésima vez  
e mostra à freguesia atônita os seus  
múltiplos charmes catalogados.

Pela janela aberta entra o amor e se mistura  
na luz do sol espalhada pelo quarto.

Alegre música muda.

O poeta ri porque está de pau duro.

\* \* \* \*

## *Convalescença*

Hoje cedo saí para o jardim  
um pouco de sol, brisa  
na penugem do antebraço  
estou barrigudo como na infância  
por causa da perna quebrada  
cadeiras de lona amarela e vermelha  
a poucos passos o portão  
em surdina  
ligeira passa a felicidade pelas minhas  
pernas trêmulas e o súbito, embargado  
soluçante desejo de viver  
os automóveis parados dos dois lados da rua  
o céu coberto  
a despeito de tudo a beleza  
quantos amigos presos  
visto um casaco

\* \* \* \*

## *Macunaíma nos ajude*

Barriga de minha perna

onde estás?

na barriga do gorila

Dedos de minha mão

onde estão?

na barriga do gorila

Lobos de minha orelha

onde estais?

na barriga do gorila

Cabeça do meu pau?

na barriga do gorila

Meu alegre coração

onde estás?

na barriga do gorila

\* \* \* \*

## *Não olhe para trás*

Caiu no buraco  
saiu de quatro  
se arrastou um pouco  
levantou dum pulo  
disparou dez passos  
riu para a galeria  
caiu de quatro, como  
um cavalo machucado  
como um filho da puta  
como água usada.

\* \* \* \*

## *Conto de fadas*

O ratão transformara-se num príncipe encantado de pau duro.  
A bocetinha falante de Cinderela babava pelos bigodes.

\* \* \* \*

Um reputado economista afirma  
que assim como veio  
a ditadura vai.  
Escuto maravilhado.

\* \* \* \*

12 O Armando é uma Boa Cabeça  
Ele é excelente, efetivamente bastante bom  
Acho maravilhosa a Luisinha  
Não acho que ela seja fascista  
Para mim foi-se o tempo,  
De ler Le Monde e mexer a bunda  
Você vai me achar boba  
Mas não consigo me livrar  
Dos sentimentos românticos  
O nosso convívio rendia muito  
Minha cuca está fundida  
Caralho

\* \* \* \*

## *Inoxidável*

Escovou os dentes até que sangrassem. Parou de escovar quando começaram a sangrar. Não escove até que sangrem! Meus dentes sangram tão logo comece a escová-los. Antes, precisava escovar muito, agora é começar e já estão san- grando. Basta aproximar a escova e começam a sangrar.

Às vezes penso numa escova mais mole, mas sei que mesmo um pincel de barba esfregando bastante, não faz menos efeito que o arame.

\* \* \* \*

## *Emigração 71*

A mulher de um marinheiro trucidado conta ao pai de uma menina presa, aguardando julgamento, a depressão nervosa de um amigo comum, deputado federal, que agora vive no Chile. Será que o Allende vai dar certo... As chicrinhas vão pela sala, de mão em mão, há uma bandeja de bolo e outra de doce de leite. Lá fora, imensa e silenciosa, a dança fantástica do outono incendeia a tarde fria. O garoto brincando no tapete já nasceu em Paris. Aqui e ali o murmúrio é interrompido por uma expressão mais nortista. Um menino loiro, que participou no rapto de algum embaixador, pede açúcar para pôr no chá. Na vitrola Caetano canta a sua versão da Asa Branca. Todos ficam quietos.

\* \* \* \*

# Zulmira Ribeiro Tavares

## *Um estado muito interessante*

Conheço o meu país  
no escuro – pelo tato.  
E se me amarram as mãos nas costas  
conheço pelo cheiro.  
E se me tapam o nariz  
ainda assim conheço o meu país  
pelo que dele sobra  
à minha volta.

Não conheço o meu país pela boca.  
Não conheço o meu país pelos ouvidos.  
Não conheço o meu país pelos olhos.

O que a boca solta o ouvido não encontra,  
o papel não grava, o olho não recorta.

Conheço o meu país  
mas não o conheço de dentro.  
Também não o conheço de fora.  
Conheço-o de lado.  
Quer dizer que o conheço  
sem relevo.

Muito curioso esse país rasante  
como um voo rasteiro.

Meu país bicho-de-concha  
para dentro de sua casca  
sem contorno.

Muito curioso esse país no escuro  
sem local exato de pouso  
para os dedos.

Muito curioso esse país de cheiros  
sem apoio.

Muito curioso  
e muito interessante.

O termo é este.

Um país interessante  
é como uma mulher em estado interessante?

Uma mulher em estado interessante  
sempre acaba  
em trabalho de parto?

inevitavelmente? não há outra saída  
além daquela prevista na barriga?

Um país muito barrigudo  
é uma mulher inchada –  
de basófia ou filhos?

A comparação não cabe, entre pessoas  
estados, de corpo, alma  
e federativos?

Ou cabe até demais?

*É isto mesmo:*

*Tudo cabe em um país.*

Ou não?

Como tirar a dúvida?

Por exclusão  
do que primeiro?

estados? almas? pessoas?

o que fica? sobra? federação? filhos?

O que faço  
se não controlo as respostas  
pela boca; assobio?

Deixo passar em brancas nuvens  
o que o olho não viu  
se tinha cores?

Por que não me conformo  
pelo meu país a gastar menos  
a só usar uma narina e um dedo?

Por que o anseio  
de vir a conhecer a raiz dos cheiros  
relevos posição dos corpos mares rios  
rotas ares esquadrias?

Tão sentimental vou indo  
olhos de leitura sem legenda  
e boca sem sentenças

indo estou voltando  
ao ponto de partida

No escuro meu país é simples.  
Dois sentidos bastam.

E sobram.

Sem nenhum sentido  
meu país teria  
a mais perfeita ordem.

\* \* \* \*

## *Termos de comparação*

São lidos por especialistas  
um pequeno círculo  
ávido.

A avestruz é um bicho-raro.  
O poeta uma ávis-trote.

A avestruz engole  
tudo: parafusos em princípio.

O poeta não  
digere uma  
única partícula.  
Tudo: fica-lhe atravessado.

no papel, para tanto  
estraçalha e regurgita –  
ei-la: a Arte!!

Com quantas letras escreve-se “destroço”?  
e “pútrido”?  
com quantas, “estrutura”?

Para escrevê-las  
com quantos dentes mastiga-se?  
para romper certas palavras  
o que se morde? o que sangra de início,  
a língua?

Mas quem morde a língua  
é o arrependido,  
o que se cala.

Por isso a avestruz  
é o bicho cândido.  
O poeta, o tão difícil.

Todo o mundo sabe que ela é simples.

Cada enciclopédia a determina.

Ninguém confunde  
a localização das plumas  
o bico contra o peito: direção na fuga  
o parafuso dentro  
do estômago.

Vamos devagar com os poetas.

Por que são aves?  
Porque regulam o peso de seus braços  
e conforme cismam – voam.

Ávis-trotes porque pulam  
inesperadamente  
e quebram os braços.

Lidos por um grupo ávido.  
Por que ávido?  
por que de especialistas?  
por que lidos?

Porque: –  
não engolem  
nem recusam  
porque atrapalha  
o comum espetáculo circence  
do parafuso descendo pelo esôfago  
o seu engasgo, o seu espasmo.

Porque são  
intrusos.  
Não se aceitam ávis-trotes  
nos circos – Não comem espadas  
muito menos fogo.

Porque não se juntam

ao comum dos espectadores  
na arquibancada  
mansamente digerindo sobras.

Porque não têm país certo  
assinalado no mapa  
como sói acontecer às avestruzes.

Seu país é  
Nenhures.

Terra de difícil acesso  
sujeita tanto  
aos roedores  
quanto à ação  
das irradiações atrozes.

Em Nenhures  
os acontecimentos desencadeiam-se fatais  
ou, ao contrário, lúdicos.

Por exemplo em Nenhures  
as unhas crescem  
sozinhas do solo  
simples para  
beliscarem certas  
zonas glúteas

É o cúmulo! – dizem todos –  
É impensável!  
Num país sujeito a irradiações  
e à fatalidade  
as unhas crescerem  
e para isso!

Por isso os especialistas se interessam  
Por isso sabem

São especialistas, por isso  
poucos.

A ávis-trote  
– nome científico, o vulgo a conhece por poeta –  
também  
é estudada nas escolas fora do círculo.

Mais escassas fazem-se as respostas  
a curiosidade nas crianças amaina-se  
acalma-se, o poema: ovo choco muita vez  
pois o poeta é fase histórica  
não escapa –

raramente põe-se  
como objeto de estudos.

De seu autor, pouco provável que se tenha  
uma noção menos confusa.

O povo aclama a avestruz!  
as plumas! ah!  
a esplêndida  
aventura audaz do parafuso!

\* \* \* \*

## *Circunvoluções e invólucro*

Não tenho medo de ir à lua.

Vou

Volto

Continuo

dentro

da

cápsula.

Não sou astronauta

coisa nenhuma.

Sou

o único

remanescente

de uma

consciência

cheia

de nódoas? – Nunca.

De nós-pelas-costas.

\* \* \* \*

## *Maioridade da mãe*

Aberta a porta da rua  
por ela escaparam curiosas  
crianças-criaturas-transeuntes  
luminescentes tortas rebarbativas.

Gritaram pela porta aberta:  
São suas  
e da casa saem.  
Não são minhas  
não é meu o peso  
que me escapa pela porta –  
    devolvi como resposta  
    como devolução definitiva.

\* \* \* \*

## *O miolo do sonho e o dente de alho*

Quando percebi que os meus sonhos  
não eram os sonhos dos meus sonhos  
acordei estremunhada.

Ao verem meu rosto de sombra

Perguntaram:

Foi insônia?

Respondi:

Foi o contrário.

Ontem à noite ao invés de alhos

por temê-los no olfato

(afinal não sou uma rosa?)

decidi foi comer nuvens.

Conclusão?

Elas incharam.

E os comedores de alhos?

Não vêem o barulho que fazem

rindo às bandeiras soltas?

De que se riem? Das sombras?

A que rescendem? Não temem?

Não temeram o seu cheiro: transpiraram.

Não pegaram no sono: o soltaram.

Não perderam a cabeça: a ganharam.

\* \* \* \*

## *Meio metro*

Sou um homem pequeno:

meio metro de altura.

Mas caminho ereto:

sem quase exagero.

Por isso me julgam no caminho certo:

um homem simples:

pouca estatura; nenhum complexo.

Mas há engano de perspectiva.

Sou muito difícil:

apesar de pouco.

Tive início quando nasci.

E até hoje não me refiz:

o

ter começado no momento exato,

para os outros –

não para mim.

Para mim foi:

brusco.

Para os outros:

tácito.

Pronunciei as primeiras palavras

logo

as segundas.

Depois de muito esforço consegui

articular finalmente:

“mundo”.

Aí me deram as costas e disseram:

“ele já fala”.

Eu gritei.

Passaram-me uma pequena luz aconselharam:

“conta até cem”.

O sono não veio. Nunca veio.

Depois do número cem

contei os outros números.

Alguém me avisou:

“cuidado.

Tem o problema  
da infinitude”.

Muito tarde.

Continuo,  
dizendo números.

No intervalo entre os números,  
falo.

É complicado. Confunde.

Faço uma pergunta simples e respondem:

“Não posso dizer de cabeça.

A soma é muito grande”.

E se insisto que se trata de palavras,

Retrucam:

“Mas elas são tão improváveis!”

Impossível somá-las: diluem-se.

Não sou compreendido. Nunca o fui.

Pedi sono e dois dedos de prosa

E recebi foi um impulso –  
precipito-me

principalmente

depois que passei de cem.

“É um problema de disciplina”

insiste o médico da família.

“Feche os seus olhos e aguarde”.

“Não consigo” – respondo –

“Sinto cócegas”.

“Em que parte?”

A pergunta me ofende.

Todos sabem que sou casto.

Como posso eu conhecer o meu corpo  
se a contagem me impede que pare  
e respire fundo?

“É orgulho”

diz o padre.

“O infinito não é para o homem”.

Isto eu sei. Sempre o soube.

Desde o dia em que:

nascido de parto natural  
bati de ponta cabeça/contra a vida –  
sem artifício.

Mas não fui eu que a quis –  
esta procura do longe.

Quiseram-na por mim os outros.

Escondidos.

Pergunto:

os outros que são  
o mundo?

Estou só.

Nenhum laço.

Desatamento ao contrário.

O mundo  
não corre o risco de vir ao mundo  
(eu que corri)  
pois que é o próprio.

Em decorrência não teme a vida.

Já que não veio,  
(eu que a temo).

E ainda que vindo  
Não poderia; nascido  
Bater de ponta-cabeça

Pois que nunca está para baixo  
Tampouco está para cima.  
A cabeça além disso, lhe falta.  
Outro argumento/de peso (ausente?)

Comigo é o oposto.  
Ou estou com a cabeça de um lado  
Ou estou com ela de outro.

(Será isto por causa da altura?  
Se meio metro é medida pouca  
Ao menos que seja vária).

E se caio apesar de mínimo  
Um tombo faz sempre barulho

Já o mundo...

Que enorme meu Deus

Que fácil

... É redondo!

\* \* \* \*

# Afonso Henriques Neto

## *Uma noite*

o tio cuspiam pardais de cinco em cinco minutos.  
esta grama de lágrimas forrando a alma inteira  
(conforme se diz da jaula de nervos)  
recebe os macios passos de toda a família  
na casa evaporada  
    mais os vazios passos  
    de ela própria menina.

a avó puxava linhas de cor de dentro dos olhos.  
uma gritaria de primos e bruxas escalava o vento  
    escalpelava a tempestade  
    pedaços de romã podre  
    no bolor e charco do tanque.

o pai conduzia a festa  
    como um barqueiro  
    puxando peixes mortos

nós  
    os irmãos  
    jogávamos no fogo  
    dentaduras pétalas tranças  
    fotografias cuspes aniversários  
    e sempre  
    uma canção  
    só cal e ossos  
a mãe de nuvem parindo orquídeas no cimento.

\* \* \* \*

## *Texto*

Oh espina clavada en el hueso  
hasta que se oxiden los planetas  
Federico García Lorca

O texto, escura escama, pesadelo de eternidade,  
máscara densa do universo vomitando.  
O texto, mas não a energia que o pensou,  
interrogando a simultaneidade absoluta.  
Há uma esperança nas ruas, nas pedras, no acaso  
de tudo, uma esperança, uma forma suspensa  
entre o aparente e a essência, entre o que vemos  
e a substância, uma esperança, uma certeza talvez  
de que o rio não se dissolva no mar, de que  
o ínfimo, o precário, a voz, a sombra,  
o estalar das carnes na explosão  
não se dispersem no todo, impensável medusa da inexistência.  
Há uma luz qualquer sonhando integração, o suposto  
destino dos ventos, das energias globais, a suposta  
sabedoria com que o homem fecundou a crosta  
envenenada do planeta, há uma luz qualquer  
ensaaiando águas pensadas no eterno esvair-se,  
abstrato expansionário, há uns olhos além  
da frágil realidade, da terrível matança, da  
da fronteira do sonho, um texto além do texto,  
uma esperança talvez, enquanto somos e nos cumprimos,  
enquanto somos e nos oxidamos, enquanto  
somos e prosseguimos.

\* \* \* \*

## *Das unhas cotidianas*

Pulmões de petróleo e nicotina e rádio.

Nabos maduros  
minas abortadas.

Montanha primordial  
minério dos automóveis intestinos de lata de um morro havido  
apocalipse de fatos.

Canções ardendo no subsolo  
vazio labirinto das máquinas.

Beterrabas maduras  
secaram-se sob  
há um sol seco.

Apocalipse de fetos.  
Imantadas televisões radares  
colmeias do global acampamento  
lá fora cá dentro  
barbas e deserdados ossos da impostura  
se condenam  
confessionários de moscas.

Oh liberdade dos aptos  
que papéis monstruosos  
músculos das trucidadas árvores  
circulam no empedrado vento  
signos do nada ao nada?  
Martelem os d(m)entes computadores tortos  
oh tantos porcos suando.

Frutas: legumes: fumaça  
podre mar zumbidor  
por que lado consolar a bomba?

Sapatos no chão.  
Jogo-os pela janela  
(na rua, pulmões)

ligo o chuveiro  
saio.

\* \* \* \*

## *Dos olhos do não*

se lhes derem Kennedy ou Kruschev ou De Gaulle  
não acreditem nesta única realidade  
neste implacável colar de conchas de ar

se lhes derem os códigos os gestos as modas  
não acreditem nesta enlatada realidade  
nesta implacável aranha de invisíveis fios

se lhes derem a esperança o progresso a palavra  
não acreditem na imposta realidade  
na implacável engrenagem das hélices de vácuo

aprendam a olhar atrás do espelho  
onde a história jamais penetra  
a profunda história do não registrado  
aprendam a procurar debaixo da pedra  
a história do sangue evaporado  
a história do anônimo desastre  
aprendam a perguntar  
por quem construiu a cidade  
por quem cunhou o dinheiro  
por quem mastigou a pólvora do canhão  
para que as sílabas das leis fossem cuspidas  
sobre as cabeças desses condenados ao silêncio

\* \* \* \*

## *Torno a repetir*

o papel para sempre em branco.  
entanto o poeta bebia o dia.  
era um banco de jardim  
mas a mariposa cuspiam luz e lua  
as coisas passeavam.  
papel branco de todas as palavras.  
um ritual acima do anjo  
acima do entendimento celestial  
por isso todos viam  
o poeta sonhar incólumes avenidas.  
e as avenidas eram avenidas  
não um gracejo de óleo inexistido.  
o papel ou branco se ardia.  
o poeta nem ao menos  
ou desenhando o dia.

\* \* \* \*

## *Quase cinza*

eu sei onde ladram os ventos pelos ladrilhos  
dos mistérios inexistentes.  
eu sei de que matéria esta sensação de derrota  
é feita, moldada, entre instrumentos de tortura  
e pálpebras e espelhos amassados.  
eu sei dos que falam no escuro a flauta da voz  
das fábulas.  
eu sei através do vídeo o vácuo do sangue atrás e além  
da imagem, violentos planetas vomitando o drama.  
eu sei as tartarugas infinitas,  
os bodes expiatórios.  
os lavabos cheios de unhas vivas.  
a eternidade do gesto humano  
morrendo no longo tombadilho.  
sei das certezas e incertezas verdes.  
sei do resumo de tudo dançando na chuva mais cotidiana.  
só não sei do teu sorriso se diluindo em nuvem.  
só não sei do teu corpo quase infantil  
de mulher amanhecida.  
só não sei do timbre de tua voz  
entre borboletas e musgos fluindo do único verbo.  
só não sei do opalescente rastro de teus pés  
entre cachoeiras apagadas.  
só não sei da galáxia a resumir vazia  
o silêncio mortal de tua alma quebrada.  
ai de mim  
que eras ouro e breve.

\* \* \* \*

## *Flash*

sabemos inexistir paisagem

quando captamos

atrás

através do fotograma

da mente

a poeira de sol do vale de Neckar

no de Hölderlin o olhar

selvagem e confundido

líquida voz do carpinteiro Zimmer

grr-ii . . . t . . . Tan-d ooo o

sem voz

pelo almoço

ouro estelar

lua

entre duas sílabas de um poema

sentimentos

não

um mastigar pedras/vertigens espuma? loucura?

dissolução? incêndio?

sacar da paisagem o que não existe

aprendemos

\* \* \* \*

## *Poema*

A paisagem não vale a pena.  
Pesa dizê-lo assim tão duramente,  
mas o que posso fazer contra os mascarados  
que penetraram os altos muros  
e agora coabitam os aposentos desolados  
Já não vale a pena a manhã.  
Os embuçados chegaram em surdina  
e foram destroçando todos os pilares,  
todas as primaveras, as lúcidas esperanças,  
vultos tão horrendos que paralisaram o dia.  
A noite não significa mais nada.  
As casas dormem e não significam nada.  
O vento cortou-se em mil fatias de desespero.  
Que dimensão canta além da treva,  
a face repousada, os olhos claros?

\* \* \* \*

## *Nem a morte*

música das coisas suando em minha pele,  
na noite humanizada da pele, o anjo cego,  
o sol caolho, música, música de todos  
os desesperos, de todas as azuis diabruras  
e terríveis cósmicas gangrenas, o silêncio  
de estrela, o branco tenso da cicatriz.

não quero enxugar o suor do morto.  
não quero nunca mais sofrer a lenta  
corrosão de minha tia na cama cheia  
de farelos de câncer, oh jovem voz  
antiga em corpo roído, pobre música  
das coisas ditas sem resultado.

não quero pintar o lábio da morta.  
vestir a nudez de ausência. dependurar  
os brincos de lágrima. não quero o sal  
amargo de crianças sangrando no fundo  
palco de um teatro mais negro que a negra  
composição de música navegando sem braços.

porquanto persigo a música que não sei.  
pois sei pouco, três ou quatro poetas,  
pedaços de sistemas filosóficos, restos de  
programas televisados, poeira dos sonhos  
nunca lembrados, um rádio na infância  
e esta música a me esculpir no vago.

nem sei o cantor capaz de espantar  
o bicho. ele me espia do corredor,  
sorrio para ele, somos um, o vento  
soca a porta, minha mulher rressona,  
o homem é a extrema estrela desesperada,  
estou calmo, não é preciso fazer nada, nem a morte.

\* \* \* \*

## Vera Pedrosa

### *The plot thickens*

Na carta à irmã  
ele escreveu –  
era sete de maio –  
como via as folhas  
escolhendo a direção  
de se abaixarem  
dançando  
sob a chuva.  
Fazem muito bem  
em não permitir  
– registrou –  
um enterro cristão  
aos suicidas  
que só transitam  
de uma morte a outra  
num labirinto frio e azul.  
Me abandonando  
quero mesmo que  
falecesse.  
Se estava  
tão deprimido  
com o olho duro de araponga  
como me contaram.  
Escreveu-me dizendo  
que faria um estrondo e o topo  
do crânio seria

feito em mil pedaços  
que se alojariam  
com massa branca e cinza e sangue  
nos ladrilhos da cozinha.  
Estou te escrevendo  
continuava a carta  
da mesa onde janto,  
um dia cheio de presságios  
me lembrando  
de como a gente olhava  
as árvores  
no jardim da viúva  
da janela estreita  
do quarto do avô  
o velho sempre de chinelos  
macios de couro marrom  
o vento empurrando um galho  
contra a batente.  
Ah, Henrique, não posso  
levantar a cabeça  
que te vejo com rosto de morto,  
as pálpebras vazias.  
Tuas mãos são como plantas  
que qualquer remuo  
dobra  
teu olhar flutua  
onde olho.

\* \* \* \*

## *Sonho do vestido violeta*

“Le reveur de la nuit ne peut énoncer un cogito”

Descobri o cadáver muito mais tarde  
no meio de uma viagem.  
Passava por regiões  
de passado futuro  
o trem atacado por índios atarefados  
ruínas negras de megalópolis de concreto  
E tendo achado o cadáver  
soube que me haviam enterrado  
com meu vestido de seda violeta  
um vestido precioso anunciador  
da precognição da morte.  
Então determinei  
que desencarnassem o cadáver  
e enterrassem a ossada límpida, polida  
numa cova de terra úmida  
enquanto a multidão de índios  
sem real perigo  
cercava o cemitério  
mas depois se dedicava à tarefa muito mais séria  
de destroçar as vigas que sustentavam nosso teto.

\* \* \* \*

## *Cortejo*

Tendo estado  
toda uma tarde  
ouvindo  
um tempo branco  
sentindo dedos de água  
descidos da noite.  
Figuras  
surgem paralelas  
como saídas agora  
da cal da parede.  
Ali onde a sombra joga  
na brisa de outra água.  
De perto,  
a superfície do muro  
para:  
distração.

\* \* \* \*

## *Fars*

Foi há tanto tempo e entre amores  
decisivos  
cataclismas  
criações confinamentos jaulas  
aeronaves  
trens.  
Foi antes das exposições de motivos.  
Houve uma época  
tão descansada em que  
desde que se tivesse  
uma janela em movimento  
ele era imagem  
deslizando ante folhas.  
Se estendia embaixo de árvores  
entrava em corredores  
saía de portas.  
Na areia ele era  
as manhãs do desejo mais difuso.  
Quando havia cinza no mar  
era ele que estava  
(de sueter)  
na antepenumbra molhada.  
Quando era noite  
ele era quase raiva, na espera.  
Doce e nu, sentado no banquete  
numa horta de alfaces  
sonhei com ele esta noite.

\* \* \* \*

Não se ouvem mais o vozerio, as intermitências,  
clamores ou batida de martelos, pregos,

alguém que lixa uma tábua.  
Estou um instante só na sala.  
Batalhei para fechar a janela.

\* \* \* \*

## *Fim de dia*

Quando choveu o ar está  
com água pesando  
e passam aves rápidas  
manchas indecisas  
sombras  
concentração de névoa  
e do alto se vê  
o topo da árvore  
e as flores laranjas  
desse flamboyant  
vibram com o movimento  
acelerado  
do esôfago ao estômago.  
O dia desenrolou  
vagaroso o tédio recolhido  
armado  
sob um prisma de cristal ao lado  
de um paralelepípedo de vidro verde  
sobre a mesa preta  
com objetos de prata.  
A noite se aproxima.  
Você pediu chocolate  
veio na bandeja  
os biscoito meio moles.  
Faz-se o gesto de afastar.  
cinco jornais amarfanhados  
de cima do pano claro do sofá.  
Que fazer com a tomada solta  
a lâmpada queimada  
o passepartout amarelecido?

\* \* \* \*

Sai se esgueira  
pela sala adentro  
pelo corredor  
de onde volta  
trazendo o leite do irmão  
Fez um frio súbito teve fome  
como um gato  
céu abaixo se despeja  
uma água de chumbo

\* \* \* \*

## *Para Livia*

Pensar que tua avó  
criou-se nessa chácara  
(onde ao pé da  
mangueira desenterraram uma vez  
um caco)  
com todos os córregos  
e os brinquedos chegavam  
da Europa numa mala.  
Os pés de lichi o bisavô  
mandara trazer da Índia  
(se dizia líxia).  
Faz frio no jardim  
descido da mata  
(flanco que ilumina  
e umedece  
esse cansaço de retorno).  
Onde tua tia-avó  
delimitava áreas  
de horror e solidão.  
Pensar que passavam os dias  
encolhidas  
(embaixo dessas árvores)  
em pontos de sombra.

\* \* \* \*

## *Edifício*

Veio no cartão postal da ponte  
aquela luz branca demais brumosa  
e de repente me vi  
diante. do mesmo edifício branco  
corpos se separando  
na maresia

\* \* \* \*

# Antonio Carlos Secchin

## *Tempo: saída & entrada*

No tempo de minha avó,  
meu feijão era mais sério.  
Havia um ou dois óculos  
me espiando atrás  
de molduras roídas.  
Mas eu era feliz,  
dentro da criança  
o outono dançava  
enquanto pulgas vadias  
dividiam os óculos.

Dentro da criança,  
as pulgas espiavam  
o outono vazio,  
dividiam minhas molduras  
roídas por óculos vadios.  
No tempo de meu feijão  
minha avó era mais séria.

\* \* \* \*

## *Ver*

O dia. Arcos da manhã  
em nuvem. Riscos de luz  
como vidros arriados.

O claro. A praia armada  
entre a sintaxe do verde.

Áreas do ar. Aves  
navegando as lajes  
do azul.

\* \* \* \*

## *Inventário*

um urso caolho  
um piano antigo  
seu silêncio de madeira  
cheio de fugas pra brincar lá fora  
passarinho morto na janela que nem um tambor quebrado

\* \* \* \*

## *Visita*

O verso era um abraço salgado  
que os peixes telegrafaram.  
Era um cisne louco  
bicando o amor.  
Era o secreto frio  
trancado na boca.  
Era o tempo roendo os móveis,  
os olhos, a conta de gás.

\* \* \* \*

*“O meu corpo se entrelaça”*

O meu corpo se entrelaça  
ao suspiro, e gira e caça  
no concreto de um soluço  
essa pele decifrada  
pelo espaço de meu sangue.  
E com fúria e flama  
não derrubo o que me abarca,  
nem rebato à minha posse  
as premissas do que sinto:  
eu devoro o meu amor,  
arbitrário como um cinco.

\* \* \* \*

## *Aviso*

desfiz noivado  
vendo sem uso  
almofadas soltas  
jogo  
mesinha mármore rosa  
cama sofá arquinha.

\* \* \* \*

Não, não era ainda a era da passagem  
do nada ao nada, e do nada ao seu restante.  
Viver era tanger o instante, era linguagem  
de se inventar o visível, e era bastante.  
Falar é tatear o nome do que se afasta.  
Além da terra, há só o sonho de perdê-la.  
Além do céu, o mesmo céu, que se alastra  
num arquipélago de escuro e de estrela.

\* \* \* \*

## *A Fernando Pessoa*

Se é corrigir o que se foi,  
e pensar o passado na garganta do amanhã.  
É crisar o sono dos infantes,  
com seus braços de inventar as buscas  
em caminhos doidos e distantes.

É caminhar entre o porto e a lenda  
de um tempo dardejado contra o mar.  
Domar o leme das nuvens, onde mora  
o mito e a glória de um Deus a naufragar.

\* \* \* \*

Uma ovelha me ama de repente.  
O seu sono é para o sêmen dos pastores,  
que nela vão depondo com cuidado  
seu suor, seus capins e seus amores.  
Eu a tenho com vigor bem vagaroso,  
e sua baba à minha boca se condena,  
e tanto meu desejo não se esquiva  
quanto mais o seu berreiro me acena.  
Amante e amada em grama e gozo confundidos,  
as espigas se envergonham, se vergando ao jogo aberto.  
Permutamos nossa pele, confidências e ganidos,  
e meu pênis se proclama nessa vulva que penetro.

\* \* \* \*

Há um mar no mar que não me nada  
e não se entorna em ser espuma ou coisa fria.  
Me sinto cheio de palavra e de formato,  
murado em mim sob a ciência desse dia.  
Na sonância do que vive,

minha fala é desistência,  
e dizer é corroer o que se esquiva,  
reter a letra a cicatriz do som vazio.  
Sou apenas quinze avos da loucura,  
a dar um nome à ironia do que dura.

\* \* \* \*

Uma palavra, outra mais, e eis um verso,  
Doze sílabas a dizer coisa nenhuma.  
Esforço, limo, devaneio e não impeço  
Que este quarteto seja inútil como a espuma.

Agora é hora de ter mais seriedade,  
Senão a musa me dará o não eterno.  
Convoco a rima, que me ri da eternidade,  
Calço-lhe os pés, lhe dou gravata e um novo terno.

Falar de amor, oh pastora, é o que eu queria,  
Mas os fados já perseguem teu poeta,  
Deixando apenas a promessa da poesia,

Matéria bruta que não cabe no terceto.  
Se o deus frecheiro me jogasse a sua seta,  
Eu tinha a chave pra trancar este soneto.

\* \* \* \*

# Flávio Aguiar

(minuano)

A chuva escorre na vidraça: na rua, o vento uiva.  
E geme, na árvore dobrada.  
Lembrança – o vento pertence ao campo.  
Uma rês geme, vagabunda, gotejante: o vento  
/a corta, como faca. Estranha faca: gelo e água.  
O vento nasce e morre no horizonte: o mundo  
/é redondo.  
E no entanto o tempo passa:  
Do campo, o vento chega arrefecido na cidade.  
Protegido no copo de conhaque, divirto-me  
/como os desenhos abstratos  
Que desenha em gotas na vidraça.  
E no entanto o vento uiva, mesmo na cidade:  
/tem presente seu passado  
Mais estranho: o mundo é redondo, o vento  
/nasce e morre no horizonte;  
E sempre prossegue rumo ao norte.

\* \* \* \*

OLHO PARA O PIO LUMINESCENTE  
ENQUANTO A CHUVA ESCORRE NA VIDRAÇA  
E NOS OFUSCA, TONTOS DE TANTA LUZ.  
TUDO SE DEIXA VER MAIS CLARO:  
CONTINUAMOS A CONTEMPLAR A SILENCIOSA NATAÇÃO  
/DO OUTRO.  
EM VERSOS, A VIDA COBRE O PÁTIO

/COM ESTÁTUAS BRANCAS  
E ATRAVESSA A SALA, DEITANDO NA VITROLA.  
NAVEGO SOLTO NA CORRENTE, RUMO  
/AO ESQUECIMENTO VAGAROSO  
DA LUTA, DO CARROSSEL, DO CIRCO INTEIRO.  
DA JANELA, A AVE MIGRATÓRIA.

\* \* \* \*

(pampa e circunstância)

Na janela, mágico, o desvio: nasce  
/um raio de sol  
E atravessa a sala, deitando na vitrola.  
No desvão entre os caixilhos, a lembrança  
/de coxilhas – o entardecer, vento  
E campo, onde o olhar se horizontaliza.  
A música desliza, queimando, garganta abaixo.  
No disco, a voz flutua em círculos.  
De par em par, a terra se esplana em pampa.  
A terra aberta, coxas de mulher ao sol, entregue  
/ao zumbido morno das cigarras.

\* \* \* \*

## *Orate fratres*

No poço fundo do mundo  
Encontrei minha bela irmã.  
Aquele que nunca tive,  
Aquele que não terei.

A vida se compra pronta,  
O mundo roda sem festa.  
Minha irmã tem cabelos longos  
E traz um lunar na testa.

A beira do poço esquivo,  
Hesito se pulo ou recuo.  
No espelho claro e escuro  
A lua a meus olhos uiva.

\* \* \* \*

Eu quero que se cubra de geada  
/tua roupa.  
A luz é mais que o colorido  
/e oculta a fantasia.  
A verdade, nascendo,  
/percorre o dia  
Em tua face: gelo evaporado,  
/enigma repostado.  
E por outros rumos a história continua.

\* \* \* \*

*(velhice)*

Minha avó atravessara o pampa de carreta  
/cortando a cerração e a geada.  
Em Rivera, seu pai servira cerveja de graça  
/a tropas de algum caudilho  
E eles diziam “agradece, alemão de merda,  
/que te deixamos vivo”.  
Ela chegou de barco a Porto Alegre.  
Com tanto navio e mastro, a cidade parecia  
/um circo de cavalinhos.  
Ali era a rua do Arvoredo;  
/hoje se chama Fernando Machado.  
Minha avó não toma banho de chuveiro.  
No inverno, põe um balde d’água no sol  
/para esquentar um pouco.  
E continua vivendo.

\* \* \* \*

TENTEI TE DIZER O QUE SENTIA:  
A COISA NA GARGANTA  
ESPALMAVA MÃOS VERDES PARA O ALTO.  
CORTANDO A CERRAÇÃO E A GEADA,  
A RUA, RECÉM-ÚMIDA, SECAVA EM QUADRO:  
MANHÃ DE OUTONO, QUANDO ERA INFÂNCIA.  
JUNTOS, HOJE, SOMOS OUTROS.

\* \* \* \*

## *Córdoba, Argentina*

Estoy tan triste y lejano.

Nada extraño, todo es cotidiano...

Yo tengo ganas de morir.

Pero yo quería morir en Córdoba,

/Córdoba, Argentina, Donde uno muere por la mañana.

En otros tiempos los hombres morían en Madrid,

/noche que noche nochera ya decía Lorca

Que se murió en Granada.

Hoy en Córdoba uno muere al empezar la mañana.

Pero no es necesario morir. Me gustaría vivir, vivir

/en Córdoba, Argentina,

Para ver la mañana cambiar el rostro de hombres y mujeres

En murales sin miedo de su transparencia.

Yo me plantaría en la Plaza Central de Córdoba,

/de Córdoba y del Continente

Lleno de vida y muerte tempranas, con el rostro

Quemado por la libertad, loca fantasía,

Riendo com las flores y hogueras

/que nacen por las calles.

\* \* \* \*

Às vezes é preciso abandonar o barco,

A luta, o carrossel, o circo inteiro,

E partir como ave migratória para o norte

Em busca de terras de verão e sol,

Mas quando isto for preciso

Que se faça com rosto limpo,

A face descoberta e voltada para a frente,

Que não haja mentiras nem tristeza.

Queimem-se as lembranças, quebrem-se

As garrafas; enterrem-se cinzas e cacos.

Seja-se até os ossos mais frágeis  
Uma ave migratória: a volta existe  
Mas é outra história, e não desculpa  
A permanência no ponto de partida.

\* \* \* \*

## Ana Cristina Cesar

### *Simulacro de uma solidão*

30 de agosto

Hoje roí cinco unhas até o sabugo e encontrei no cinema, vendo Charles Chaplin e rindo às gargalhadas, de chinelos de couro, um menino claro. Usei a toalha alheia e fui ao ginecologista.

9 de setembro

Tornei a aparar os cachos. Lúcifer insiste em se dar mal comigo; não sei mais como manter a boa aparência. Minha amiguinha me devolveu a luva. Já recebi o montante.

28 de agosto

Dia de festa e temporal. Aniversário da Tatiana. Abrimos os armários de par em par. Não sei por que mas sempre que se comemora alguma coisa titio fica tão apoplético. Acho que secretamente ele quer que eu... (Não devia estar escrevendo isto aqui. Podem apanhar o caderno e descobrir tudo.)

5 de agosto

Ainda não consegui fazer filosofia, versos, ou colar retratos aqui.

30 de janeiro

Que nostalgia no ar, meu Deus! Hoje fui à casa da Ana levar um presentinho. Às vezes tenho a impressão de que esses presentinhos constantes são um embaraço. Eu se fosse dona da casa não permitiria certas coisas. Me dá um ennuí, eu fico enjoada de ver tanta ignorância. Como as pessoas se ignoram! Depois de todos esses meses Sérgio resolveu dar o ar de sua graça.

8 de julho

Nós estamos em plena decadência. Eu e você estamos em plena decadência. A nossa relação está em plena decadência. Quando duas pessoas chegam a se dizer isso tranquilamente, é sinal de terra á vista. Nem tudo é um naufrágio na vida. Mas um dia eu ainda me afogo no álcool.

30 de novembro

Rita marcou hora comigo e não apareceu. Há muito tempo que eu não me sinto tão deprimida. Acho que vou ligar para a

9 de agosto

Primeira fotografia que deve entrar para o álbum: um entardecer primaveril no Parque da Cidade. Preciso comprar cola. Soube de fofocas em relação ao beijo de ontem. Como a Tatiana está obcecada com as suas fantasias! Eu também começo a me sentir envolvida. Queria voltar ao atelier, leiloar tudo se necessário. Mas sentir as mãos livres, os passos soltos! Minha vida chega a um impasse.

10 de agosto

Estou lendo um manual de alemão prático. Tenho ido à praia. Vi o Joel de manhã, com a mulher dele.

8 de julho

Recomecei a ginástica. Hoje quase me matei antes do almoço. Fez um dia quente para a estação. Amanhã começo o estudo com os gêmeos. Apesar de tudo eu tenho restrições. Mas o que se há de fazer?

\* \* \* \*

## *Flores do mais*

devagar escreva  
uma primeira letra  
escrava  
nas imediações  
construídas pelos furacões;  
devagar meça  
a primeira pássara  
bisonha que  
riscar  
o pano de boca  
aberto  
sobre os vendavais;  
devagar imponha  
o pulso  
que melhor  
souber sangrar  
sobre a faca  
das marés;  
devagar imprima  
o primeiro  
olhar  
sobre o galope molhado  
dos animais; devagar  
peça mais  
e mais e  
mais

\* \* \* \*

## *Psicografia*

Também eu saio à revelia  
e procuro uma síntese nas demoras  
cato obsessões com fria têmpera e digo  
do coração: não soube e digo  
da palavra: não digo  
(não posso ainda acreditar  
na vida) e demito o verso como quem acena  
e vivo como quem despede a raiva de ter visto

\* \* \* \*

## *Arpejos*

1

Acordei com uma coceira terrível no hímen. Sentei no bidê com um espelhinho e examinei minuciosamente o local. Não surpreendi indícios de moléstia. Meus olhos leigos na certa não percebem que um rouge a mais tem significado a mais. Passei uma pomada branca até que a pele (rugosa e murcha) ficasse brilhante. Com essa murcharam igualmente meus projetos de ir de bicicleta à ponta do Arpoador. O selim poderia reavivar a irritação. Em vez decidi me dedicar à leitura.

2

Ontem na recepção virei inadvertidamente a cabeça contra o beijo de saudação de Antônia. Senti na nuca o bafo do susto. Não havia corno desfazer o engano. Sorrímos o resto da noite. Falo o tempo todo em mim. Não deixo Antônia abrir sua boca de lagarta beijando para sempre o ar. Na saída nos beijamos de acordo, dos dois lados. Aguardo crise aguda de remorsos.

3

A crise parece controlada. Passo dia a recordar o gesto involuntário. Represento a cena ao espelho. Viro o rosto à minha própria imagem sequiosa. Depois me volto, procuro nos olhos dela signos de decepção. Mas Antônia continuaria inexorável. Saio depois de tantos ensaios. O movimento das rodas me desanuvia os tendões duros. Os navios me iluminam. Pedalo de maneira insensata.

\* \* \* \*

## *Algazarra*

a fala dos bichos  
é comprida e fácil:  
miados soltos  
na campina;  
águias  
hidráulicas  
nas pontes;  
na cozinha  
a hidra espia  
medrosas as cabeças;  
enguias engolem  
sete redes  
saturam de lombrigas  
o pomar;  
no ostracismo  
desorganizo  
a zooteca  
me faço de engolida  
na arena molhada do sal  
da criação;  
o coração só constrói  
decapitado  
e mesmo então  
os urubus  
não comparecem;  
no picadeiro seco agora  
só patos e cardápios  
falam ao público  
sangrento  
de paixões;  
da tribuna

os gatos se levantam  
e apontam  
o risco  
dos fogões.

\* \* \* \*

## *Jornal íntimo*

à Clara Alvim

30 de junho

Acho uma citação que me preocupa: “Não basta produzir contradições, é preciso explicá-las”. De leve recito o poema até sabê-lo de cor. Célia aparece e me encara com um muxoxo inexplicável.

29 de junho

Voltei a fazer anos. Leio para os convidados trechos do antigo diário. Trocam olhares. Que bela alegriazinha adolescente, exclama o diplomata. Me deitei no chão sem calças. Ouvi a palavra dissipação nos gordos dentes de Célia

27 de junho

Célia sonhou que eu a espancava até quebrar seus dentes. Passei a tarde toda obnublada. Datilografei até sentir câimbras.

Seriam culpas suaves. Binder diz que o diário é um artifício, que não sou sincera porque desejo secretamente que o leiam. Tomo banho de lua.

27 de junho

Nossa primeira relação sexual. Estávamos sóbrios. O obscurecimento me perseguiu outra vez. Não consegui fazer as reclamações devidas. Me sinto em Marienbad junto dele. Perdi meu pente. Recitei a propósito fantasias capilares, descabelos, pelos subindo pelo pescoço. Quando Binder perguntou do banheiro o que eu dizia respondi “Nada” funebremente.

26 de junho

Célia também deu de criticar meu estilo nas reuniões. Ambíguo e sobrecarregado. Os excessos seriam gratuitos. Binder prefere a hipótese da sedução. Os dois discutem como gatos enquanto rumbas me sacolejam.

25 de junho

Quando acabei Os Jardins dos Caminhos que se Bifurcam uma urticária me atacou o corpo. Comemos pato no almoço. Binder me afaga sempre no lugar errado.

27 de junho

O prurido só passou com a datilografia. Copiei trinta páginas de Escola de Mulheres no original sem errar. Célia irrompeu pela sala batendo coma língua nos dentes. Célia é uma obsessiva.

28 de junho

Cantei e dancei na chuva. Tivemos uma briga. Binder se recusava a alimentar os corvos. Voltou a mexericar o diário. Escreveu algumas palavras. Recurso mofado e bolorento! Me chama de vadia para baixo. Me levanto com dignidade, subo na pia, faço um escândalo, entupo o ralo com fatias de goiabada.

30 de junho

Célia desceu as escadas de quatro. Insisti no despropósito do ato. Comemos outra vez aquela ave no almoço. Fungo e suspiro antes de deitar. Voltei ao

\* \* \* \*

## Geraldo Eduardo Carneiro

### *Belladonna, lady of the rocks*

você pode mexer com as quatro cabeças  
 sem que elas tragam algum malefício  
 sem que elas exalem o cheiro terroso  
 das raízes  
 você pode mexer com as quatro cabeças  
 e ocultá-las sob o lençol  
 debaixo das telhas  
 você pode espremer as quatro cabeças  
 e fazer com que escorra seu caldo grosso  
 para dar de beber aos estranhos  
 para dar de beber à família  
 você pode dançar sobre as quatro cabeças  
 sem que sintam sua falta no Jantar de Bodas  
 sem que sintam sua falta  
 depois você se tranca no quarto  
 e põe um disco na vitrola

\* \* \* \*

## *Olhos de ressaca*

minha deusa negra quando anoitece  
desce as escadas do apartamento  
e procura a estátua no centro da praça  
onde faz o ponto provisoriamente  
eu fico na cama pensando na vida  
e quando me canso abro a janela  
enxergando o porto e suas luzes foscas  
o meu coração se queixa amargamente  
penso na morena do andar de baixo  
e no meu destino cego, sufocado  
nesse edifício sórdido & sombrio  
sempre mal e mal vivendo de favores  
e a minha deusa corre os esgotos  
essa rede obscura sob as cidades  
desde que a noite é noite e o mundo é mundo  
senhora das águas dos encanamentos  
eu escuto o samba mais dolente & negro  
e a luz difusa que vem do inferninho  
no primeiro andar do prédio condenado  
brilha nos meus tristes olhos de ressaca  
e a minha deusa, a pantera do catre  
consagrada à fome e à fertilidade  
bebe o suor de um marinheiro turco  
e às vezes os olhos onde a lua  
eu recordo os laços na beira da cama  
percorrendo o álbum de fotografias  
e não me contendo enquanto me visto  
chego à janela e grito pra estátua  
se não fosse o espelho que me denuncia

e a obrigação de guerras e batalhas  
eu me arvoraria a herói como você, meu caro  
pra fazer barulho e preservar os cabarés

\* \* \* \*

## *Jardim das delícias*

nesta madrugada de 7 de outubro  
não farei previsões de estranhos  
no Parque  
enquanto caminho nas mesmas aléyas  
que guardam traços do seu gesto claro  
e a alameda das acácias exala  
odores de memória e medo  
“I sit and watch the children playing”  
você descobre o alarido das crianças  
e parece se assustar a cada grito  
reverberado nas paredes de granito das  
estátuas e você se encanta quando recai  
o silêncio sobre as paredes ainda marcadas  
de luz e estrelas.

\* \* \* \*

## *Sobre a verdura*

os insetos voavam estranhamente  
sobre a verdura e a barraca de peixe  
permanecia um momento intocada  
em seus reflexos de luz e de prata  
e você a ver navios percorria  
o tormentoso labirinto da feira  
se imaginava um conquistador espanhol  
que se perdeu no rumo das Índias  
e construiu um castelo à beira-mar  
vendedoras vendedoras ficções sonoras  
verdes vegetais como se houvesse  
uma deusa sonhadora em cada alface  
e os dragões cuspissem fogo em silêncio  
emaranhados numa réstia de cebola

\* \* \* \*

## *A muralha da china*

à semelhança  
de outras noites  
recordar palavras estranhas  
de um velho refrão popular  
à semelhança  
de outros ritos  
reconstituir seu ruído  
escorpião ao redor da cama  
à semelhança  
de outros cantos  
imaginar estrelas  
alimentar os signos da noite  
à semelhança  
de outras luas  
iluminar seu sono  
encarcerado atrás de janelas  
à semelhança de outros sonhos  
inventar a felicidade  
que construímos continuamente  
mesmo sem saber  
que cada uma de suas muralhas  
supõe a seguinte e a anterior

\* \* \* \*

## *Na busca do sete-estrela*

(fragmentos)

Na parede úmida  
os ratos riscaram geometrias desconhecidas.  
Manuel pensou  
na transparência dos mortos  
à luz do candelabro.  
Um espelho  
emoldurou a opacidade de caras invisíveis  
e uma boca humana  
inarticulada na rede amarela.  
A sala de velório  
era sórdida como um cárcere  
de insetos bailarinos  
minando fendas oblíquas  
na alvenaria.  
A noite desabou em sombras  
com sua esfera sem claridade  
e uma lua precária de perfil incandescente.  
A cristaleira do hemisfério.

—

Palco Simultâneo  
De todo o país  
mandaram milícias  
e tropa volante para buscar  
Manuel um pássaro  
nas ventas do clarão-cano do mundo  
cavaleiro da lua feliz figura.  
O gavião-real.  
A polícia esquadrinhou as cidades  
A volante esquartejou a serra em círculos

como um geômetra.

O governo:

– Seja vivo ou morto.

    e procuraram no céu

    e procuraram no mar

O canindé:

– Soldado vem te buscar.

Mutuns maracanãs aviões.

---

Trovão aéreo

o céu rachou de pássaros-aeroplanos.

Manuel trocou a lua

por líquida sorte e rumo

O rio.

Um quase córrego

onde Pedro Benedito procurava

o ouro que não mais havia.

Um ribeirão

com vacas submersas e navios

As carrancas

Manuel tocou o sereno

pelo veio seco do acaba-mundo.

Um sabiá político

cantou oferendas e uma canção imemorável.

A barranca solitária

O sonho úmido dos peixes.

As barrancas.

---

Movimento (2)

Um dragão mecânico

Virou clarão de estanho às luzes da cidade.

Manuel bailou  
no espaço da noite sem pássaros  
O país da sífilis.  
Os fuzis brincaram  
em brancas elipses e reflexos circulares.  
A sombra reluz da sombra  
do fogaréu nas avenidas do povo  
O labirinto.  
Manuel ficou pedra estátua  
nudez angulosa e ritmada  
entre paredes e pânico de faróis.  
No alto as janelas  
com claros anjos decapitados  
Cristal de anáguas.  
O anjo da morte habita o beiral da casa.

---

– O pássaro que voa nas queimadas  
é mais que pássaro sinal  
da terra A terra é urna pedra  
doida um fogo nas ventas do  
clarão cano do mundo a morte  
é líquida – senhor capitão  
espada na cinta: ginete na mão.

Depois foi cinza  
Nódoa envenenada e mineral  
Poeira de estrelas.

/PANO/



## *Poema absurdo*

Fechou o jornal:  
A brasa do cigarro  
Ficou intensamente rubra  
Junto à janela  
O olho do cinzeiro se  
Fixou em seus pensamentos  
A mão desceu até um pouco mais baixo  
A noite começava a se debruçar  
Sobre os edifícios

Voltou ao jornal:  
Algo sobre uma dançarina de cabaré  
Um crime talvez  
Um marinheiro bêbado:  
Caminha caía ensanguentada

O telefone tocou!  
– alô!  
– donde falam?  
com quem deseja falar?  
A voz rouca cuspiu alguns palavrões:  
Alexandrino de merda!

\* \* \* \*

O ritual diário  
me envenena  
me liquida  
e por vezes  
me lança fora  
de órbita como  
um planeta louco  
em sua rota desconjuntada

pelos ovários dos cosmos

\* \* \* \*

## *Poema*

Me lembro dos seis retratos de Lenine  
sobre o teclado do piano  
(ou seriam oito?)  
O seresteiro caiu-me em cima  
com a sua lábia de ladrão de camelos  
(ajeitou os cabelos)  
Sorria sempre  
na certa pensava em quão ingrata mamãe havia sido  
(crápula!)

\* \* \* \*

Cansados da longa e absurda história  
Resolvemos num ímpeto despedirmo-nos  
/Calma coração  
A poesia reclama paciência/

\* \* \* \*

como castelos armados de fortes e fracos e folhas  
práticas ou antes de ser negro ou voz ou língua de  
fogo e gotas flamantes no céu de aldebarã como ontem  
antes de ser assim assado ou curva de discurso que  
quebra quebra prateleira prato vazio de sense tão  
sonso e arquivo tão lerdo e esguio tão logo o desvio  
se faça pendor de águas e porcos no pacaembu como  
naquela tarde de chuva no sofá da sala de não-estar  
ou

\* \* \* \*

Meus olhos vão beijar o rosto quente  
da tarde

ela fala da minha morte  
e eu a vejo como se fosse ontem  
apenas como se fosse ontem

\* \* \* \*

Teus sonhos são tuas tardes imóveis  
são o quadrado dos teus olhos  
o cavalo dos teus olhos  
são bocas dentro da tarde  
janelas para o outro lado  
– de dentro de fora –  
são mundo

\* \* \* \*

A barca do sol  
segue  
levando os mortos  
ao  
paraíso

\* \* \* \*

Nesta cidade-fantasma  
Onde o meu tio morava  
Há um saloon sempre aberto  
Aos sons mais variados  
Nesta cidade os fantasmas  
Não são gente  
Não são nada  
O vento que por aqui  
hoje  
passa em silêncio  
é o mesmo dos velhos tempos

os tempos que ninguém viu  
Mas que ficaram guardados na minha  
lembrança  
como a poeira da estrada que trago nas botas

\* \* \* \*

Em que berço dorme o  
som do mar e a luz  
ao céu profundo?  
No berço cego

\* \* \* \*

*e*

é como outrora canhões  
e motor  
estrelas bailarinas ao  
correr do discurso

\* \* \* \*

*e*

é apenas onde correr os olhos futuros  
sobre os automóveis  
apenas desmobilizar o mundo  
redecompor  
perguntar  
para onde foram os caminhões do Kaiser?

\* \* \* \*

A Religiosa Portuguesa exilou-se em fuga pt  
Atrás  
seguem  
os cães  
da  
SS

\* \* \* \*

## *Enigma*

A brasa do cigarro não perturba o teu sono  
Nem o resfolegar surdo da cidade  
Não perturbam o teu sono o relógio  
E os bêbados na rua  
Penso em tirar do silêncio  
A coragem para não te acordar

\* \* \* \*

*Kitsch-as-kitsch-can*

Óflor dolácio in kult y bela

Damala haverei

Hei de bumbar meu bode

Portodos os santos

Por todos os modus

Afim de que teu pavilhão

Soletre solto

Soletre lento

LIBERTAD

\* \* \* \*

1974

(desentranhado do poema 1914 de Carlos Drummond de Andrade)

Desta paz mundial  
Não se ouve sequer o grito gemido  
    soldado vetado  
A vida se perde num tanque  
Num poço na Penha  
Não vem nada no jornal  
Ilustrado letrado falido  
O mundo finaliza  
Reparto contudo o que habitamos  
Neste território escrachado  
Que não é mundo  
É fim de mundo  
Amarelo deixo de lado a moça  
E bolino sonetos  
A vida é sempre igual a si mesma

\* \* \* \*

## *A revisão dos mortos*

(desentranhado d'A Visão dos Mortos de Castro Alves)

Oh! é preciso inda esperar cem anos.

Cem anos...

Recife, 8 de dezembro de 1865

Um grito passa despertando os corvos  
É a enorme cópula do calvário  
O povo grita  
Independência ou Morte!  
Soberbo passa o tirano  
Que amassa o povo na robusta mão  
O povo grita  
Aonde a terra que talhamos livre?  
São os mesmos mortos poeirentos lívidos  
Que o cavalo pisa  
O povo grita  
O tirano passa  
– um rei de bronze na deserta praça –

Rio, 20 de julho de 1974

\* \* \* \*

# Luiz Olavo Fontes

## *Relicário 74*

ah vida ingrata  
chovem gatos sapatos lagos  
há dias  
impedem minha ida à praia  
remate de males  
o verão desaba lerdo  
dezembro natal frio como teus lábios  
foi-se a namorada  
fugiu com um polonês de butique  
pra Petrópolis  
é vislumbrar a felicidade e  
levar a porrada  
longo caminho da testa à terra  
semana passada atolei no inferno  
solidão me esganou  
sem mais cartilagem todo morto  
telefone pra mamãe combinamos  
esquiar na Europa até março  
ir a muitas boates  
esquecer-te pelo menos lá tenho  
Dominique Sanda que me ama

\* \* \* \*

## *Cegueira*

desgarrado rasgo  
com meu pistom  
a névoa

\* \* \* \*

tenho vontade de ver  
as coisas como realmente são  
mas só consigo ver  
através de meus olhos

\* \* \* \*

## *Sol*

ouvindo  
o movimento dos barcos  
ondas surdas  
garrafas tarrafas  
explodindo  
à margem  
nasce

\* \* \* \*

## *Valor*

a vinda  
valeu a pena  
noite janta  
a carne viva  
dia abre  
a boca do tigre  
ao longo da cama  
gente que joga  
e amansa  
antes de conhecer a dança  
a vinda valeu  
a pena

\* \* \* \*

## *Retrato*

à noite chapadões sombreados  
penteiam o esqueleto das margens  
o vapor resfolegante expelindo  
vagalumes carbonizados  
quantas estrelas tanta água  
penso no meu amor lendo Drummond  
com lentes de contato  
nervosa e linda sublinhando adjetivos  
treva ambulante  
a paisagem se descasca  
as mesmas estrelas  
as águas que passam  
meu radar está quebrado  
esqueci a mentira  
aclarou-se o mormaço  
a noite veste cabelos louros  
recém-cortados

\* \* \* \*

## *Meu amor de soslaio*

Faz tanto calor no Rio de Janeiro  
que é bom sentir essa neve  
partir de seu olhar

\* \* \* \*

## *Sequências*

nos encontramos no elevador  
depois nos beijamos  
descobrimos então que não nos conhecíamos  
que éramos do mesmo sexo que  
não podíamos nos beijar na boca  
não dormi nada essa noite  
é dia tenho um almoço curto  
demais o verão com seu sovaco peludo  
cheirando a ovo  
um mistério

\* \* \* \*

## *Lúcifer*

um dia todos os peixes  
puseram a cabeça para fora da lagoa  
e me olharam

\* \* \* \*

## *Desconstrução*

nas paredes da casa resistem  
fotofrangalhos de tempo  
a memória se estafa no living  
o futuro espera no hall  
as janelas todas cerradas  
encobrindo as vozes do sol  
à procura de um silêncio escuto  
enquanto meu olhar foge  
pela porta dos fundos

\* \* \* \*

## *Criação*

penso antes do grito  
um abraço de locomotivas  
o trem  
chacoalhando os líquidos  
e os óvulos e ovos e  
outras químicas  
primeiro era só submersão  
e uma fome submarina  
um dia o espaço faltou  
e a bolsa estourou  
a vida

\* \* \* \*

## *Fug 42*

Tude a paranoia os assassinos têm me persg  
Timamente não sei razão não devo deixar pis  
Ercito principmente a insegurança a total fal  
Tias polítiquis mínimis no mais nu sem sol  
Emos partir viver no exilis

\* \* \* \*

## *Poema d'alba*

virou dia  
e o grilo  
virou passarinho  
tentou dormir  
pra não ficar sozinho

\* \* \* \*

## *Últimos sons da tarde*

o bairro que vejo em frente é silvestre  
a blusa que ela veste organiza  
os sinos que oiço são de cosme velho  
nas axilas del corcovado seu cheiro sexy  
a tarde estremece mostrando feridas  
desbravaram a mata me tomaram ela  
só as andorinhas se equilibram  
o sol escapuliu de fininho  
trovões batem bastões de entrada  
nostálgica a noite assovia  
e cumprimenta os ausentes

\* \* \* \*

## *Propriedade privada*

não tenho nada comigo  
só o medo  
e medo não é coisa que se diga

\* \* \* \*

Eudoro Augusto

&

O fio do sonho é apenas um cabelo.  
Mas se ele pinta na cabeça  
é bom deixá-lo crescer.

\* \* \* \*

## *Fluência*

A nuvem mais dorso e anca que rosto

A núvola bufa

arremedos & dedos & damas empinadas

incha Tamoyos hipopótamos Urais

por trás da chuva as pessoas conversam

e confessam apenas sentimentos normais

\* \* \* \*

## *Santo Antônio*

Em Santo Antônio correm notícias de Otilia  
fria  
morta com diamantes moídos

\* \* \* \*

## *Zefirim*

Apostou as botas de correr mundo  
contra o enrolado novelo dela.

Perdeu.

Mas não se arrepende: vai puxando  
o fio da memória a ponta da meada  
a vida no maior conforto  
enroscado em cobertas Zefirim sem pressa  
desdobra o enigma arrepia a alma doce  
de Mimi Lãzinha Fofa.

\* \* \* \*

## *O visitante*

Entra de mansinho encosta a porta  
sem pressa mas firme fala  
farfala deblatera  
aperta e solta mas agarra  
força a barra  
apronta um ouriço  
que é isso? que é isso? e sai de fino

\* \* \* \*

## *Cuba-libre. Pau em matemática*

Um verão outro verão  
camisa berrante primeira gilete  
bicicleta, goiaba secreta  
delícias de matinê rosa  
mucosa.

\* \* \* \*

## *Gossipz*

Emilia engordou  
Valentina rasga o ventre  
com a faca de pão.  
Filipa se despenteia  
para mais uma noite de pauleira

\* \* \* \*

## *Exames*

Na terça chegou assobiando  
deu bom-dia  
e recebeu de cara a novidade:  
esquizofrenia.

\* \* \* \*

## *Racconto*

Chegada na festa de olhos vendados  
e ninguém se apresenta. Mofamos  
no canto calados mas o nariz desperta  
(está no ar o perfume do perigo)  
muita batida conversa de atropelo  
joelho cotovelo  
– esse ângulo, amor, é impossível –  
poucos reparam na moça porque passa  
uma salada, bandeja de palavras raras  
com citação clássica em forma de cereja.  
Circula a taça, o narguilé, risada fraca  
afrouxa o cinto, o colóquio  
vira circuito de peitinhos rijos  
mas quando se repara já é tarde:  
o penetra mordisca o damasco, cospe o caroço  
identifica-se. Sou um artista, vou comê-la  
e Afrodite quase distraída: por que não?  
Eu também sou filha de Zeus.

\* \* \* \*

## *O passageiro de Baghana*

Lá onde vais é a tua sorte  
é tu  
de olhos arregalados:  
onde estalam as estrelas  
de ver para sempre.

\* \* \* \*

## *A comadre seca*

Chegou de manhã bem cedo  
e já são três horas. Foda-se  
a delicadeza. Acho que vou sair.

\* \* \* \*

## *Piteira cabocla*

Puro dengo  
sugas do céu azulengo  
o sopro que dá musgo à pedra  
o sabor que inquieta a língua  
esforço apenas respirado.  
Mas o vento meu anjo  
tem gosto apressado.

A tarde ronrona  
na goela do gato.

Passam anos passam dias  
enquanto acendo o cigarro.  
Passa sombra traço nome  
voam aves de vertigem  
corre um desejo rosnado.

O sono da gaivota é o seu voo:  
eu durmo e fica acordado.

\* \* \* \*

## *A dama esconde os segredos na manga*

Alguma coisa terrível  
epilepsia pais adotivos falência fraudulenta  
meias rasgadas genocídio suinofilia?  
explosão de gás na paz doméstica  
uma carta aberta nas bodas de prata  
(ou foi na lua-de-mel?)  
quem sabe trauma banal e ameno  
já se fechando em minúsculos pontos  
na cicatriz junto à orelha  
enigmazinho bem defendido  
por quase imperceptíveis movimentos de pálpebra.

\* \* \* \*

## *Half the fun*

Cabelos palmeiras  
um monte de palmeiras na praia  
e juntas as crianças mijam  
as barbas do sol. Amar  
pode ser amargo: uma pastilha  
contra a acidez mortal do dia

(no meio do caderno há sempre uma linha  
que não combina)

obrigado meu bem tuas unhas machucam  
a minha carne não esquece  
o teu estampado da Jamaica o meu  
barco à vela pouco resistem  
no horizonte dourado das banhistas  
(no meio do beijo há sempre uma língua  
que ninguém reconhece).

Ouro nos cabelos. Uma gota de veneno  
no vidro de óleo para bronzear.

\* \* \* \*

*Your/Yher*

a widon word  
is as good  
as a virgin  
one

\* \* \* \*

## *Ficar maluco de beijo*

Desamarrar as veias feito doido  
doido de hospício  
nó por nó o coração  
beber toda a vidinha de uma vez  
viva paixão de sanguessuga  
sobrevivida

(tremo-tremor de boca a boca  
tateando seu nome guelfamusa  
coisa muito maluca  
Ay eu amor).

\* \* \* \*

Waly Sailormoon

*Livros de contos*

Alma emputecida

Sombra esquisita

Se esquiva

Entre

Laços de Família

\* \* \* \*

## *Jardim de Alá*

EMBRIAGUEZ/ cesto de caju/ claro de luva/ olor de jasmim/ teto de  
estrelas.

Recostado nas almofadas, ouve leitura da ata de reunião da célula

Tupinambá guerreiro

Rei da Turquia

Pisa no chão devagar

Que a noite está

que é um dia

EDEN – ARABIE

\* \* \* \*

## *Pickwick Tea*

(cenas da vida teresopolitana, petropolitana,  
friburguense, itaipavense)

A mãe comenta o Inferno de Dante.

A moça quinze anos lê o roman La Chartreuse de  
Parma. Fala de Balzac aussi como servindo para descrições  
de paisagens e ambientes de baile. Narra as aventuras  
pelo impossível de Candide et Zadig. Thomas Mann  
na estante. Michelet écolier.

Quand le maitre parle j'écoute/ le sac qui pend a mon  
épaule dit que je suis un bon garçon.

\* \* \* \*

## *Confeitaria Marseillaise – Doces e rocamboles*

Caçadas

Experimentados no manejo de armas de fogo 3 filhotes infantis da burguesia empunham arma/ 1 empunha revólver/ 2 empunham espingardas. O aéreo esmaga folhas de eucalipto de encontro ao nariz enquanto de noite sonhei com um batalhão policial me exigindo identificação/ revistaram a maloca do fundo do meu bolso/ mostrei babilaques/ me entreguei descontento pero calmamente/ nada foi encontrado que incriminasse o detido no boletim de averiguações depois de batido, telex pra todas as delegacias.

Vadiagem.

\* \* \* \*

## *Emilio ou da educação*

Garoto

Você é meu

Garoto

Você mora no meu coração

Garoto

Quando tiver condições

Quero morar com você

Garoto.

\* \* \* \*

## *Self – Portrait*

(fragmentos)

Que idade é mais própria aos meus 26 anos?

Que idade é mais propícia?

Risque da composição os períodos de obscuridade.

Minha língua – mas qual mesmo minha língua, exalta e

iluda ou de reexame e corrompida?

– quer dizer: vou vivendo, bem ou mal,

o fim de minhas medidas; quer dizer:

minha grande paixão é um assunto

sem valor; quer dizer: meu tom de voz

não fala mais grosso.

—

Espero aprender inglês vendo tv em cores. sou um pinta de direita com vontade de poder um baiano faminto baiano é como papel higiênico: tão sempre na merda. eficácia da linguagem na linha Pound Tsé Tung. sou um reaçã tento puxar tudo para trás: li retrato do artista quando jovem na tradução brasileira.

Paródia caipira.

Corte no papo careca – som: “tou sabendo”

(Edênia e Bizâncio. Os poetas da Bahia que leem Plotino e aprendem línguas estranhas. Amor Amor Amor em que trágico cotidiano tu morrestes)

Les illusions perdues... Educação sofrida...

Tudo isto cheira século dezesseis. Tudo isto cheira século dezessete.

Tudo isto cheira século dezoito. Tudo isto cheira século dezenove.

Um título boçal de suplemento provinciano: Significação Presente do Romance Tradicional.

Um título boçal de suplemento provinciano... Um texto antigo...

Um deus reparador e vingativo...

—

Esses selvagens esfarrapados perdidos no fundo do seu pântano, proporcionavam um espetáculo bem miserável; mas a sua própria decadência tornava ainda mais sensível a tenacidade com que tinham preservado alguns traços do passado, sonho de um ser doente cansado de bater punheta. nirvanil. confia no Senhor de todo o coração e não te estribes no teu entendimento. peguei o come-quieto abri o come-quieto.

Nado neste mar antes que o medo afunde minha cuca. óbito ululante: não há nenhuma linguagem inocente. ou útil. ou melhor: nenhuma linguagem existente é inocente ou útil. nadar na fonte é proibido e perigoso.

Enfraquecer e chupar o sangue da vítima.

Berra o poeta – rei do bode: estou brocha.

---

Self-portrait. Eu falava mal de todo mundo com minha compoteira de doces caseiros. eu era o mais provinciano dos seres. desses pinchadores de terrível língua. preciso reconhecer um intelectual nordestino antediluviano, não há outra palavra, com problemas homossexuais. um intelectual rançoso ou seja uma casa pernambucobaiana cheia de frutas e águas. vou ficar contente porque sou de uma maldade total e danço por cima de minha foto adolescil. estou travando uma luta titânica contra a hidra de lerna. já não estou me reconhecendo mais neste assunto fedorento bitropicalista tipo alfininha biscoito de louça romanisca. teve uma hora que eu quase morri de comer manga na praça.

---

Alguns apanhavam calados. Estes eram poucos. Os outros sempre revidavam, e sempre levavam a pior. A maioria apanhava e reclamava, tendo o cuidado de limitar os seus protestos aos gritos e choros. Mas havia ainda uns tipos especiais, que se haviam feito respeitar de tal maneira, que contavam com a cumplicidade e até com a capangagem de determinados guardas.

– Vou te moer todo, seu paca. Vou te moer todo, e depois vou te servir na bandeja pra todo mundo aqui dentro. munhecaços. o místico da prisão.

Take Kindness for weakness. Quanto à bondade, não passava de uma fraqueza. E a disciplina, de covardia... Um dos guardas armados manobrou o ferrolho do seu fuzil, um sentinela foi derrubado de sua guarita sobre o muro.

---

EQUILIBRADO E RADICAL. In e Yang. Prosseguir. conservadorismo que abomina Nelson Rodrigues e preserva a mesma face perversa: Nelson Rodrigues pelo menos é cínico e fantástico, fascinistro. idem com killing em nome de coisas reacionárias: rio pornográfica. o fascismo está além mais próximo e aquém, num rio sem margens, num rio de cagaço. não tenho a virtude mesquinha de acreditar nas torturas sofridas por um velho comunista de 70 anos que leva a sério um sonho frustrado de tomada do poder. Não tenho a virtude mesquinha de acreditar nas torturas: os gênios se castram por si. velho. comunista. e mentiroso. nada de novo pode surgir daí. e se por um texto bastante ambíguo eu for chamado pra depor?

---

Derradeira photo: mágoas de caboclo: estou  
levando uma vida de sábio santo solitário: acordo ao  
romper da barra do sol me levanto saio pra passeiar  
nos arredores ouvindo passarinhos indo até a  
fonte d'água vendo a cidade do Corcovado cantando pra  
dentro:

\* \* \* \*

Ricardo G. Ramos

*Detonação*

Reformador de estruturas  
Falou o crítico  
Educando  
Sobre a ignorância falou o crítico  
Ofendido  
Armado até os dentes  
“É preciso cultivar a divindade  
Arrancar do coração o dejetivo  
Perdão! “Objeto”  
Uma teoria espiritual  
Certo, colossal!  
E o pobre cavalo de ferro  
Não desgasta Zé!  
Sociedade anônima dá pé  
No bolso do mundo patriarcal  
Paisagístico  
Nas entranhas metafísicas  
A luta em vida dos opostos mortais  
A gozar o sexo molhado e reprimido  
Lido olhado ouvido esquecido  
Esporeado anda... anda...  
Desanda...  
E anda...  
Rumina a forragem escassa

Cagada do alto  
Onde as estrelas iluminam  
Ofuscam o assalto

Mudança empírica  
Retirar o berço da menina de trança  
Esplêndido!  
Deixa cair o deitado eternamente  
Em sono lento

Que parta a espinha  
Pra não andar  
Dobrar os joelhos  
Pra não rezar

Das cinzas faz-se um novo modelo  
De sangue pinta-se um quadro:  
Uma paisagem continental por exemplo

\* \* \* \*

## *Ode ao motorista*

Ode é ódio  
Choferal é choferal  
Motor é choferal  
General Severiano é uma rua  
Federal segura o volante  
Gasolina é choferal  
Ina tiro no final  
Mata como centopeia  
Rata é choferal  
Como a fera serena  
– Leão de Androcles  
Solto na arena  
Shall com ica  
Retifica o choferal carnaval  
– Carne com festival de navio  
Chô!  
Choferalíssimo franco  
Chou ho ou gomorra  
Choferal  
Filha da puta institucionalizada  
Choferal neta da mãe de um deus  
Seu choro vela o cheval  
Choferal geleia real  
Realizada depois da monarquia  
De um modo de produção  
Do Brasil dos brasões  
Com rima tropical e banal

\* \* \* \*

## *O que o outro tem*

Do mais perto que sente  
Tem o amor do cão abandonado  
Este amigo soltador de pelos  
Pregados no tapete azul

Do mais longe, tem a mãe  
Tão preocupada em outra cidade  
Que lambe seu sexo à distância  
Cultivando a ereção impossível

Tem também como vizinhos  
Os que pagam salários  
Os que visam pecúlios  
Segurando a ditadura  
Pra viver & pra morrer

E tem a ideia experimental  
Exclusiva do poeta do processo  
Estabelecendo o nada de novo  
Dourando a propriedade do velho

E tem sua mulher esperando  
Que já ganhou carrinho usado  
Por isso apodrece o esperma  
Para regar a tranquilidade  
Com o mijar do homem bem vestido

\* \* \* \*

## *Mandala*

(o querer da arte questionado)

Uma cabeça aberta a golpes de estado  
Que não dói nem rola se estudada fria  
depois do cadafalso francês donde sumiram a escada.

Você!

Limpa de água e complemento – sabonete.  
No primeiro dia, depois à falta chamada necessidade,  
somente algumas horas deste primeiro dia,  
sem a limpeza, secador elétrico, quentura nos cabelinhos.  
Quero um dia apenas do terceiro futuro.  
Em pé feito uma interrogação, ficar diante do voto secreto.

(Quero o corpo abusado)

Poder arriscar a palavra – usar dentro do riscado.  
Quer você queira ou não queira trincar o risco.  
Numa noite diante de mim  
e de todas as imagens que vêm sendo formadas.

Venha você vestida

Venha você vestida com o pano mais difícil de rasgar  
Se prepare para um discurso tumultuado de céu claro.  
Dali seu corpinho são será molhado para mim mas por mim.  
Quero entrar em você, olhos e óculos de alcance  
Beijar (linguar) todo seu conhecimento. Lamber  
Me entregar à posse de sua autoridade desconhecida  
de noviça.

Eu!

Eu ofereço a eternidade de um fato consumado.  
Daí o resistir, o resistir por exigência  
de uma noite/dia/noite/dia/noite/dia.  
Exigir a minha poesia em pedra-sabão.  
E olhos cansados de uma maneira inteligente

desde a testa até a estrutura do pezinho.  
Violar a criança que sei mulher  
com muito amor surpresa e antiguidade.

Espero um assassinato completo:  
com juiz, promotor, advogado.

Todos ensanguentados.

Por tudo isso, por nada, exijo pedra sabão  
pra lavar e esculpir uma grande dúvida.

\* \* \* \*

## *Panis et circencis (.)*

(.) Local – templo dos adeuses  
Setor – cadeira de comércio exterior  
Assunto – café e futebol  
Valor – USSR\$ 193.70  
Fatura – 14.julho.1971

I

Tarde

Cedo demais

Domingo sol

Nem um pingo

Gole

Nada

Na cacex foi decretada

A república som livre

Esporte-cafezinho-importação

Na camarada sexy

Derruba a monarquia!

Queda a bastilha nacional

Basta!

Putsch

Tá assim instituída a democracia

E todo mundo chia na panela fervendo água fria

Fica tamtamtam fica tamtamtam fiiiica

Ficaaa, fiiica, fica, fica, fiiica!

Picas!

Pelé não vai embora

Ora ora

Vai ficar para o bem de todos

Como eu tu ele nos vocifera a fome  
Amo amas amat

## II

Coroa de ouro sempre se usa  
A Inglaterra dos aviões camberra  
E os aerófbos raivosos  
Da saída fora de foco das televisões  
O rei errou? Preferiu desertar  
Independência sem a morte  
E a outra? A festa presepada parada  
Ele lado a lado em tabelinhas  
Com o morto real auferido alferes  
Genial goal! Dentro de Portugal  
Com corda em tudo e todos  
(Pegava pra ver o tapete purpúreo  
Tecido pelo povo e para o povo)  
Ele pele el-gal de pé pedante  
Avante! Evoé! Anauê!  
Pela direita pelo centro  
de líbero pela esquerda mérdia  
Chuta com três botinas  
Mil tantas travas  
Em todo canto do campo de concentração  
Bate o tiro esquinado e difícil  
Peleja entra duro  
Sai mole mole  
– De placa mais uma lata

## III

Ave Caesar morituri te salutant  
O soberano à eminência gramada  
(Parto-lhe a cara! Soa Espartaco)

Morte e vida pelerina pelecanga pelerico  
Expelida a bílis no penico vira eterno  
Café educação bule de cachaça  
Bulha! Pra todo universo

IV

Em cada estado novo velho  
Um estádio na gestação apressada  
Cresce niente porém decente  
O tesão copular no sexo coletivo  
Puro tabagismo concretado e popular  
Let's jump sing sola simonal  
Burn baby underground  
Burn baby doc boy super-herói  
(Vae victis)

Pelo que e eu não sei  
Rex Cassius Clay ex  
Muito mal aí ali  
No meu pé de manacá

E o maraca murcha  
Murcha marcha de plantadores  
Dos conduzentes estranhos canadianos  
Dando fogo à queimada pra crescer mais  
A folclorida semente de canabrás  
Enquanto um timaço de massa  
Sem meio campo cabaço continente juiz  
Segura os bandeirinhas ataca feliz  
E taca bis

V

Olha Ganga! A zumba  
Outras palmas palmares

Quilometradas  
Escuta, Lumumba! Lundam rumba  
Ousam sambar sem tampa  
As lousas nas catacumbas

Maracanã canaã  
Bumba-meu-boi!

VI

E nem tinha um outro  
Era torto e se acabou  
Passarinho quis como petiz com sua preta  
Negrou medrou e não medou  
(à revelia servem antinomia)

VII

História defasada sem telefone  
– Love Story for the one  
Pelé abolicionista  
Apela à vista nas telas  
Não está na lista é bondade  
“Alô!” – quem fala é sua majestade  
(o meio divide a mensagem)

VIII

Burguesia sem azia também some  
Como somando indivisível  
Bola + cuíca + chão + galão + de + gasolina  
TRIVIAL simples na ordem pai mãe espírito santo  
(o primeiro bonzinho trivializava)  
De bondinho certilho  
Virou trem três corações  
De quem sem dinheiro expulsa um milho

(como na loteria de Maria)  
Milho-bilhão cresceu à beça  
Colhido com louros o menino  
Viu no campo estrangeiro  
A alva rima rosada – rosa rosae rose

Casto Condor! Repare a ressalva  
Tu que ficaste sem pé sentindo a dor

De repente sueca  
Gelada goleada tropical

IX

Le roi est mort vive le roi!

Um raposeiro ganha a camisa mineira  
Um tostão trocado por dez cruzeiros

Obrigado creme crack café!

.....

SSilêncio!

No ar o som de niñar Edson

Que voa com os santos

Mas torcechora pelo Brasil selecionado

\* \* \* \*

## *Exercício de tiro*

(Do atirador  
A volta do que sentiu falta  
Da carga pesada pela balança  
Assumida na ida e num livro  
  
Previdente pois descalço  
O pé do homem na máquina  
Aumentou o peso burguês  
Sobre tudo sobre todos  
  
E a gravata não é borboleta  
Por falta de asa para voar)

Se o sonho acabou  
Não posso pensar  
No que antes de vir  
Chegou atrasado

Se a pedra é pré-histórica  
Não me interessa o estudo fóssil

O cu da mãe agitado sentado  
Sente a natureza do chão e lava  
O poema escrito com areia

Este sim espera paciente a maré  
Como todo recital sólido  
Diante do sol que o derrete  
Pois a poesia é puta de saber  
Que sua sombra petrificada  
Tem o sal das coisas aproveitadas

Se a pedra portanto  
Tem pouco peso e passado  
Basta a qualidade da mão em bólido  
A esculhambar figuras ótimas

E uniformes:

Faz-se a porrada nos contramestres

Viso eu ao verso conversível

Não aos abraços antropoides

Que acenam como se alvos embaçados

Fossem claros frutos tropicais

Enquanto tiros reais se alojam e ficam

\* \* \* \*

# Leomar Fróes

## *Ensolarado de metralhadoras*

gelatinas e pudins assim  
comunicamos que  
de conformidade com o artigo 99  
rigorosamente observado  
pela gerência desta casa  
o cara poeta devia ser maluco uau jogava  
dinheiro pela janela e sacudia  
a urso menor no corredor pelado  
deitado e ternamente com as pernas  
cruzadas docemente na rede de entidades  
cascadura dinheiro provoca essas loucuras cascadura  
os companheiros são flâmulas laterais  
no trem que vai que vai  
pronto atravessou o tálamo a doce paz da deusa dos cílios industriais  
que me mordida o dia e zás  
fotografia o corpo que cai  
senhoras e senhores eu daria  
    os rins  
    minha gravata borboleta de cetim  
    duas lágrimas abóbodas uma festa  
    interminável  
    de rum e cocacola  
    em troca  
    apenas de você  
    pessoa amanhecer  
    me demolindo  
    tão desrespeitosamente como um hino

atravessado entre os dentes  
de um ninho ardente e todo  
ensolarado de metralhadoras.

\* \* \* \*

## *Urbanas*

mas muitas criaturas sempre me disseram sabe vida  
que eu devia acordar  
cedo para dar  
milho pras galinhas ou botar  
as máquinas maravilhosas  
para andar  
pra cima do pescoço das pessoas já que era  
costume favorito e esporte predileto  
aqui na terra  
eu ficava  
tirando borboletas das gavetas e espiando  
as formigas ao invés  
de aeroplanos

\* \* \* \*

## *Descordenada*

assim sendo eu voo aos bêbados & humanos em razão do que desejo  
solto os cachorros contornos de fogo do cérebro  
viajo o verde desgaste das árvores  
revejo  
atacado & a varejo  
na ensolarada abertura lascada dos dedos metálicos o último  
reflexo de dor e saudade  
bocas gargantas o beijo  
e o sonho que vou iscar nas pessoas  
pra mim é sempre uma boa  
cheirar linguar enxergar invadir  
a pele a carne os ossos com um desequilíbrio da ordem  
de 2 bilhões de relógios  
como no texto azul dos poetas  
os nomes não interessam  
só as chamas  
que vivas vivem na ida e na volta  
do vento que der ou bater  
no longe corte do peito nas tontas  
revoltas da cara  
incompleta e qualquer  
mudo constante de olhos  
botando as unhas de sangue e a língua  
apodrecida pra fora  
das boas casas do ramo da história.  
não disse não disse não diz  
e cala  
as paredes  
as ruas  
as casas  
pois e

eu também falo pouco  
sobrevivo  
com muito esforço  
e as costelas partidas  
da vida no bolso  
pois as paredes me trepam  
pelas orelhas e pescoço  
tiro um tijolo  
e vem outro  
se aproximando do corpo  
com os olhos de luz e sangue ora direis  
telefone.

\* \* \* \*

## *Lágrimas de boi ou falavera*

às vezes eu fico olhando para o rosto  
de qualquer pessoa  
com um olho nero em fogo e outro bobo de atenção  
de procuração para ver se enxergo as cooperativas vivas  
de cada solidão  
mesmo se não acho acredito até que cada cara  
tem uma tarefa contínua e incessante  
com as dores do parto  
do instante  
então me dá vontade quando agarro uma boca parada  
de reclamação  
de enfiar os dedos nela só pra ver  
se encontro a língua falavera ou para ver se os dentes  
mordem  
mais e mundo além de alguém também me dá vontade  
de beliscar  
no ponto de consolo de uns olhos gelados  
só pra desfiscalizar os nervos de controle e fazer  
piscar três vezes uma lágrima  
de boi  
no matadouro.

\* \* \* \*

## *Impressão aparente*

entre as cortinas um talho verde e ainda entre as cortinas  
ou já  
na casa escapulindo das máquinas da tarde pra cima  
dos sacrifícios da noite  
sonhavas  
um gosto doce de folhas na boca e o rosto  
de uma pessoa em viagem

\* \* \* \*

com olhos de luz e sangue  
você atravessa as nuvens acorda e me telefona  
desesperando reclamando que  
com vítimas e mil demônios as paredes estão  
se movimentando  
de madureira pra china  
de bon sucesso pra índia  
e ainda  
fechando as folhas por cima  
em trevo de brisa que ria  
em seus cabelos agora sua língua  
se encolhendo as paredes  
se aproximando da boca  
unhada inchada  
madrugada  
bato palmas pra espantar  
os fantasmas na calçada  
mas você continua  
acordada  
as retinas exageradas  
as paredes se aproximando  
você com mil demônios no peito e sem jeito

de enxergar qual a última  
folha de ar  
e socorro  
respira com todas as garras e urgente  
dificuldade no rosto  
iluminado e nervoso  
repara

\* \* \* \*

## *Canela depilada*

deixa pra lá diana é sangue mesmo e não adianta pôr areia ou desdobrar  
jornais por cima  
dos olhos da cabeça da barriga  
pra esconder ou estancar  
o aconteceu me apanhou no calcanhar subiu por suas coxas deu no peito  
com as sombras num luar  
suspeito  
suspiraram já nos viram aos beijos  
e abraços com uns e outros imprestáveis jantando o puro osso  
a canela depilada da vida querida metida mexida no pescoço o alvoroço  
e a totalidade da carne dos pinéis  
nos ombros já sem roupas  
uma ilha se quebranavega outro corpo  
sem ar nas mãos das pessoas me apanho te olho e carrego  
um saco de rostos  
desarrumados da linha de montagem  
    aqui        no  
        fundo  
intransitável  
da garagem  
agora é tarde  
pra dizer que faz engano ou disfarçar  
de quatro pés  
nos enxergaram  
soltando passarinhos pela boca  
e sorrindo um lado alegre e torto para os lobos

\* \* \* \*

Na Rua Cândido Mendes  
na Lapa ou em Botafogo  
jornais jornais e os sempre

cativos lembres de sol  
e fogo  
assim que brabo os custos pago os preços e atravesso  
um subúrbio cachorros outro subúrbio  
depois todos  
Olaria Madureira Encantado Cascadura  
Bangu e Bonsucesso  
as cores da zona Sul  
os pontos de luz e encontro  
na festa azul do comércio  
os grandes  
edifícios num bode  
feíssimo e sujo  
toda cidade me deu  
ajuda  
espantamento e conversa  
jogada fora  
de indústria além  
de umas mazelas nas pernas e um trem  
de aço atravessado nas últimas  
assombrações populares  
o esfrangalhado xale  
das nuvens claras  
e o deserto dia

\* \* \* \*

do mundo  
comigo minha cara metade descontada dos cravos e das manchas  
solares fantasmas sorrindo e crianças  
meus lábios  
no vídeo minhas grades  
de Romeu e Julieta  
minhas flores de seda

na valeta  
minha noiva de sede e vapor  
mexendo ainda a boca e indecente  
minha dor  
abrindo os pulsos e subindo  
sem fé ou melancolia  
para o final das estrelas.

\* \* \* \*

## Isabel Câmara

### *Dezenove do oito de mil novecentos e setenta & quatro*

Não entendo nada desta janela fechada  
que me aperta a culpa  
Doer não dói mais, nem sangra –  
Consegui o que queria:  
ser despedida, ficar perdida  
falida & alone  
olhando o papel da Comédia.  
Sei que me chamam Bel  
Mel de paixão  
sugado da boca louca  
de onde sangra o coração  
e chora a hora  
do leito vazio  
da falta de peito  
do jeito do beijo  
fácil, difícil, sutil.  
  
A verdade é que vivo a mil  
sonhando a morte em azul-anil

\* \* \* \*

## *Light-Cock-Song*

só para gênios, tímidos  
e alguns porcos chauvinistas  
desses que o padre vem me  
benzer todo dia, e que quando  
não vem ele cá vou eu lá:

Leva este caralho compra-me um maço  
de cigarros Continental, umas cem  
gramas de alho e o tempero, que te der na cuca.  
E se o dinheiro render, um lacinho de fita  
de seda ou crepom. Depois, na saída do cinema,  
vem cedo pra casa, me leva pra cama, sem se  
esquecer que o alho é para um aglio-olio.

\* \* \* \*

*Fim (13º volume)*

Você me falou  
que me mandasse porta afora  
Eu vou  
Vou com força total  
esta porta não é metal  
é o nosso mental  
transparente  
correndo da corrente  
que pega gente exigente.  
Vou enxugando a alma.  
na palma que segura  
a espada.  
Vou pedindo calma. . .

\* \* \* \*

## *Ih, Lógica*

Só quem sabe a Idade do Ferro  
é a Bigorna que o modifica

\* \* \* \*

## *Exclaresendo*

Toda alegria que bate em mim é motivo de certa emoção que assusta. E como o susto me retira de mim mesma feito tivesse cheirado pó de pirlimpimpim, embarco no ato de sentir dor tal e qual um daqueles rapazes ou moças indevidamente apontados pela hipocrisia de “pervertidos sexuais”. (Ninguém perdoa, hein?)

Pois há determinados dias que nem me passa pela cabeça tal ideia e o que me assola mesmo é o prazer dos cinco anos, quando a dor, doendo, ficava no mesmo pé de igualdade com o amor se abrindo.

É então que eu saio por aí de braço dado com a própria sombra e vou sonhar acordada nas portas dos Grupos Escolares (de preferência os públicos) como um tarado qualquer.

Só assim sinto-me pura para um Ato Solitário.

\* \* \* \*

*A very-important question*

Qual mortal até hoje  
pensou um  
Unicórnio com medo  
de cair-lhe o chi-  
frinho da testa?

\* \* \* \*

## *Afirmativa*

Na posição que me encontro  
só no sono do barato  
na zona franca, ausente  
me sinto contente!

\* \* \* \*

## *Hora sagrada*

Ti espero.  
Sob o travesseiro  
a tesoura segura  
o Ouro  
o Trigo  
o abraço ligeiro  
de quem tem cheiro  
das coisas pagãs  
anãs sob o linho fino  
o vinho rasteiro.  
Faço a feira  
vivo beirando a beira  
da Orgia  
que pia, escorrega,  
cortando ligeira  
a noite do dia que me alivia.  
E aí só cria  
meu mundo de fantasia  
Agora vê se não chia  
Você não é minha tia.

\* \* \* \*

## *Manhã de frio*

(Lena meu amor)

Trata-se de uma certa dama  
que acorda aflita pelo dia  
observando da janela do seu  
Disco-Voador  
o cinza que se irradia  
desde a música –  
Romântica e Alemã  
até a cor fria da Dor

\* \* \* \*

Quem diante do amor  
ousa falar do Inferno?

Quem diante do Inferno  
ousa falar do Amor?

Ninguém me ama  
ninguém me quer  
ninguém me chama de Baudelaire

\* \* \* \*

## *Lençóis*

(Para Esther, da Clínica V. Silva)

Aos domingos se vai ao longe...  
Lavam-se panos brancos e os  
denominamos roupas de cama:  
Roupas de baixo  
Roupas de cima –  
Coisas da Casa  
Aos Domingos todos se cansam cedo:  
há enlaces matutinos  
e muitos hinos.  
Aos domingos há missa, música  
entreveros. Há quem chore  
nalguma hora e há também  
possibilidades novas:  
Há pares, bares, porres.  
Aos domingos semeiam  
as lavadeiras  
seus azuis/brancos lençóis  
lúcidos dos dias de semana.  
Para elas lençóis  
Prata da Casa  
Lençóis louça de Porcelana

\* \* \* \*

## *Mistura fina*

Now is just a taste  
of how to face  
face to face  
A faca que ataca  
o mal real  
de ser leal ao  
leite quente, ao banal...

\* \* \* \*

## *Probel/problemas*

O futuro é uma ciência fodida pelo tempo

O presente é isso aí

O passado é a gavetinha onde a memória brinca  
de obra e Arte.

\* \* \* \*

## *Carta*

Olha eu te desejo  
tanto que perdi  
o recado.

Nada temo, tremo!  
Sou poeta devassa  
adorando a tua raça.

Lovely & lonely bird  
of my Youth, tell  
me how to reach  
The South of your Mouth

\* \* \* \*

# Chacal

## *“Só dos terratenientes”*

não tenho nenhuma observação a fazer sobre a vista da varanda.  
nenhuma, a não ser o céu largo e iluminado dos subúrbios do rio de janeiro.  
céu q se alonga ao longo do mundo inteiro.  
não é de todo mundo a terra q é redonda.

\* \* \* \*

20 anos recolhidos  
chegou a hora de amar desesperadamente  
apaixonadamente  
descontroladamente  
chegou a hora de mudar o estilo  
de mudar o vestido  
chegou atrasada como um trem atrasado  
mas que chega

\* \* \* \*

## *Rápido e rasteiro*

vai ter uma festa  
    que eu vou dançar  
até o sapato pedir pra parar.  
    aí eu paro, tiro o sapato  
e danço o resto da vida

\* \* \* \*

Cidade antiga  
A bisnaga de ontem  
A broa de anteontem  
O tatu dormindo

\* \* \* \*

Paixão é pra disfarçar solidão  
tão cheia de aflição  
que podia ser uma afta  
tão ácida na boca  
tão ácida tão flácida a morte  
tão diferente  
assim sozinho lembro você dizendo:  
não se faça de difícil. . . é uma gargalhada geral  
uma minina se matou. . . tava de saco cheio  
meu amor não pintou  
é. . . o palhaço entra em cena de qualquer maneira  
arrepia

\* \* \* \*

## *Papo de índio*

Veio uns ômi di saia preta  
cheiu di caixinha e pó branco  
qui eles disserum qui chamava açucri  
Aí eles falaram e nós fechamu a cara  
depois eles arrepitirum e nós fechamu o corpo  
Aí eles insistiram e nós comemu eles.

\* \* \* \*

Como é bom ser um camaleão

Quando o sol está muito forte, como é bom ser um  
camaleão e ficar em cima de uma pedra espiando  
o mundo. Se sinto fome, pego um inseto qualquer com  
a minha língua comprida. Se o inimigo espreita, me  
finjo de pedra verde, cinza ou marrom.  
E, quando de tardinha o sol esfria, dou um rolê por aí.

\* \* \* \*

o poeta que há em mim  
não é como o escrivão que há em ti  
funcionário autárquico  
    o profeta que há em mim  
    não é como a cartomante que há em ti  
    cigana fulana

o panfleta que há em mim  
não é como o jornalista que há em ti  
matéria paga  
    o pateta que há em mim  
    não é como o esteta que há em ti  
    cana a la kant

o poeta que há em mim

é como o voo no homem pressentido

\* \* \* \*

espere baby não desespere  
não me venha com propostas tão fora de propósito  
não acene com planos mirabolantes mas tão distantes  
espere baby não desespere  
vamos tomar mais um e falar sobre o mistério da lua vaga  
dilan na vitrola dedo nas teclas  
canto invento enquanto o vento marasma  
espere baby não desespere  
temos um quarto uma eletrola uma cartola  
vamos puxar um coelho um baralho e um castelo de cartas  
vamos viver o tempo esquecido do mago merlin  
vamos montar o espelho partido da vida como ela é  
espere baby não desespere  
a lagoa há de secar  
e nós não ficaremos mais a ver navios  
e nós não ficaremos mais a roer o fio da vida  
e nós não ficaremos mais a temer a asa negra do fim  
espere baby não desespere  
porque nesse dia soprará o vento da ventura  
porque nesse dia chegará a roda da fortuna  
porque nesse dia se ouvirá o canto do amor  
o meu dedo não mais ferirá o silêncio da noite  
com estampidos perdidos.

\* \* \* \*

à deborah

meiufiu  
tem um fio de queijo

tem um fio de goma recém-mordido

recém-mascado tem um fio de vida

tem um fio de carne recém-amado

recém-nascido tem um fio de saudade

tem um fio de sangue recém-passado

entre a Razão e eu

recém-partido tem um fio de luz

entre eu e o misto quente

entre o chiclete e eu

entre eu e teu corpo

entre teu corpo e teu filho

entre eu e você

entre eu e mim

recém-chegado

\* \* \* \*

uma  
palavra  
escrita é uma  
palavra não dita é uma  
palavra maldita é uma palavra  
gravada como gravata que é uma palavra  
gaiata como goiaba que é uma palavra gostosa

\* \* \* \*

*“Santa Teresa ora veja”*

nuance de fragrâncias essa santa tem. tem o lindo olor do lírio e tem o sabor do pecado. ah... mulambas subindo encostas. ah... encostas, encanto dos encantos. tem também no ar, cheiro de gasolina dos carros, alguns, q passam. mas se cheiro fosse pecado, o mais usado seria o de teresa q, quando viva, usava apenas uma gota de flamingo na sola do pé. teresa, depois de morta, virar santa, é o q mispanta.

\* \* \* \*

## *Preço da passagem*

(fragmentos)

Nome Orlando Tacapau  
Idade Indeterminada no Espaço  
Origem: Indefinida no Tempo  
Filiação: Alzira Namira Irineu Cafunga  
Impressão Digital: Lamentável  
Traços Psicológicos: Maleabilidade em relação aos animais sem horário para as refeições alegre ardiloso instantâneo aéreo pássaro instável sujeito integral iluminações avulsas.

Traços Físicos: marca negra na íris

Profissão: qualquer nas horas vagas

Pseudo Alcunha: Ornar Malina

Analvaro Inflamável

Maxmidia

Francis Khan

Graça Bandeira

Alcântara Tatu

Décio Esteves Lopes

Lauro Lauro

---

SENTADO E ESTUDANTIL, ORLANDO PRESCRUTAVA O ABSURDO E O RABO DA PROFESSORA. DE REPENTE PASSOS NO CORREDOR ATRÁS DA PORTA FECHADA. “SERÃO POLÍCIAS OU ALUNOS ATRASADOS?” TAKAPASSOU A MULHER COM GIZ E ABRIU A POR-

TA. O HOMEM COLADO COM AS ORELHAS ENTREGANDO  
SAIU DE BANDA. BANDEIRA. SUA SUÁSTICA CAIU  
NO CHÃO. ORLANDO VIU O LANCE ACHOU NADA  
PISOU NA ESCADA E NÃO APARECEU MAIS POR ALI.  
PRA QUÊ?

NÃO ATO  
NEM DESATO  
DESA  
R  
T  
ICULO

---

Entre uma casa e orlando dá-se o seguinte:

- VENARÁVEL CÔMODO QUE ABRIGA CRIATURAS  
TÃO LIGADAS  
NÃO TEMARÁS RUIR DIANTE DE VIBRAÇÕES MAIS  
FORTES, PORVENTURA?
- ADORANTE EMBRIÃO, NÃO FUI ESCOLHIDO POR ACASO.  
CUMPRO COMO VOCÊ MEU DESTINO TODO MÊS.
- GENEROSA CASINHA QUE OLHA DE CIMA O CAMINHO  
QUE OLHA DE CIMA O RIACHO, QUE OLHA DE BAIXO  
VOCÊ, RESISTIRÁ AOS ABALOS CÓSMICOS ATÉ QUANDO?
- HONORÁVEL PESSOA. MINHA LIGA. MINHA VIGA  
VÍRGULA NÃO FAÇA FIGA NÃO FAÇA. FUGA. NEM O FOGO  
AFETA A FONTE NEM O BALANÇO MEU TEMPO.
- VIRGENS TERRAS DO PLANETA, QUAL A HORA QUE  
TRAGARÁS  
ESSA COURAÇA POLUÍDA QUE TE ESFOLA E FERRE?
- CURIOSA CRIANÇA, CONTINUA A VIVER JÁ QUE ISSO  
TE DISTRAI.

LET IT BRISA.

---

CAPITANEANDO A NAU CAPITÂNEA ORLANDO COMPARTILHA  
COMPARTIMENTO COM DIVA DIVINA CORISTA-DE-REVISTA  
ORGIAS A BOMBORDO O LITORAL APONTA FAROL CANHÃO  
LUNETAS DISPARATES O BARCO É FERIDO NO NARIZ E  
FAZ ÁGUA ORLANDO DÁ ORDEM À DESORDEM EMBARCANDO  
A TRIPULAÇÃO NO SUBMARINO PARA CASOS COMO ESSE  
NO BICO DO COLOSSO SEMI-AFUNDADO ORLANDES BARRIGA  
ENCOLHIDA FARDA DE GALA ASSOVIÁ O HINO DA  
ESQUADRA E PULA

O RESTO DA NAU ERAM BOLHAS

RIO MARACANÃ BANHEIRA DE D. MOEMA LARGO DO BOTI-

CÁRIO PRAIAS CARIOCAS O DIRIGÍVEL ESTACIONA NU-  
MA SARJETA SÓRDIDA DE NITERÓI PEGAM A BARCA PRO  
RIO ORLANDO ASSECLAS PARTNER DESVIAM A CANTARE-  
IRA RUMO À LAGOA RODRIGO DOS PEIXES EXILADOS COM  
FALTA DE AR E ÁREA BARCAROLA ANCORADA OS TRIP-  
ULANTES RAPTADOS SÃO ATIRADOS AOS TUBARÕES DE  
MANDÍBULAS OS REFÉNS PRA TRABALHAR E A TRIP TROP-  
A TROTA CORTE CANTAGALO ACIMA ABAIXO NA FINAL VI-  
SITA CORDIAL AO PEQUENO CANTO DO CÉU QUE ELA  
VEIO PRA SE LEMBRAR

BUNDA MOLE DEDO DURO TANTO TREME QUANTO ENTREGA

---

AS PESSOAS: “quitauquié utau di orlando?”

VALDIR, O REPÓRTER: senhor orlando, o senhor

é rípi, estuda ou traba-

lha ou vive de renda?

ELE

QUANDO QUERO FAZER PINTO

QUANDO QUERO SABER MENTO  
QUANDO QUERO PRAZER BRINCO

VALDIR: perdão senhor orlando, mas e o  
leite das crianças?

ELE DE NOVO A ENERGIA DADA  
PELOS QUATRO ELEMENTOS  
A TERRA DÁ A FRUTA  
O SOL DÁ A FORÇA  
A ÁGUA DÁ O PRAZER  
O AR DÁ O QUE PENSAR

O REPÓRTER: senhores e senhoras telespec-  
tadoras, os comerciais.

ELE SE DESPEDINDO NO PONTO CENTRAL  
DESFIGURADO  
RECARREGO  
ÀS VEZES

---

orlando terça à tarde andava numa esquina  
pra outra da avenida copacabana, na altu-  
ra da sé parou e continuou a pensar:

– tudo da minha terra.

e pulou no canto da boca uma satisfação.

– vou falar com a maioria, geral parabéns.

e prosseguiu

PASSOU POR UMA VALISE CARREGANDO UM  
TERNO TROPICAL TRAMBIQUEIRO  
CUMPRIMENTOU DE SARRO:

– investindo, hein?

O CARA DE PRESSA NEM PISCOU.

DEPOIS OUTRO:

– vigiando hein?

MAIS UM:

– traficando, hein?

E OUTRO:

– esculhambando hein?

AO QUINTO:

– pregando a moral hein?

DEPOIS DO QUINTO O SEXTO:

– consumindo hein?

SÉTIMO:

– Na paquera hein?

quando foi de repente uma pequena tosse chega do lado dele e diz:

– PASSEANDO HEIN?

orando olhou e viu apenas uma sombra na esquina de 31 de abril ele vai parar e refletir sobre a falta de imaginação no ar

Estado da Guanabara

SECRETARIA DE SERVIÇOS SOCIAIS

eu não quero comprar uma televisão colorida

—

Orlando viajou de balão

Atravessou vales, rios e mares

Depois desceu. Subiu numa pedra e disse publicamente:

– Di hoji em dianti soy hóspede do planeta. Por enquanto.

E mandou seu novo endereço à freguesia

\* \* \* \*

## Charles

falei torto  
fiz cambalhota  
ensaiei saltos mortais  
e dei saltos menores sem nenhum  
perigo  
as noites se arrastam e não existe vampiro  
os quadros repetidos irritam meu olho  
vermelho

\* \* \* \*

como sinto o coração mais forte nas situações  
miseráveis  
uma casa estranha onde me pergunto que que eu tô  
fazendo aqui  
onde eu posso dizer qualquer coisa ou pular pela  
janela  
que seria como se nada tivesse acontecido  
ou talvez um ai histérico se juntasse aos gritinhos  
da mesa de jogo  
e depois de trocado o disco tudo continuaria tranquilo  
e desceria suave como o vinho que se bebe  
nada quebra nada  
a solidão me pertence mais estupidamente como o anel  
da coluna partido

\* \* \* \*

## *Aula*

a luz da lua prateia a planta  
um bocejo dentuço engole a noite

\* \* \* \*

## *Stardust*

passa das duas horas  
o sol listra de luz o quarto  
esfrego o pé no tapete peludo

\* \* \* \*

tenho duas meias de lã metidas no saco  
a janela do ônibus pra pensar  
foi uma noite de prazer  
debaixo da cobertura morena mordida voraz  
os dias voam comigo nas asas

\* \* \* \*

metáfora e lirismo considerados ferrugem tetânica  
e no cuzinho não foi nada

\* \* \* \*

## *Circo abafado*

olho tapado no joelho  
outro tapeando entre as pernas  
conversas caretas de artistas fardados  
quadro rasgado no meio da parede  
confiança em mim

\* \* \* \*

## *Diário de bagos*

quando você se abaixa pra pegar um disco  
com seu vestido curtinho  
delicioso  
aparece a calcinha no rego moreno da bunda  
curto muito  
meu olhar derrete de prazer  
não há como enganar a evidência  
desculpe o volume do lado esquerdo da calça sem cueca  
com tesão não se trinca  
antes todos entendessem e se dedicassem de corpo e cama

obs.: meu pau esquecidamente duro  
cai no amolecimento

\* \* \* \*

## *Colapso concreto*

vivo agora uma agonia:  
quando ando nas calçadas de copacabana  
penso sempre que vai cair um troço na minha cabeça

\* \* \* \*

## *Drama familiar*

mais um berro histérico  
e mato um

\* \* \* \*

como aparador de grama gemia os braços  
enquanto tropeçava devagar no buraco dos dias  
alimentava o fogo de cinco anos  
fotografia amarela e braços dados pela praia

\* \* \* \*

## *Viagem besta*

a rede range range

range

range

nenhum carinho

a cabeça vazia cai no poço

oco

\* \* \* \*

em todo palco preparado

meu papel de improviso não presta

desconfiado afio o fino

e deixo o furo

\* \* \* \*

## *Crash cardíaco*

overdose  
pentelhos enroscadinhos na borda da privada  
de fora  
a mulher batendo sem saber que porta abrir  
ou que veia tomar

\* \* \* \*

## *Crime passional*

corre e dá a mão a outro  
corro e corto a mão dos dois

\* \* \* \*

## *Delírio de cacos*

ô abram alas  
não tem verdade passageira  
o anjo revolucionário bate asas na fumaça do cigarro  
bebe vinho tinto  
e detesta casinhas sem nenhum ladrilho banguela na  
cozinha

\* \* \* \*

nunca viajei de avião  
mas muitas vezes estive no ar  
um desinteresse marcante  
uma marcação latente  
uma dor de dente  
uma paixão fulminante

\* \* \* \*

## Bernardo Vilhena

Olho pra pílula e penso o que contém além do excipiente químico necessário pra torná-la pílula; quais drogas entram na composição para fazê-la una, em suspensão, droga?

Será para os males do corpo ou do espírito?

Coramina ou adrenalina?

Quem sabe é contra o enjôo das coisas novas transformadas em velhas para serem mais digeríveis? E, às vezes é contra a indigestão causada pelos sapos que nos põem à mesa. Contra a proliferação de nossos entes mortais à burrice, à alienação, ao colonialismo estúpido.

Será realmente uma droga, mortal? Que acaba de vez com a fome dos fodidos? Com a sede do poder?

Por momentos pensei: não será uma droga que liberta os intestinos, aguça os sentidos, endurece os ossos, afia os dentes? Ah! Lá se vai uma hora que a descobri e ainda não atinei porque a encontrei ali. Dentro de um morango, num sundae do Bob's. Olho pra Val e vejo sua cabeça se decompor num sorriso: os cabelos correm ao vento como veios de ouro, os olhos choram lágrimas de riso zombeteiro, que lhe caem no peito como lápis-lazúli. Ao fundo, o mar corre pro infinito e encontra o céu caído no horizonte, torto.

É uma onda.

\* \* \* \*

Alzira passou e disse:

Lá está o Clemente emboscado.  
Em busca de não sei o quê.

\* \* \* \*

foi sem querer que ela falou  
ela nem tinha pensado  
foi sem querer que ela topou  
ela nem tinha gostado  
foi sem querer que ela matou  
ela nunca tinha atirado

\* \* \* \*

## *Vida bandida*

Chutou a cara do cara caído  
traiu o melhor amigo  
corrente soco-inglês e canivete  
o jornal não poupou elogios  
sangue & porrada na madrugada  
É preciso viver malandro  
não dá pra se segurar  
a cana tá brava a vida tá dura  
mas um tiro só não dá pra derrubar  
correr com lágrimas nos olhos  
não é pra qualquer um  
mas o riso corre fácil  
quando a grana corre solta  
precisa ver os olhos da mina  
na subida da barra  
aí é só de brincadeira  
ainda não inventaram dinheiro  
que eu não pudesse ganhar

\* \* \* \*

## *Telma*

Eu sou o sonho dos homens  
a eternidade

Sou a nuvem que passa  
a poeira que levanta  
a fumaça dos cigarros

Se me quiser vem me pegar no voo  
pra me largar bem rápido

\* \* \* \*

## *Ouvindo ao acaso nº 477*

avenida atlântica  
interior de um táxi

chofer: padres mortos  
famílias destruídas  
guerras, milhares de mortos  
tudo isso pra vestir o índio  
E hoje, é o que se vê.

\* \* \* \*

## *À sombra de um pé de pau-brasil*

Acredito no balanço das árvores  
que se não induzem, sugerem  
leve origem dos ventos  
a encher de sons o ar  
soprado de respostas às vezes esquecidas  
varrendo as mentiras pregadas  
em nome da evolução e do progresso  
à sombra  
à sombra de um pé de Pau-Brasil

\* \* \* \*

## *Tira-teima*

Tire a faca do peito  
e o medo dos olhos  
Ponha uns óculos escuros  
e saia por aí. Dando bandeira

Tire o nó da garganta  
que a palavra corre fácil  
sem desculpas nem contornos  
Direta: do diafragma ao céu da boca

Tire o trinco da porta  
liberte a corrente de ar  
Deixe os bons ventos levantarem a poeira  
levando o cisco ao olho grande

Tire a sorte na esquina  
na primeira cigana ou no velho realejo  
Leia o horóscopo e olhe o céu  
lembre-se das estrelas e da estrada

Tire o corpo da reta  
e o cu da seringa  
que malandro é você, rapaz  
o lado bom da faca é o cabo

Tire a mulher mais bonita  
pra dançar e dance  
Dance olhando dentro dos olhos  
até que ela morra de vergonha

Tire o revólver e atire  
a primeira pedra  
a última palavra  
a praga e a sorte  
a peste, ou o vírus?

\* \* \* \*

## *O Forte de Copacabana*

O teste cooper me intriga  
cabeças sob pernas na areia

\* \* \* \*

Brinca o brilho da gota na beira da folha solta; no fio que não tem fim;  
na poça gota a gota um gosto de água na boca.

\* \* \* \*

# Leila Miccolis

## *Pena de morte*

Eram bastante bons  
aqueles tempos de ódio,  
em que planejávamos nossos assassinatos,  
pelo simples prazer de nos vingarmos:  
eu te via com os dedos na tomada,  
tu me vias sufocada pelo gás.  
Tempos em que sorrias ao atravessar a rua,  
e eu achava graça em ser atropelada;  
tempos em que queríamos fazer um filho  
para espancarmos juntos,  
nos dias de ócio,  
em que eu te servia de escarradeira,  
em vez de cozinheira e passadeira.  
Depois veio o amor,  
que é como um lenço em que se assoa,  
ou mãe que chicoteia e nos perdoa.  
Hoje afago-te as corcovas  
e lustro-te as botas novas.

\* \* \* \*

## *Moda*

Eu queria te ver,  
coxas de fora,  
(como de fora vejo teus pelos do peito  
pela camisa de seda),  
a andares na rua,  
entre assobios e apalpadelas,  
o olhar disperso  
como quem nada percebe,  
e mostrando ao sentares,  
subindo-te a roupa,  
a cueca combinando com a gravata.

\* \* \* \*

*Até que a morte nos separe*

Esqueço meu desejo de vingança,  
e a mágoa recalcada esqueço até,  
se ponho a te afagar o membro flácido  
com as pontas dos artelhos  
do meu pé.

*Eu te dou os melhores anos de minha vida*

Coso a alça de um vestido descosido,  
enquanto pregas um prego  
numa madeira bichada,  
dou chiclete a nosso filho  
para parar de gritar,  
te mostro a casa cheirando  
a pinho e desodorante,  
me sorris agradecendo.  
E certo que não quero recompensa.  
Mas te beijo tua boca vomitada  
que tem gosto de fome  
e de torrada.

\* \* \* \*

## *Sétimo céu*

Tudo acabado entre nós  
Deus é testemunha  
que na flor da idade  
chorei por ti lágrimas de sangue  
e que te amei  
com todas as forças do meu ser;  
mas a ilusão durou pouco:  
a triste realidade dissipou  
os meus sonhos e esperança,  
assim como o mar desfaz  
todo castelo de areia;  
com tua perfídia me enganaste;  
como um cão vadio me enxotaste;  
na rua da amargura me lançaste.  
Agora teu olhar me corta  
como lâmina fria;  
vago como morta viva  
sendo a sombra do que fui,  
a lembrar de um passado feliz  
que não volta mais,  
imersa em dor, tormento e padecer,  
mas sabendo que este mundo  
não comporta o meu sofrer.

\* \* \* \*

## *Três números de mágica*

O espetáculo começa:  
faço sair da cartola  
televisão a cores,  
automóveis,  
e imóveis no Leme  
a pagar em 180 prestações.  
Depois te serro ao meio no caixão,  
para salvar-te a seguir:  
surges inteiro e pareces tão ileso  
que nem dá para notar a castração.  
Por último me cubro – abracadabra! –  
e volto aos tempos de menina,  
tirando da vagina objetos contundentes  
que fizeram a minha vida  
e o meu hímen complacentes.

\* \* \* \*

## *Laços indissolúveis*

Refaço nós do capacho:  
por um fio me escapas,  
por um laço te prendo;  
tranço um fio – me queres –  
tranço outro – me odeias.  
Por diversão lavo o filho até conseguir dar brilho,  
enxaguio tua barba de bom-bril  
com mil e uma utilidades,  
colho batatas grelhadas  
da raiz do teu cabelo  
para de noite jantar,  
e no fim da noite gozo,  
te chupando o calcanhar.

\* \* \* \*

## *Pitada de açúcar*

Quero ver onde vai dar teu jogo  
de esconder o feto no forno,  
o macarrão no banheiro da empregada,  
a cerveja na bexiga cheia.  
Teu jogo de esconder  
o desejado  
no sorriso cordial,  
e nas festas galantes de sempre.  
Esconder tua voz de cio,  
teus pelos enroscados  
entre a coxa aberta,  
o medo de perder a virgindade  
e o teu recato de homem.

\* \* \* \*

# Adauto

## *A pombinha e o urbanoide*

a Roberto Parada

quando haveremos de nos ver pombinha?  
quando construiremos a nossa arca para escaparmos do dilúvio?  
o povo pergunta pelo seu horóscopo e tem as marmitas vazias  
y eu pergunto por Abbie Hoffman  
& por todos aqueles desbundados Q de uma maneira  
ou de outra acabaram no hospício o corpo destruído  
pela insulina  
y eram as cucas mais maravilhosas da minha geração  
você brinca nos céus dos meus dias contados  
y fita se babando lendo versos de Pound  
enquanto eu aos poucos transformo-me num personagem  
de Edgar Allan PUM (alguém deu um tiro na cabeça  
aqui ao lado...)  
quando haveremos de nos ver novamente  
Ah! sou um urbanoide circulando pela cidade  
a alma mecanicamente dirigida pelos computadores  
y pelos tiranos Q por trás dos muros intransponíveis  
de suas fortalezas fizeram de minha vida ficção científica  
y fico circulando pelas ruas robotizado  
enquanto o povo morre aos meus pés  
quando sento para escrever  
sinto Q o cordão umbilical ainda não foi cortado Y meus  
olhos (botões de vidro?) entram em curto-circuito  
e o exterior é uma paisagem estranha  
onde está a New-Left, pombinha?

ao café lendo meus poetas preferidos  
me pergunto a razão de tudo isso  
pombinha, a guerrilha humana ou a anarquia geral  
salvariam o povo  
mas antes era preciso organizar um imenso carnaval  
invocarmos todas as divindades populares  
Y botar uma BUMBA-meu-BRECHT na rua  
o sufoco acabaria, pombinha  
você voaria pelos céus do alumbramento  
montada no seu Cavalo-de-Troia...

\* \* \* \*

...quando a luz do sol vai entrando de novo  
dividindo o quarto num tratado de tordesilhas  
eu nervoso me olho no espelho  
me joga no sofá me vejo cortado  
em duas postas  
penso em você anjo louco  
na sua força diabólica  
maior Q a força do afrika korps  
chego ao terraço – vejo o rio de janeiro  
estou de saco cheio – olho a babilônia dos pobres  
olho a cidade com a maldição dos renegados  
com a glória neurótica do anjo exterminador  
fumo uma maconha ligo a vitrola  
telefone aos amigos  
tomo um conhaque toco todos os sambas-canções  
Q conheço de Nelson Gonçalves  
procuro entender esse dia rompendo  
todos os laços de família  
querendo Q os insetos  
invadam a casa e destruam as mobílias  
sinto no lombo

cem anos de solidão  
naufragando no negror da babaquice  
MAS TUDO SE MOVE!...

\* \* \* \*

à Patrice Lumumba

em cada pirado  
em cada pivete  
em cada malandro  
em cada suicida  
em cada sub/urbanoide  
eu vejo  
    todo o

seu esplendor  
escorrendo pelos bueiros  
desta  
cidade vazia  
– meu único congo...

\* \* \* \*

– como haveria de cantar? –  
berra todo nosso sufoco  
como um doido na camisa de força.

vem do útero do ânus estuprado  
do peito doente  
da cirrose do fígado.

minha poesia é o pânico  
a quarta dimensão terrível  
da vida consumada no porto da barra pesada  
das penitenciárias dos hospícios  
do pervintin da maconha da cachaça

do povo na rua  
– do povo de minha laia.  
minha poesia é o hino  
dos libertinos  
q conspiram na noite dos generais...

\* \* \* \*

o salvador da pátria  
foi apedrejado & morto a pauladas  
como veado  
porque sua roupa  
era toda colorida  
y beijava na boca  
todos os que passavam na rua...

\* \* \* \*

levantou os dedos em V  
& enfiou duas vezes a faca  
no peito do hippie...

\* \* \* \*

lances assassinos  
essa noite acredito  
cicatriz sinistra  
a mão do estrangulador  
acaricia sua garganta  
vampiro maníaco sexual  
toca punheta ouvindo Janis Joplin.

\* \* \* \*

moça/pop fode com o mundo

vagina psicotrópica  
a lei do VENTRE LIVRE

\* \* \* \*

mais cedo ou mais tarde  
ainda prego um tiro de  
canhão no ouvido

depois estendam meu corpo  
negro como um guarda-chuva  
no centro da Avenida Presidente Vargas

as mulheres passarão por cima  
os meninos mijarão sobre meu corpo  
os homens jogarão cinzas de cigarro

debaixo de mim nascerá  
uma cidade  
cheia de orixás...

\* \* \* \*

## *Pólis I*

decúbito dorsal  
duas pistolas 765  
(uma em cada mão)  
cinco rosas negras de pólvora  
tatuadas nas costas...

\* \* \* \*

## *Pólis II*

a mão rápida do pivete agarrou a bolsa da velha  
a velha teve um troço & caiu babando na rua  
rápido o pivete atravessou a Avenida Rio Branco  
duas horas depois o rabeção veio buscar a velha  
o sol brilhava insistentemente sobre a metrópolis...

\* \* \* \*

### *Pólis III*

depoimento do urbanoide:

– depois Q inventaram o metrô nesta  
capital, acabaram com os tatus  
com o mangue & com os undergrounds  
mas os pássaros também cantam na  
periferia...

\* \* \* \*

minha avó não sabe Q esse silêncio Q espreita nossas  
presenças recua ao mistério dos passos da Guarda Civil  
Espanhola

minha cabeça pende para o lado a veia exposta ao  
dente invisível Q morde vorazmente meus segredos o  
sangue tinge os tapetes corre por debaixo das portas  
das escadas ganha o corredor & afoga os Q esperam o  
elevador

minha avó traz-me chá & bolachas y os jornais sinto  
desejo cabalístico de desvendar a fenda estreita Q une  
esse monte de carne & osso cansado & velho y a minha  
loucura

minha avó gargalha com ausência de dentes Y eu mais  
uma vez descubro em mim o gnomo sem fábulas cor-  
rendo pela casa aos berros e bagos balançando procu-  
ro em cada canto o beijo da serpente arrependida  
(a Guarda Civil Espanhola vasculha nosso porão...)

minha avó se despe sensualmente para ser outra vez  
possuída pelo cadáver orgulhoso de meu avô morto na  
Guerra do Paraguai...

\* \* \* \*

## Posfácio<sup>1</sup>

Esta Antologia é certamente datada. Nesta segunda edição, 22 anos depois, procurei evitar qualquer alteração em sua forma original, atendo-me apenas à atualização biobibliográfica das notas finais sobre os autores nela reunidos.

Esse movimento quase instintivo de “tombar” a atmosfera política e cultural daquele momento no qual esse trabalho foi realizado, coloca também como pouco atraente a ideia de escrever uma nova introdução. Preferi registrar um pouco da história e do contexto de realização desse trabalho.

Estávamos no início da década de 70, um momento no qual as universidades, o jornalismo e a produção cultural, à imagem e semelhança do Congresso, entraram em recesso por tempo indeterminado. Da euforia nas artes e nas manifestações políticas, passou-se à disforia que meu amigo Zuenir Ventura, num certo e memorável balanço da década, definiu como o vazio cultural. Mas não é essa a história que me cabe contar neste momento.

O que interessa é que, por volta de 1972-1973, surgiu, assim como se fosse do nada, um inesperado número de poetas e de poesia tomando de assalto nossa cena cultural, especialmente aquela frequentada pelo consumidor jovem de cultura, cujo perfil, até então, vinha sendo definido pelo gosto da música, do cinema, dos shows e dos cartoons. Esse surto poético, que a cada dia ganhava mais espaço, só podia, portanto, ser visto como uma grande novidade. Além disso, nos anos 60, marcados pela intensidade da vida cultural e política no país, a produção literária, ainda que fecunda, ficara um pouco eclipsada pela força e originalidade dos movimentos artísticos de caráter mais público como o cinema, o teatro, a MPB e as artes plásticas. Tínhamos, portanto, uma dupla novidade: a literatura conquistava um público, em geral avesso à leitura, e conseguia

recuperar seu interesse como produto original e mobilizador na área da cultura.

Atraída por essa ostensiva presença da poesia, comecei a me interessar por este fenômeno que, na época, foi batizado com o nome poesia marginal, sob protestos de uns e aplausos de outros.

Além de fenômeno quantitativamente intrigante, o exame desta produção sinalizava outros traços curiosos e paradoxais. Era uma poesia aparentemente light e bem-humorada, mas cujo tema principal era grave: o ethos de uma geração traumatizada pelos limites impostos a sua experiência social e pelo cerceamento de suas possibilidades de expressão e informação através da censura e do estado de exceção institucional no qual o país se encontrava. Ao mesmo tempo, era uma poesia “não-literária”, mas extremamente preocupada com a própria ideia canônica de poesia. Preocupação que se autodenunciava através de uma insistência sintomática em “brincar” com as noções vigentes de qualidade literária, da densidade hermenêutica do texto poético, da exigência de um leitor qualificado para a justa e plena fruição do poema e seus subtextos.

Além disso, mostrava-se como uma poesia descartável, biodegradável, que parecia minimizar a questão de sua permanência ou até mesmo de sua inserção na tradição literária, mas que desenvolvia, com grande empenho, tecnologias artesanais e mercadológicas surpreendentes para a produção, divulgação e venda de seu produto.

Decidi fazer da poesia marginal meu objeto de pesquisa. Mapeava os núcleos produtores, acompanhava os eventos e lançamentos, recolhia e analisava os livrinhos, os poemas seus poetas. De repente, meu próprio cotidiano afetivo foi permeado pela presença dos marginais, com a maioria dos quais convivi, desenvolvi trabalhos conjuntos, fiz amizades, cumplicidades e atravessei aqueles “negros verdes anos”, como, mais tarde, escreveria Cacaso.

Deve ter sido por isso que fui procurada por um dos diretores da Labor, recém-chegado ao Brasil, que andava buscando uma novidade para editar como o primeiro lançamento da filial brasileira da conhecida editora espanhola. Juan me sugeriu que organizasse uma antologia com a poesia

“de los hijos de la dictadura”. Ainda que eu tenha achado, num primeiro momento, uma proposta um tanto institucional para aqueles que exatamente estavam recusando, com êxito, os canais tradicionais das editoras comerciais, fiquei mordida pelo impacto que esta publicação poderia produzir no debate cultural meio morno daquele momento. Aceitei o convite.

Portanto, a ideia desta hoje clássica Antologia infelizmente não foi minha, mas de um comerciante estrangeiro que viu, naquela poesia rápida e rasteira, um potencial polêmico nada desprezível para uma editora que se lançava num mercado desconhecido.

Chamei Chico Alvim e Cacaso como consultores ad hoc para a seleção daquele vastíssimo material que me inundava gavetas, arquivos e tapetes. Tudo certo, chegou a hora que eu mais temia à decisão dos critérios de escolha, ou seja, de inclusão/exclusão de nomes e textos na Antologia. Foi nesse momento que percebi a arbitrariedade da organização de uma antologia, o que, até então, pensava ser uma atividade simples, lógica e quase-burocrática.

Em primeiríssimo lugar, conhecendo o material como eu conhecia, também sabia que um de seus maiores trunfos era um certo ecletismo, uma recusa em se deixar identificar claramente como um “movimento” ou mesmo como uma “tendência”, uma recusa até mesmo de explicitar qualquer projeto estético, comportamental, social. O material de que eu dispunha era vastíssimo. Qual seria o denominador comum que poderia me ditar os contornos do inevitável critério que iria orientar a organização deste trabalho que eu tinha pela frente? Sentia-me como se estivesse diante do velho teste Rochard. O que Roberto Schwarz teria a ver com Chacal? Zulmira Tavares com Torquato Neto? O que Antonio Carlos Secchin teria a ver com Leila Miccolis? Em vez de responder livremente à provocação do teste que se me apresentava pela frente, procurei, medrosa, reaver alguns parâmetros críticos e teóricos que já tinha no bolso. Argumentei então que, do ponto de vista da linguagem, essa poesia seria uma alternativa à hegemonia das vanguardas, da tradição cabralina bastante influente naquele momento, e que parecia representar uma retomada do modernismo de 1922.

Afirmava isso tomando por base o uso do humor, a invasão dos fatos insólitos e cotidianos no território literário, a presença de uma dicção trabalhadamente informal no olimpo poético, o desejo renitente de aproximar, com um só golpe de linguagem, arte e vida. Fazia um certo sentido. Estávamos ainda em plena era dos formalismos experimentais. O próprio Tropicalismo, movimento anárquico, “popular” e agressivo, portanto, anunciando já um rompimento com a noção de cultura “cult”, foi procurar sua legitimação artística através da vanguarda concretista de São Paulo. Por aí, avessa ao enquadramento formal e valorizando abertamente a distensão coloquial, a poesia marginal na realidade apresentava um certo parentesco – talvez menos estético do que de intenções – com nosso movimento modernista. Parecia que eu tinha descoberto meu álibi. Chico e Cacaso aplaudiram o achado. Hoje, vejo que, nesse desvio nobre, perdi meus melhores argumentos.

O que realmente me atraiu nesse material não foi a unidade que eu dizia procurar ao defini-lo para justificar o conjunto dos participantes da Antologia, mas, muito pelo contrário, o claro direito ao dissenso que este material começava a reivindicar em nossa produção cultural. A variedade de estilos, projetos e crenças que encontrei nesta última releitura dos 26 me encantou. É bem verdade que, na organização deste conjunto, não desgrudei o olho de sua representatividade enquanto registro político naquele momento de extremado rigor da censura. Um exame atual deste material vai ler, com muita facilidade, em cada poema-piada, em cada rima, em cada “ouvido ao acaso”, um elo da experiência social da geração AI5, uma geração cujo traço distintivo foi exatamente o de ser coibida de narrar sua própria história. Cacaso na época dizia: “Isto não é um movimento literário. É um poemão. É como se todos estivéssemos escrevendo o mesmo poema a 1.000 mãos.” Portanto, o que, na realidade, unia aquele sem-número de poetas & poemas era uma aguda sensibilidade para referir – com maior ou menor lucidez, com maior ou menor destreza literária – o dia a dia do momento político que viviam. Talvez por isso recusassem, tão acidamente, a qualificação “marginal”, que terminou oficializando sua entrada na literatura.

Com o tempo a gente se esquece do que foi a convivência com um estado de exceção. Mas, ao reler agora a introdução que escrevi na época, o que mais me chamou a atenção foi a total ausência de qualquer menção minha ao quadro histórico que contextualiza esta poesia. Fui, neste sentido, o maior exemplo do exercício pleno e “natural” da autocensura que me levou a omitir, nada mais, nada menos, do que o objetivo central da pesquisa que desenvolvi durante oito anos sobre os subtextos políticos e os desafios interpretativos da aparentemente ingênua e descompromissada poesia marginal.

É interessante lembrar ainda que a Antologia não foi recebida pacificamente. Um pouco, todos se irritaram: imprensa, professores, críticos, poetas. A academia repetia, com uma insistência inexplicável, que “aquilo não era poesia, era um material de interesse apenas sociológico”. Hoje, mais distante do calor daquela hora, me pergunto: o que estaria sendo entendido (dito) ali como “sociológico”? Qual seria a cotação da sociologia em relação à teoria literária, à história e à antropologia na bolsa de valores da crítica dos anos 70? Havia ainda alguns poetas e professores, conhecidos como progressistas, que escreveram acalorados artigos comentando à inadequação do baixo calão do vocabulário usado por aquela poesia. O advento dos marginais conseguiu até acirrar a paroquial disputa Rio-São Paulo, provocando afirmações que denunciavam, na proliferação bem-sucedida dos livrinhos de poesia alternativa – pasmem! – uma manobra da crítica carioca contra o concretismo paulistano. Havia ainda estudiosos de impostação aparentemente marxista que procuraram definir a falta de qualidade desta produção literária como um reflexo da “piora” da própria sociedade, agora inexoravelmente controlada por impulsos consumistas.

Ou seja, essa poesia ruim, suja e sem qualidade ocupou um espaço para mim totalmente inesperado na imprensa e nos debates acadêmicos da época de seu lançamento na Antologia 26 Poetas Hoje. Isso parece demonstrar que talvez essa poesia ruim estivesse tocando em necessários pontos obscuros do debate literário ainda em mãos ortodoxamente modernistas. Talvez arranhasse, mesmo de forma incipiente e desorganizada, pontos nevrálgicos que já configuravam as grandes quebras que viriam marcar a inflexão

cultural das décadas seguintes. Não diria que a poesia marginal, mesmo sinalizando mudanças paradigmáticas e anunciando-se plural, já estaria anunciando uma inflexão pós-moderna. Seria bobagem. Não encontro traços definidos da arquitetura de citações e do pensamento minimalista pós-moderno; não vejo o gosto da erudição associando-se aos gêneros populares; não vejo a encenação agressiva da violência ou da sexualidade; não vejo o narrador outsider privilegiando a dimensão espacial à temporal; não vejo, sobretudo, a razão cínica comprimindo o futuro no presente. Seria também irresponsável de minha parte repetir a façanha de defini-la como uma reapropriação do modernismo, como fiz na introdução da Antologia, revisitando-a hoje como um antecedente do pós-moderno. Além do que, nestes vinte anos que nos separam de seu lançamento, aprendemos a temer os riscos e traições com os quais a própria ideia de periodização pode nos surpreender.

Prefiro pensar nos 26 Poetas como um trabalho irrecusável, visceralmente contextualizado, feito a várias mãos, construindo um cluster político-literário que, seguramente, ainda não disse tudo a que veio naqueles idos de 1976.

Rio de Janeiro, novembro de 1998

---

<sup>1</sup> Versão modificada de “Observações: críticas ou nostálgicas?” in Poesia Sempre, ano 5, número 8, Rio de Janeiro. Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

## Sobre os autores

FRANCISCO ALVIM (Chico Alvim) – Nasceu em Araxá, Minas Gerais, em 1938. É diplomata. Livros publicados: *Sol dos cegos* (1968); *Passatempo* (Rio de Janeiro, 1974); *Dia sim dia não* (Brasília, 1978); *Lago, montanha* (Rio de Janeiro, 1981); *Festa* (Rio de Janeiro, 1981); *Poesia reunida* (1968/1988, São Paulo, 1988).

CARLOS SALDANHA (Zuca Sardan) – “Escreve com pena de urutau. Ostenta várias medalhas. Perdeu grande parte das obras numa mala de crocodilo que fugiu e mergulhou na Lagoa.” Livros publicados: *Cadeira de bronze* (Rio de Janeiro, 1957), *Aqueles papéis* (Rio de Janeiro, 1975), *Ás de colete* (Washington, 1979), *Visões do barco*, *Bebbé-Gamão* (Rio de Janeiro, 1967), *Olho do coração* (São Paulo, 1993), reedição de *Ás de colete* (São Paulo, 1994), *Almanach esportivo* (1981).

ANTÔNIO CARLOS DE BRITO (Cacaso) – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1944. Formado em Filosofia, poeta e compositor. Livros publicados: *A palavra cerzida* (1967), *Grupo escolar* (1975), *Segunda classe* (1975), *Beijo na boca* (1975), *Mar de mineiro* (1982). Publicações póstumas: *Em ensaio* (1996), *Não quero prosa* (UFRJ/ UNICAMP), *Críticas*.

ROBERTO PIVA – Nasceu em São Paulo, em 1937. Foi professor na rede de ensino público. Atualmente se dedica a dar palestras sobre Xamanismo e outros temas relacionados à poesia. Livros publicados: *Paranoia* (São Paulo, Editora Massao Ohno, 1963), *Piazzas* (São Paulo, Editora Massao Ohno, 1964), *Coxas* (SP Feira de Poesia, 1979), *20 poemas com brócoli* (São Paulo, Editora Massao Ohno/Roswitha Kempf, 1981), *Quizumba* (São Paulo, Editora Global, 1983), *Antologia poética* (Porto Alegre, L&PM, 1985).

TORQUATO NETO – Nasceu em Teresina, Piauí, 1944. Foi repórter, letrista, compôs e escreveu *shows*, assinava a coluna *Geleia Geral* na *Última Hora*. Deixou 17 músicas gravadas. Em 1973 foi lançada *Os últimos dias de paupéria*, sua obra póstuma. Morreu no Rio de Janeiro, em 1972.

JOSÉ CARLOS CAPINAN – Nasceu em Esplanada, Bahia, em 1941. Compositor e letrista de canções, algumas em parceria com Gilberto Gil e Geraldo Azevedo, famosas como *Soy loco por ti, América*; *Viramundo*; *Ponteio*; *Corrida de jangada*; *Miserere nobis Gotham City*, *Cidadão*, *La lune Gorét*. Livros publicados: *Confissões de Narciso* (1986); *Terra à vista* (1995); *Nas terras doseim fim*; *Balança mas Hai-Kai* (1996). Foi Secretário de Cultura da Bahia em 1986.

ROBERTO SCHWARZ – Nasceu em Viena, Áustria, 1938. Licenciado em Ciências Sociais pela USP, fez pós-graduação em Literatura Comparada nos EUA. Doutorou-se na França em 1976. Professor titular de Literatura Brasileira na Unicamp. Roberto Schwarz é um dos maiores críticos da literatura brasileira. Livros publicados: *Ao vencedor, as batatas* (ensaio 1977); *A lata de lixo da história* (teatro, 1977); *Que horas são* (ensaios, 1987); *Um mestre na periferia do capitalismo* (ensaio, 1990); *Duas meninas* (ensaio, 1997).

ZULMIRA RIBEIRO TAVARES – Nasceu em 1930, na cidade de São Paulo. Trabalha na área de cultura e realiza pesquisas sobre cinema e televisão. Além de colaborações em livros coletivos nas áreas de ficção e não-ficção, publicou *Termos de Comparação* (Perspectiva, Prêmio Revelação em Literatura da A.P.C.A); *O japonês dos olhos redondos* (Paz e Terra, 1982); *O nome do bispo* (Brasiliense, 1985, Prêmio Mercedes-Benz), *O mandril* (Brasiliense, 1988), *Jóias de família* (1990, Prêmio Jabuti de melhor autor e melhor romance) e *Café pequeno* (Companhia das Letras, 1995).

AFONSO HENRIQUES NETO – Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1944. Bacharel em Direito, exerceu a profissão de redator. Atualmente é professor. E poeta convicto. Livros publicados *O misterioso ladrão de Tenerife* (em coautoria com Eudoro Augusto, 1972); *Restos & estrelas & fraturas* (1975); *Ossos do paraíso* (1981); *Tudo nenhum* (1985); *Avenida eros* (onde se inclui também o livro *Piano mudo*, 1992); *Abismo com violinos* (Editora Massao Ohno, 1995); *Eles devem ter visto o caos* (a ser lançado pela Sette Letras no segundo semestre de 98).

VERA PEDROSA – Nasceu no Rio de Janeiro, 1936. Formada em Filosofia, é diplomata. Livros publicados *Poemas* (Rio de Janeiro, 1964), *Perspectivas naturais* (Lima, 1978), *De onde voltamos o rio desce* (Lima, 1979).

ANTONIO CARLOS SECCHIN – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1952. Formado em Letras. Professor titular de Literatura Brasileira da UFRJ. Atualmente é editor da revista *Poesia Sempre*, da Fundação Biblioteca Nacional. Tem sete livros publicados nas áreas de poesia, ficção e ensaísmo.

FLÁVIO AGUIAR – Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1947. É professor de Literatura Brasileira na USP desde 1973. Publicou o livro *Sol* (poemas) em 1972, com financiamento próprio, como era o costume. Tem poemas traduzidos e publicados no Canadá, na Itália e na França. Traduziu o livro de poemas *L'homme rapaillé*; (O homem retalhado), do poeta quebequense *Gastou Mirou*, publicado pela Editora Brasiliense em 1994. Recentemente publicou o livro *Outros poemas* na coleção Petit Poa, da Secretaria Municipal de Cultura (1997).

ANA CRISTINA LESAR – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1952. Formada em Letras pela PUC-RJ. Tradutora. Colaboradora do *Opinião*. Livros publicados: *Cenas de abril e Correspondência completa* (1979), *Luvras de pelica e Literatura não é documento* (1980), *A teus pés* (1983). Publicações póstumas: *Inéditos e dispersos*, organizado por Armando

Freitas Filho (1985); *Escritos da Inglaterra*, organizado por Armando Freitas Filho (1988); *Escritos no Rio*, organizado por Armando Freitas Filho (1993).

GERALDO EDUARDO CARNEIRO (Geraldinho Carneiro) – Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1952. Autor de teatro, letrista, roteirista de cinema e autor de trabalhos para televisão, entre minisséries e adaptações. Livros publicados: *Verão vagabundo* (1980), *Vinicius de Moraes, a sala da paixão* (1984), *Piquenique em Xanadu* (1988), *Pandemônio* (1993), *Shakespeare, A Tempestade* (tradução, 1993), *Bandeira cinco mil reais, Folias metafísicas* (1995), *Leblon: crônica dos anos loucos* (Rio Arte, 1996), *Sonhos da infância, com Carlito Azevedo* (tradução).

JOÃO CARLOS PÁDUA – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1950. Estudou Letras na PUC-RJ. Livros publicados: *Motor* (1974) e *Paisagem urbana* (1979).

LUIZ OLAVO FONTES – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1952. Formado em Economia pela PUC. Atualmente é escritor e roteirista de cinema. Livros publicados: *Prato feito* (1974), *Segunda classe* (com Antonio Carlos de Brito, 1975), *Último tapa* (1971), *Pelas barbas do profeta* (1984), *Tupis, rubis & abacaxis* (1987), *ócio do ofício* (1993), *Papéis de viagem* (1993).

EUDORO AUGUSTO – Nasceu em Lisboa, Portugal, em 1943, naturalizado brasileiro em 1953. Realizou trabalho de redação, pesquisa e tradução para editoras. No momento é produtor e programador musical na Rádio Cultura FM do Brasil, produtor de shows musicais e tradutor. Livros publicados: *O Misterioso ladrão de Tenerife* (com Afonso Henriques Neto) e *A vida alheia*.

WALY SAILORMOON (Waly Salomão) – Editor da emblemática publicação *Navilouca* (junto com Torquato Neto, 1974). Letrista de sucessos como *Mel*, *Vapor barato*, *Talismã*, *Alteza* e *Assaltaram a gramática*, e parceiro de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jards Macalé, João Bosco, Lulu Santos e Adriana Calcanhoto. Organizador de *Alegria, alegria* (textos de Caetano Veloso), *Últimos dias de paupéria* (textos de Torquato Neto) e *Aspiro ao grande labirinto* (textos de Hélio Oiticica). Livros publicados: *Me segura que eu vou dar um troço* (1971), *Gigolô de bibelô* (1983), *Armarinho de miudezas* (1993), *Algaravias* (1996), prêmio B.N.L. e Jabuti, *Hélio Oiticica, qual é o parangolé?* (1996), entre outros.

RICARDO G. RAMOS (Ricardo Gramos) – Carioca do Jardim Botânico, nasceu em 1942. Até aqui, com o sobrenome G. Ramos, já publicou *Comun y cativo*, *Estado de coisas* e *Sopa de sapato*. Sobre a alteração, diz apenas “meu ponto sempre foi facultativo”. Para breve, Ricardo, doravante Gramos, prepara *Indigno blues*, *A rabbit without a cause* e *Serpentecostal*, novos estilhaços poéticos. Tenta organizar, ainda, *O retrato de Wilson Grey*, antologia de seus livros publicados anteriormente, todos esgotados, com os poemas que considera seus greatest hits ou, como costuma afirmar, *the beast of me*.

LEOMAR FRÓES – Nasceu em Itaperuna, estado do Rio de Janeiro, em 1937. É jornalista de formação e profissão. Livros publicados: *Plurais* (1968), *Cassino Atlântico* (1968), *Um*

*rapaz de Cascadura* (contos, 1972) e *Boca rica com pobres dentes de sangue* (poemas, 1974). Em 1978 sai um poema seu no *Almanaque vitalidade*, da editora Nuvem Cigana, e em 1988 sai como verbete no Dicionário de poetas contemporâneos da Oficina Letras e Artes. Tem poemas publicados na revista Arrulhos, do movimento Arte na Baixada, em 1988.

ISABEL CÂMARA – Nasceu em Três Corações, Minas Gerais, em 1940. Escritora, poeta, dramaturga, atriz. Seu trabalho mais conhecido é a peça *As moças*, que lhe deu o Prêmio Molière de 1971 na categoria de autora. Em 1998 publica *Coisas coiô*, pela Editora Sette Letras.

CHACAL (Ricardo de Carvalho Duarte) – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1951. É poeta. Entre seus livros publicados estão *Muito prazer*, *Preço da passagem*, *América*, *Drops de abril* (1983), *Comício de tudo* (1986) e *Letra elétrica* (1994), entre outros. Produz o CEP 2000 desde 1990 e editora a revista *O carioca* desde 1996.

CHARLES RONALD DE CARVALHO (Charles) – Nasceu no Rio de Janeiro, 1948. Desde 1983 escreve programas para a TV Globo como *Armação ilimitada*, *Malhação* e a minissérie *Incidente em Antares*. Livros publicados: *Travessa Bertalha II*, *Creme de lua*; *Perpétuo só corro*, *Coração de cavalo* e *Marmota platônica*.

BERNARDO VILHENA – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1949. Fundador e editor da revista *Malasartes*. Editor do *Almanaque biotônico vitalidade da Nuvem Cigana* e da revista *O carioca*. Nos anos 80 produziu e compôs vários discos de MPB, tendo mais de 150 músicas gravadas.

LEILA MICCOLIS – Nasceu no Rio de Janeiro, 1947. Tem trinta livros editados (poesia e prosa) e várias obras publicadas na França, no México, nos Estados Unidos e em Portugal. É teatróloga, roteirista de cinema e escritora de novelas de TV como *Kananga do Japão*; *Barriga de aluguel* e *Mandacaru*.

ADAUTO DE SOUZA SANTOS (Ras Adauto) – Nascido em 07/12/50, no Rio de Janeiro. Bacharel em Letras pela UFRJ. Poeta, roteirista, ator, multimídia e técnico cinematográfico. Algumas obras: *Konfa & marafona II* (urbanoide) (1975); *Antologia folha de rosto* (poesias, 1976) *Ih, botaram fogo no mato* (1992); *Alô, hallo, Caetano* (1994); *O dia em que encontrei Frida Kahlo na rua* (1998); *A saga de D. Leopoldina do Brasil* (1998).

Copyright © 2016 by Heloisa Buarque de Hollanda

Distribuição exclusiva desta obra em formato digital: e-galáxia

Selo HB

Coordenação: Heloisa Buarque de Hollanda

Capa: A2 / Mika Matsuzake

1ª edição – 2016

Este livro foi editado através da e-galáxia

[www.e-galaxia.com.br](http://www.e-galaxia.com.br)